

O PODER DAS PIRÂMIDES

Emilio Salas
Román Cano

Novas e fantásticas
descobertas



6.^a EDIÇÃO



Contém
uma
pirâmide
experimental
multicor

O PODER DAS PIRÂMIDES

OBRAS PUBLICADAS PELA RECORD SOBRE PIRÂMIDES

A FORÇA DAS PIRÂMIDES (Max Toth & Greg Nielsen)

O PODER DAS PIRÂMIDES (Emílio Salas e Román Cano)

O PODER PSÍQUICO DAS PIRÂMIDES (Bill Schull & Ed Pettit)

O PODER SECRETO DAS PIRÂMIDES (Bill Schull & Ed Pettit)

AS PROFECIAS DA PIRÂMIDE (Max Toth)

OS SEGREDOS POR TRÁS DAS PIRÂMIDES (Geof Gray-Cobb)

EMILIO SALAS
ROMÁN CANO

O PODER DAS PIRÂMIDES

Tradução de LUÍSA IBAÑEZ

6ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD

Título original espanhol
EL PODER DE LAS PIRÁMIDES 2

Copyright 1978 by Ediciones Martinez Roca, S.A.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668
que se reserva propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922

SUMÁRIO

Prólogo

PRIMEIRA PARTE

Piramidologia Experimental

1. Das Ondas Nocivas à Energia Piramidal
2. A Fúria Piramidal
3. Mumificação e Conservação de Alimentos
4. Experiências com as Plantas
5. As Pirâmides e Saúde
6. A Água
7. O Alumínio e os Metais
8. Experiências Psíquicas
9. Radiônica, Magia Moderna
10. Outras Experiências

SECUNDA PARTE

Investigações Paralelas e Piramidologia Teórica

11. A Energia Universal
 12. Em Busca da Bioenergia
 13. A Bioenergia em Ação
 14. O Modelo Cósmico: Pai Céu
 15. O Modelo Cósmico: Mãe Terra
 16. A Arquitetura Sagrada
 17. A Grande Pirâmide: Templo Sagrado
- Conclusões
- Apêndice 1. Construção de Pirâmides
- Apêndice 2. Medição da Bioenergia pela Tensão Superficial
- Apêndice 3. Como Confeccionar uma Manta Orgânica
- Apêndice 4. O Rotor Ripoff
- Apêndice 5. Endereços

Bibliografia - Capa - Orelha e Contra-Capa

PRÓLOGO

Este livro encerra não só os resultados de nossa própria experiência no campo das pirâmides, qual já conta alguns anos, como também tudo quanto foi publicado respeito até presente data e chegou ao nosso conhecimento. Entretanto, não pretendemos que esta seja uma obra definitiva, mas apenas um instrumento de trabalho que permita ao interessado investigar, com conhecimento de causa, os fenômenos produzidos nas maquetes de pirâmides e, talvez também, na verdadeira pirâmide de Quéops. Assim sendo, queremos deixar bem claro que não oferecemos conclusões definitivas, porém linhas de investigação e hipóteses de trabalho, úteis como ponto de partida para estudos posteriores.

O trabalho que apresentamos foi dividido em duas partes: prática e teórica, além de apêndices complementares finais. Embora a parte teórica reúna teorias gerais e conclusões em um conjunto harmônico, isso não foi obstáculo para que, havendo necessidade, fossem as mesmas citadas na parte prática.

A fim de facilitarmos a tarefa do leitor, foram unificados dados e Medidas, evitando-se com isso incômoda necessidade da conversão de, por exemplo, polegadas em milímetros.

Com o risco de parecermos repetitivos, analisamos minuciosamente algumas das experiências. Assim procedendo, quise-
mos incutir no leitor interessado que, em toda investigação des-
tinada a ser rigorosa e com resultados que se pretenda acei-
táveis, deverá levar todas as variáveis em conta, repetindo-
as quantas vezes lhe for possível, a fim de chegar a conclu-
sões que forneçam um ponto médio. Por intermédio destas
linhas, recomendamos, a quem deseje realizar investigações por
conta própria, que não se limite a comprovar pessoalmente a
veracidade do que nós (ou outros investigadores) afirmamos,
mas que faça a experiência repetidas vezes, anotando os dados
cuidadosamente. Por vezes, uma variação inexplicável à pri-
meira vista pode correlacionar-se a circunstâncias e aconteci-
mentos anteriormente despercebidos. Tal seria o caso, por nós
mesmos testemunhado, de diferenças nos resultados de provas
idênticas, realizadas no campo e na cidade, diferenças essas
talvez devido à distinta ionização do ar, à poluição ou outros
fatores ainda ignorados. Também é aconselhável conservar com
cuidado todos os dados obtidos, a fim de estar em condições de
repetir a experiência, por ocasião de uma circunstância excep-
cional (a contração máxima de manchas solares, por exemplo).

Uma última advertência: nesta obra, prescindimos dos da-
dos históricos que costumam ocupar metade dos livros dedi-
cados ao tema. Procuramos, igualmente, evitar repetições com
respeito à obra de Max Toth e Greg Nielsen, *A Força das Pirâ-
mides*¹, que supomos já em poder de nossos leitores.

referência a ela somente nos casos em que uma experiência
exija uma análise mais detalhada ou nos pontos que desperta-
rem maior interesse, como comprova a abundante correspon-
dência recebida.

Resta-nos apenas agradecer a paciência de nossos leitores
para conosco e desejar-lhes que se animem a participar das
experiências. Ficaremos duplamente gratos se, além disso, nos
comunicarem seus resultados, a fim de que ampliemos nossos
conhecimentos.

¹ Publicado no Brasil pela Record.

PRIMEIRA PARTE

PIRAMIDOLOGIA EXPERIMENTAL

DAS ONDAS NOCIVAS À ENERGIA PIRAMIDAL

Quando nos iniciamos na radiestesia aprendemos, antes de mais nada, que todos os corpos emitem certas ondas ou radiações, traduzidas pelo pêndulo por uma série de movimentos. Uma vez conhecidos, tais movimentos permitem a detecção de jazidas minerais e águas subterrâneas.

Em sua ânsia de catalogar tudo quanto se punha sob seu pêndulo ou varinha, os radiestesistas foram classificando todos os corpos segundo as radiações emitidas e chegaram ao extremo de afirmar que, inclusive, cada pessoa, enfermidade, medicamento ou objeto emite ondas particulares.

Assim sendo, não é de estranhar que, levados por tal ânsia, tentassem encontrar a radiação de qualquer anomalia, detectada em um ou outro lugar. Desta forma, passaram a perceber reações em seus instrumentos, segundo a colocação das camas de alguns doentes. Verificaram que, deslocando a cama ou trocando o doente de quarto, conseguiam casos abundantes de melhora e cura. As radiações responsáveis por essas perturbações foram, então, chamadas de "ondas nocivas".

Os primeiros a falar do tema foram os franceses; entre muitos outros, cabe assinalar o abade Mermet, A. Bovis, J. Martial,

Chaumery, A. de Bélizal, L. Turenne e Enel. Na Alemanha, destacaram-se Kritzinguer e Gotsche, seguidos por Von Pohl, cuja obra *Erdstrahlen als Krankheitserreger* (Os Raios Terrestres Como Causa das Enfermidades), publicada em 1932, encontrou amplo eco em todos os países.

Quase simultaneamente, foi descoberta uma série de novos fenômenos, como a existência de certos pontos críticos em algumas estradas; nos quais aconteciam acidentes inexplicáveis, em número muito superior ao normal, bem como a existência de edifícios (as famosas casas cancerígenas), cujos habitantes eram vitimados por enfermidades mortais ou onde se registravam suicídios ou atos violentos, também em índices superiores aos normais. Era lógico imaginar-se a existência de alguma causa específica para essas ocorrências incomuns: nesses lugares foi, igualmente, detectada a presença de ondas nocivas.

Pouco a pouco, surgiu uma teoria de paternidade controversa, já que os radiestesistas formavam um grupo muito homogêneo e permutavam entre si suas descobertas e conclusões. Segundo a dita teoria, a superfície terrestre está envolta em duas redes paralelas de forças, uma subterrânea ou telúrica e outra superior ou cósmica. Em determinados lugares e devido a acidentes do terreno (correntes subterrâneas, falhas naturais, jazidas, cavidades, etc.) haveria um desequilíbrio entre ambas as forças, sempre em um sentido de maior força telúrica. Quando esta aflora à superfície por um desses pontos, surgem as ondas nocivas.

Como podemos constatar, essa teoria é muito próxima — se não a continuação lógica — da crença dos antigos na existência de "rios infernais", nos quais eram desintegradas as sombras dos mortos; esses "rios" emergiam do subsolo, em certos lugares, como gêiseres invisíveis, sendo ali onde os homens pré-históricos plantavam seus menires, como postes sinalizadores dos mesmos e, por que não, como acumuladores de força telúrica.

Podemos também perceber, na teoria dos radiestesistas, a influência da nascente eletrônica, com o mecanismo da transmissão das ondas, assim como da teoria da ionização, negativa no solo e positiva na atmosfera.

Assim sendo, não é de estranhar que, em tal ambiente, se produzisse o famoso caso do Sr. Bovis e as pirâmides.

Durante uma viagem pelo Egito, Bovis visitou casualmente a Grande Pirâmide de Quéops. Na chamada Câmara do Rei, ele observou que, apesar de seu ambiente úmido, os cadáveres de gatos, ratos e outros pequenos animais que, após vagarem perdidos, pereciam ali dentro e eram depositados em um recipiente de desperdícios, além de não se decomporem, encontravam-se também perfeitamente mumificados.

Como bom radiestesista e investigador, Bovis usou seu pêndulo e pôde constatar que se achava em presença de outro fenômeno pertencente à série dos que estudava. Analisando os diversos aspectos do problema, ele se perguntou se tal peculiaridade não seria resultante da forma da pirâmide e da localização da Câmara do Rei. Anotou cuidadosamente as medidas da pirâmide e a relação que guardavam entre si, disposto a encetar algumas experiências, a fim de comprovar a teoria que lhe germinava na mente. Essa teoria consistia em que os construtores da pirâmide haviam adotado aquela forma e localização como uma precaução suplementar que assegurasse a perfeita mumificação dos faraós.

Neste caso, era inevitável supor que os sacerdotes egípcios possuísem conhecimentos insuspeitados sobre as propriedades da matéria, das formas e de certas forças capazes de modificar os processos naturais, bem como sobre a maneira de detectar e analisar essas forças. As descobertas confirmaram que realmente conheciam a radiestesia, posto que foram encontradas varinhas rabdomânticas e pêndulos em várias tumbas.

Regressando à França, Bovis construiu uma maquete em madeira da pirâmide de Quéops, com 75 cm de altura. Orientou-a no sentido norte-sul do eixo terrestre (da mesma forma que a do Egito) e, a um terço de sua altura, pendurado ao vértice da mesma, colocou o cadáver de um gato, que se mumificou. Bovis repetiu a experiência com outras matérias facilmente putrescíveis e estas se desidrataram. Ante tais resultados, ficava demonstrado que sua intuição estava certa e que, na pirâmide, existia uma força capaz de deter a putrefação e de provocar uma acelerada desidratação.

Em Nice, Bovis fez uma série de conferências sobre radiestesia (editadas posteriormente com o título *De la Radiation de tous les Corps*), e em uma delas comunicou suas experiências: mumificação em modelos reduzidos da pirâmide de Quéops,

construção dos ditos modelos na escala 1/500 e 1/1.000 e a descoberta, nesses modelos, das mesmas radiações existentes na Câmara do Rei da Grande Pirâmide.

Foi tal a transcendência destas conferências nos meios relacionados com a radiestesia que, inclusive nos Estados Unidos, em 1929, um professor de Física chamado Samuel James McIntosh, falava a seus alunos da Universidade de Cincinnati sobre as curiosas propriedades da pirâmide e, em 1935, John Hall, de Chicago, também fez as experiências com a pirâmide. Este, como se ainda fosse pouco, empregando um anel de cobre e dois fios do mesmo metal, de grande comprimento, demonstrou que saía uma espécie de carga elétrica do vértice da pirâmide assim corroborando a controvertida experiência de Williams Siemens o qual, encontrando-se no alto da pirâmide de Quéops, sofreu uma descarga de eletricidade estática, ao beber de uma garrafa envolta em jornal úmido.

Voltemos à França. Em 1932, Léon Chaumery e A. de Bélizal, pesquisando pêndulos ultra-sensíveis, conseguiram criar mais de duzentos modelos de detectores e, em seu estudo de formas diferentes, chegaram à esfera, por eles definida como encruzilhada e centro emissor de todas as vibrações. Segundo estes autores, na esfera conjugam-se forças eletromagnéticas ligadas à energia cósmica.

Chaumery e Bélizal constataram que quando uma corrente magnética natural atravessa a esfera por seus pólos, no centro da mesma acontece uma decomposição das radiações visíveis e invisíveis, em comprimentos de onda análogos aos de um espectro luminoso, distribuindo-se os diferentes raios-cores em pontos rigorosamente equidistantes sobre a superfície esférica.

Sendo tal fenômeno idêntico ao da decomposição da luz branca por um prisma de cristal, consideraram que estavam em presença da gama completa dos comprimentos de ondas, desde o mais longo — o infravermelho — ao mais curto, o qual denominaram "verde negativo", por situar-se, na superfície da esfera, no pólo oposto ao verde normal.

Todas estas descobertas, verificadas entre 1932 e 1934, foram objeto de numerosas patentes e, posteriormente, publicadas no *Traité Expérimental de Physique Radiesthésique* (1939). Do conjunto, destacam-se as qualidades do "verde negativo",

identificado por seus descobridores com as radiações da pirâmide e considerado agente causal das mumificações.

Em 1931, um engenheiro radielétrico, L. Turenne, iniciou a publicação de uma série de dez livros sob um título comum: *De la Baguette de Coudrier aux Détecteurs du Prospecteur*. No terceiro volume (1933), Turenne ampliou enormemente os estudos sobre as radiações, chegando ao extremo de proporcionar listas completas de todas as radiações dos elementos químicos, plantas, enfermidades, medicamentos; etc., indicando o comprimento e alcance de onda para cada um deles. Desnecessário seria dizer que ele também se estendeu sobre as propriedades do "verde negativo", o qual considerou como onda ultrapenetrante e "onda portadora" de todas as demais.

Dez anos mais tarde, no sétimo volume de sua obra, Turenne relatou suas experiências com as pirâmides, sendo interessante destacar-se que ele assinalou os casos em que não acontece a mumificação ou a mesma ocorre de modo imperfeito: 1) quando o aposento em que se trabalha estiver submetido a ondas verticais de contaminação pelo solo (ondas nocivas ou telúricas); e 2) quando o aposento estiver submetido a ondas verticais de eletricidade.

Devemos também destacar Skariatine, coronel russo naturalizado francês, que, sob o pseudônimo de Enel, publicou uma série de obras sobre egiptologia e radiestesia. Enel nos conta que, já em 1908, durante sua primeira permanência no Egito, descobriu a misteriosa radiação da Grande Pirâmide, mas que somente graças à obra de Chaumery e Bélizal, bem como ao pêndulo universal destes autores, conseguiu defini-la por completo e comprovar que o célebre verde negativo não é um único raio, porém um feixe de vários raios, muito próximos entre si. A um desses raios, que denominou PI, atribuiu propriedades curativas sobre o câncer.

Não obstante, talvez a mais conhecida obra de toda essa época seja a de Jean Martial: *La Radiesthésie et les Inconnues*. Além de toda a série de teorias em que concorda com os anteriores, ele facilita a primeira lista de resultados sobre experiências de mumificação, acompanhada dos tempos de exposição das diversas matérias sob a pirâmide, lista que foi repetidamente copiada por todos os autores atuais, de 1970 à

data presente, embora a grande maioria deles não cite sua procedência.

Nos Estados Unidos, o grande pioneiro na investigação sobre as pirâmides foi Verne Cameron, mundialmente reconhecido como expert em radiestesia.

Cameron repetiu toda a série de experiências dos franceses, havendo sido o primeiro a fazer-nos notar que os produtos alimentícios conservados sob a pirâmide, não apenas se mantêm indefinidamente, como, além disso, conservam todo o sabor e qualidades nutritivas. Suas experiências com carne gorda de porco e melancias são tão populares na América, como as de Martial entre nós,

Em vista de sua formação científica, Cameron interrogou-se sobre as causas de tão insólitos, fenômenos. Para averiguá-los, inventou um aparelho ao qual deu o nome de "aurâmetro", com o qual media a "aura" do campo de força dos objetos.

Suas conclusões são similares às dos franceses e, como eles, denominou "ondas de forma" à energia da pirâmide. Cameron não menciona para nada o verde negativo, mas afirma em troca que, além do raio vertical de energia desprendido do vértice, do campo interno e do campo secundário, encontrado pelos franceses ao redor da pirâmide, a influência desta se estende para baixo, como se ela fosse o vértice de um grande campo invisível de forma piramidal, estendendo-se por sob a mesma.

A fim de resumir em poucas palavras as conclusões coincidentes desses investigadores (e eliminando os pontos em que divergem), diremos que todos insistem na existência de uma energia ou radiação especial, impossível de ser detectada por qualquer instrumento, mas apenas pela radiestesia¹, cuja influência tanto pode ser benéfica como maléfica (neste último caso, tanto pode sê-lo por uma ligeira diferença de onda, como

por um excesso de radiação), e graças à qual é possível obter-se a mumificação, a cura de graves enfermidades, estimular ou impedir a germinação de sementes, dotar a água de qualidades curativas e energizantes, etc.

Como vemos, tudo quanto atualmente aparece como grande novidade, já estava incluído nos trabalhos dos radiestesistas, compreendido o trabalho psíquico sob a pirâmide e, se não o mencionamos, foi porque seu principal expositor, Enel, o apresentou mesclado com um profundo esoterismo do antigo Egito, não apenas difícil de assimilar mas, no momento, alheio à finalidade de uma obra como esta.

O motivo de todas essas conquistas haverem passado despercebidas do grande público e de serem descartadas pelos cientistas como fantasias, consiste no caráter tão especial da radiestesia, similar (ou idêntica) em fundamentos aos poderes PSI da parapsicologia, o que impossibilita sua constatação com segurança científica. Da mesma forma e por idênticos motivos, cada radiestesista tem seus "padrões" pessoais de medida e, embora em resumo todos acabem dizendo o mesmo e seus resultados sejam certos, as "medidas" de cada um em particular são diferentes, o que leva o cientista a suspeitar da validade de suas proposições.

Temos também que levar em conta a brecha provocada pela Segunda Guerra Mundial que, como consequência, proporcionou o surgimento de duas grandes tecnologias, a russa e a americana, relegando a um segundo plano as do restante do Ocidente. Ficou esquecido o que se conseguira anteriormente, que só se transformou em espetacular e apreciado em todo o mundo, quando repetido para nós de trás da "Cortina de Aço" e graças a duas autoras americanas: Sheila Ostrander e Lynn Schroeder.

¹ Para evitar dúvidas sobre este parágrafo, devemos esclarecer que todos os aparelhos inventados e patenteados pelos radiestesistas são, em realidade, amplificadores de sua sensibilidade ou auxiliares para efetuar medições comparativas. Se bem que sejam muito úteis para o radiestesista, nada valem para quem não possua a faculdade radiestésica. Em vista disso, que não seja contradição dizer-se "impossível de ser detectada por qualquer instrumento, mas apenas pela radiestesia", após citarmos detectores, radiestésicos

2

A FÚRIA PIRAMIDAL

O atual interesse demonstrado pelas pirâmides teve início em 1970, gerado pela publicação do livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, uma obra que revela a intensa investigação do paranormal efetuada na Europa do Leste. Entre outros temas, suas autoras — Sheila Ostrander e Lynn Schroeder — descrevem o trabalho de um engenheiro eletrônico, Karel Drbal, com as energias geradas ou postas em foco pelas pirâmides.

Karel Drbal tomou conhecimento das primeiras pesquisas dos radiestesistas franceses durante os sete anos em que trabalhou em Paris. Demonstrando exemplar modéstia, ele próprio reconhece o muito que deve ao abade Moreux por sua obra *La Science Mystérieuse des Pharaons*, a L. Turenne por *Ondes des Formes* (volume quinto de sua obra) e, principalmente, a A.

Bovis, pelo manual que resume suas conferências. Durante as experiências que relataremos pouco adiante, ele também manteve correspondência com Bovis, Martial e outros radiestesistas, tanto franceses como de outros países.

No decorrer do período de penúria atravessado pela Tchecoslováquia ao fim da Segunda Guerra Mundial e, enquanto realizava experiências com a pirâmide, Drbal recordou uma

curiosa ocorrência dos tempos de serviço militar. Uma das brincadeiras que os soldados faziam entre si, era a de deixar a navalha de barba do colega "agraciado" no peitoril da janela, expostas aos raios lunares durante toda a noite. No dia seguinte, a vítima ficava com o rosto em estado lamentável, ao tentar barbear-se, pois o fio da navalha havia desaparecido como que por encanto. Segundo Drbal, a luz polarizada da Lua tem a propriedade de deformar a estrutura cristalina do aço.

Drbal teve então a idéia de colocar uma lâmina de barbear na pirâmide, com a esperança de que esta destruísse também o fio da lâmina. Efetuou uma série de provas e, para sua surpresa, obteve um resultado contrário ao esperado: chegou a barbear-se até duzentas vezes com a mesma lâmina. Segundo ele próprio, de 3 de março de 1949 até 6 de julho de 1954, gastou apenas dezoito lâminas de barbear de marcas variadas (principalmente Gillette Azul), o que supõe um índice de cento e cinco barbas feitas com a mesma lâmina. Nem é preciso dizer que ele patenteou seu invento e fez a felicidade de seus compatriotas.

A odisséia de Drbal para patentear sua pirâmide é demasiado extensa para que a reproduzamos aqui, mas o interessante é a teoria a que chegou, para explicar o funcionamento da mesma. Segundo ele, dois fatores entram em jogo:

1) Uma desidratação rápida, que elimina a umidade nos espaços inter cristalinos do fio da lâmina. (No caso de materiais orgânicos, é essa desidratação que produz a mumificação.)

2) Uma ação sobre a estrutura microscópica da matéria, que elimina o efeito de "fadiga do metal" causado pelo uso. (Nas matérias orgânicas, esta ação destrói os microrganismos causadores da putrefação, desta forma permitindo a conservação da matéria submetida à mumificação, durante o tempo preciso para que a desidratação atue a fundo.)

A formação científica é que distingue Drbal dos radiestesistas. Ele próprio declara que o inconveniente dos franceses é seu "misticismo"; portanto, realizou experiências e comprovou resultados, limitando-se à conclusão de que toda matéria viva, incluindo-se o homem, está submetida à influência de uma energia biocósmica; a pirâmide serve apenas para colocar essa energia em foco.

Em 1959, pequenas pirâmides vermelhas, vermelho-brancas e brancas começaram a inundar o comércio tchecoslovaco, mas

o interesse básico de Drbal, como o dos radiestesistas, era o estudo das radiações incomuns, principalmente o verde negativo que já mencionamos. Seguindo nesta linha, Drbal realizou ultimamente novas investigações de preservação da carne, empregando ondas luminosas, em vez de ondas de forma.

Em um aposento comum, ele pendurou dois pedaços de carne, separados uns dez centímetros um do outro. Não evitou a luz solar, nem empregou iluminação artificial, limitando-se a manter as condições normais, exceto por um raio de luz verde, que manteve focalizado em um dos pedaços de carne, constantemente, noite e dia. A carne submetida ao banho de luz verde permaneceu fresca, enquanto que a outra se estragou...

Desta forma, demonstrou praticamente a realidade da teoria dos radiestesistas — e sua própria — de que a luz, a eletricidade e o magnetismo estão sempre acompanhados de outra misteriosa radiação, essa energia biocósmica, cujas distintas modalidades associam-se de certa forma às cores e, em especial, ao verde.

Quase simultâneo à aparição da obra de Ostrander e Schroeder, transcendeu o fracasso de um programa de investigação que empregava os raios cósmicos, a fim de ser pesquisada a existência de cavidades não localizadas nas pirâmides. Com essa investigação, pretendia-se terminar com a incerteza sobre a existência de câmaras secretas, nas quais estariam as múmias dos faraós, ainda não descobertas, apesar das escavações efetuadas.

Essa expedição, da qual foi feita grande publicidade em seu início, encerrou-se com um fracasso tão incompreensível quanto inexplicável. Era dirigida pelo Dr. Luis W. Álvarez, prêmio Nobel de Física de 1968, e, entre outros, colaboravam com ele personalidades eminentes como o Dr. I. I. Rabi, da Universidade de Columbia, galardoado pela A.A.A.S. (American Association for the Advancement of Science), por seus trabalhos de Física Nuclear, o Dr. Ahmed Fahkry, autoridade em antiguidades egípcias da República Árabe Unida e o Dr. Amr Goneid, de El Cairo. Em suma, um impressionante grupo de cientistas, patrocinado por uma dúzia de instituições, entre as quais figurava a Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. O custo da operação foi calculado em um milhão de dólares.

Após serem registrados milhões de trajetórias de raios cósmicos em uma fita magnética especial para análise por

tador, procedeu-se ao seu estudo. Sua avaliação, pelo ordenador de El Cairo, registrou claramente a localização das faces e arestas da pirâmide de Quéfren, mas não indicou a existência de qualquer câmara oculta.

As palavras seguintes do Dr. Amr Goneid resumem o curioso e, ao mesmo tempo, trágico do caso: "A pirâmide desafia todas as leis conhecidas da ciência e da eletrônica." Apoiava suas palavras com algumas fitas, resultados de duas explorações do mesmo setor, efetuadas com um intervalo de vinte e quatro horas, focalizando as mesmas pedras, segundo a mesma técnica e em condições idênticas: as duas medições eram completamente diferentes!

Após este fracasso, o silêncio baixou sobre o prosseguimento das experiências, continuadas pelo Stanford Research Institute, cujos resultados ainda não são conhecidos (?).

O Dr. Álvarez nunca admitiu que o chamado "efeito da pirâmide" tenha algo a ver com o fracasso de sua equipe, porém não deu nenhuma explicação mais verossímil do fato.

O impacto da obra de Ostrander e Schroeder, além de coincidir com este fracasso, não poderia deixar de influir na opinião popular e, desde então, desencadeada a "fúria piramidal", o ritmo das investigações tornou-se frenético, a ponto de não mais ser possível a ordenação cronológica dos acontecimentos.

Como exemplo, citaremos apenas alguns dos organismos privados que proliferaram nos Estados Unidos:

Em Nova York, a Companhia Toth Pyramid explora a licença de Drbal sobre a pirâmide para afiar lâminas de barbear e o próprio Max Toth, em colaboração com Greg Nielsen, publicou um livro, A Força das Pirâmides, o mais completo sobre o tema até o momento, embora seja anterior aos trabalhos de Flanagan, Schul e Pettit, assim como de outros sobre os quais falaremos mais adiante.

Em Chicago, a firma Edmunds Scientific, de John Dilley (já falecido), comercializou um modelo de pirâmide de alta precisão, confeccionado em plexiglás.

Em Santa Bárbara, Califórnia, Bill Cox, aluno e continuador de Verne Cameron, além de seus trabalhos, publica as obras do famoso radiestesista e edita a revista mensal Pyramid Cuide, sobre radiestesia e campos energéticos.

garantir que crescem melhor, são mais saudáveis e, inclusive, florescem antes do normal.

Também as flores cortadas se conservam por mais dias que com a água da torneira, sem necessidade de ser acrescentada qualquer substância adicional, e o curioso é que, algumas vezes, as pétalas não caem quando as flores murcham. Todos sabemos que ao mudar-se a água de uma floreira, na qual um ramo ficou mergulhado por alguns dias, o cheiro é desagradável; pois bem, nada disso acontece, usando-se a água tratada, pois ela não chega a corromper-se e, portanto, não desprende cheiro algum.

Para terminar com o tema das plantas, diremos que não registamos nenhum caso em que plantas fracas ou delicadas fossem prejudicadas pela água tratada, como algumas vezes acontece com a pirâmide.

Também em relação às pessoas, a água tratada continua exercendo os mesmos efeitos que a pirâmide, sendo seu uso mais simples e cômodo. Além disso, podem ser feitas aplicações extras como, por exemplo, beber-se um copo pela manhã, em jejum, o que não só regulariza as funções digestivas, como provoca uma notável intensificação de energia durante o dia.

Bebendo-se regularmente, em substituição à água normal, tanto às refeições como em qualquer momento que se tenha sede, ela parece revitalizar o organismo de tal maneira que, além de melhorar a saúde, também parece rejuvenescer e aumentar o vigor, inclusive o sexual, em pessoas cuja idade contribui para a diminuição nesse sentido. Não se deve esperar milagres, mas sim uma clara melhora, em todos os aspectos. Conhecemos, inclusive, o caso de uma pessoa cujos cabelos encaneciam rapidamente e que, ao usar a água tratada externa e internamente, não só deixou de encanecer, como também deixou de perder cabelos.

A água tratada pode, ainda, ser usada como loção facial; neste caso, parece ser absorvida pela pele mais rapidamente que a água normal e, antes de um mês de lavagem regular do rosto com esta água, os resultados são claramente visíveis, pois a pele dá uma impressão de rejuvenescimento, desaparecendo rugas, manchas e impurezas.

Para ferimentos, ela é um desinfetante magnífico e ativador de regeneração dos tecidos. Se deixarmos a parte lesionada,

durante meia hora na água tratada ou a envolvermos em um algodão impregnado com a mesma, terá uma aparência muito mais sadia, sendo a cura mais limpa e rápida que o normal.

Também para irritações oculares e em ulcerações da boca, seus efeitos são espetaculares, pois a dor é aliviada quase instantaneamente.

No caso dos ferimentos, o curioso é que a água tratada parece agir de duas maneiras distintas. Na primeira, a dor desaparece com rapidez, a carne dilacerada começa a crescer, a cura é limpa e requer menor espaço de tempo que o normal.

No segundo caso — que observamos principalmente em ferimentos cujo tratamento com a água iniciou-se vários dias após o mesmo ter sido produzido — a dor aumenta rapidamente nos primeiros momentos, notando-se um acentuado latejar local mas, ao cabo de algumas horas, às vezes no dia seguinte, a dor e o latejamento desaparecem e o processo de cura segue o ritmo normal do primeiro caso.

Para finalizar, relataremos um exemplo típico desta segunda maneira de agir da água tratada, em um caso sucedido com Román Cano, no início de nossas experiências, sem que conheçamos qualquer outro similar.

Trabalhando em casa, ele machucou o dedo médio da mão esquerda, torcendo-o violentamente. Um mês depois, embora aquilo não incomodasse, ele não conseguia dobrar o dedo e, quando tentava, auxiliando-se com a outra mão, sentia dores intensas. Chegando a este ponto e iniciadas as experiências com a água tratada sobre as plantas, decidiu tentar com seu dedo, deixando-o meia hora dentro da água tratada. A princípio, o dedo começou a doer com intensidade, tornou a inchar e surgiu um hematoma na articulação das falanges. No dia seguinte, contudo, todos estes sintomas começaram a desaparecer e, mesmo ainda sentindo dores, ele já conseguia dobrar o dedo. Após três dias de tratamento, era como se nunca lhe tivesse acontecido alguma coisa, e seu dedo continua sendo inteiramente normal.

cama, a fim de recarregar energias durante o sono — mas sim o de ser Joan Ann de Mattia a única a mencionar que a cor parece ter certa importância nos efeitos.

Quanto a seus comentários sobre as experiências PSI sobre pirâmide, também demonstram certo interesse, embora haja muitos trabalhos, similares sobre o tema.

Bill Schul e Ed Pettit. Autores de duas obras, *The Secret Power of Pyramids* e *The Psychic Power of Pyramids?* são eles os que melhores experiências realizaram sobre o comportamento e crescimento de plantas sob a pirâmide. Em nosso entender, além do método e regularidade de suas experiências, o realmente importante nos trabalhos que apresentaram é o fato de terem escolhido o girassol, no qual observaram curiosos movimentos cíclicos giratórios, durante umas duas horas, cujas causas ignoram. Também é interessante, apesar de já conhecida, a desigualdade dos resultados que obtiveram: por vezes, a pirâmide impede ou atrasa o crescimento das plantas, quando em geral o intensifica. Outro fato significativo é o de ser impossível o desenvolvimento de tomateiros no solo que serviu de base a uma pirâmide.

Falaremos mais adiante sobre as experiências de Schul e Pettit sobre a meditação e os efeitos físicos, tema do segundo de seus livros, assim como das observações que registraram sobre as aplicações médicas da pirâmide pois, no essencial, coincidem com as experiências de outros autores.

G. Patrick Flanagan. Originário de Glendala, Califórnia. Criança prodígio e inventor (aos dezessete anos, já era conhecido por seu invento do neurofone, ajuda auditiva que transmite impulsos elétricos diretamente ao cérebro), médico e licenciado, vende pelo correio tendas de plástico com 1,80m de altura, confeccionadas em escala, na forma de pirâmide, bem como um gerador de energia piramidal. Além disso, possui uma série de patentes de instrumentos eletrônicos, que emprega para seu trabalho com pirâmides.

Como é produzido o efeito piramidal? Flanagan está convencido de que a energia das pirâmides altera as propriedades dielétricas da matéria e sustenta que a energia dielétrica é uma reflexão da carga elétrica da superfície dos corpos. Podemos resumir suas conclusões da maneira seguinte:

Ele começa citando a clássica experiência de Faraday com o saco cônico de seda (figura 1), para prover a distribuição da carga elétrica em um corpo isolado.

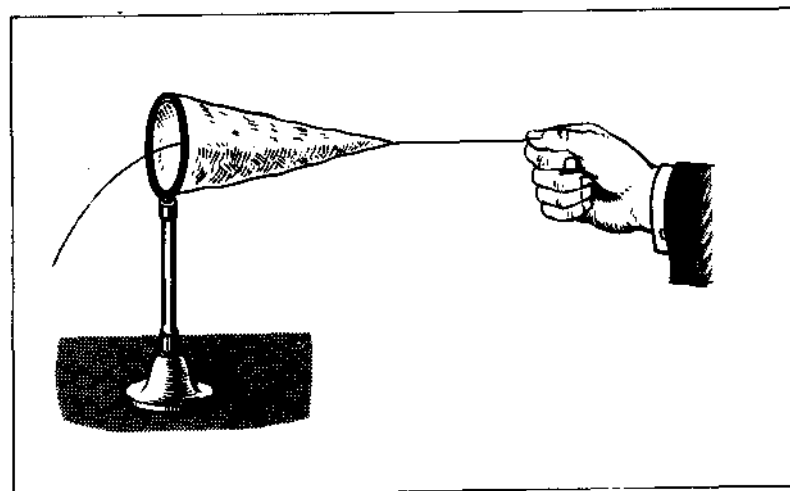


FIG. 1. Experiência de Faraday

Faraday carregou o saco com eletricidade estática e descobriu que toda a carga se distribuía na face externa do mesmo, ficando a interna sem carga. Puxando o cordão que atravessa o vértice do cone, ele o virou pelo avesso e a carga passou para a nova superfície externa (que antes era a interna). Quantas vezes foi repetida a operação, a carga sempre passava para o exterior e nunca ficava no novo interior. A conclusão tornou-se óbvia: a carga estática permanece sempre na superfície externa dos corpos.

Bem, prossigamos. Flanagan criou um aparelho, ao qual deu o nome de termômetro diferencial eletrônico, que registra diferenças ínfimas de temperatura em suas medições; mediante o emprego do mesmo, ele afirma que a temperatura no interior

¹ Publicados no Brasil pela Record sob os títulos *O Poder Secreto das Pirâmides* e *O Poder Psíquico das Pirâmides*, respectivamente.

da pirâmide é ligeiramente superior à do exterior e que o conteúdo de energia varia segundo o momento do dia, a estação, o clima, as fases da Lua e a quantidade e polaridade dos íons da atmosfera que rodeia a pirâmide. Em sua opinião, os êxitos ou fracassos obtidos na experimentação dependem de uma inter-relação complexa de todos estes fatores, devendo-se levar em conta que, até certo ponto, a energia mental do investigador também pode afetar o resultado. Para ele, os mais importantes de todos estes fatores são a orientação da pirâmide e a polaridade da eletricidade atmosférica, em forma de íons livres.

Aceita-se geralmente que a ionização negativa ou, melhor dizendo, a carência de íons positivos, é benéfica para a atividade humana, produzindo uma sensação de bem-estar. Não é, pois, de estranhar, que isto se dê no interior da pirâmide.

Para suas provas, Flanagan criou um gerador de íons negativos, que não emite o perigoso ozônio. Com o gerador, ele comprovou um aumento de energia no interior e acima da pirâmide, ao intensificar-se o conteúdo em íons negativos na atmosfera que a rodeia.

Em seu desejo de ampliar a física da carga elétrica, Flanagan afirma que, sendo universal o equilíbrio de todos os fatores energéticos, devem existir o neutro e o zero, além das cargas positivas e negativas.

Considerando a Terra como uma grande esfera, a ionosfera tem uma carga positiva de 400.000 volts, a superfície é negativa, com uma voltagem similar e o centro tem carga zero. O interior da Terra é extremamente quente, na ordem de milhares de graus: o que origina essa temperatura? Pois é a mesma razão que faz uma pirâmide estar mais quente no interior que no exterior: a diferença entre carga e zero. Este fluxo de energia poderia relacionar-se com a gravitação e outros fenômenos inexplicáveis.

Mesmo não podendo aceitar plenamente esta teoria, prosseguiremos dizendo que Flanagan afirma que a pirâmide cria um vazio elétrico em seu interior, mas não um vazio de campo energético. O Dr. Otto Brunler, investigador dos campos de "energia viva", deu à mesma o nome de "energia biocósmica dielétrica", e Flanagan está convencido de que as cavidades do cérebro e interior do corpo são acumuladores de energia dielétrica:

toda cavidade tem um campo dielétrico internamente, correspondendo ao elétrico de sua superfície externa. A forma do campo determina parte de suas funções, o que explica por que os efeitos da pirâmide são diferentes dos das outras formas.

Para Flanagan, a pirâmide é como uma estufa, reunindo e armazenando energia biocósmica. Uma estufa é desenhada de maneira a que os raios solares incidam nas paredes em ângulo reto, assim obtendo-se a transferência máxima do infravermelho para seu interior, enquanto que as demais radiações passam de lado a lado da mesma. Igualmente, a pirâmide é desenhada de tal modo, que a radiação biocósmica incide nas paredes em ângulo reto, carregando-a de modo similar.

Flanagan considera também que a pirâmide gera nanoondas (bilionésima parte da onda) pelo simples fato de ter cinco ângulos, os quatro da base e o do vértice. Esses ângulos produzem o efeito de um emissor, no qual a radiação das moléculas da matéria da pirâmide se combina nos ângulos planos, formados pelas arestas, em um feixe que os divide pela metade e é transmitido ao centro da pirâmide, onde se concentram na área da Câmara do Rei, sendo absorvidos por ressonância nas moléculas de dita área. À medida que a energia cresce, aumenta a circulação, chegando-se finalmente a uma atmosfera altamente saturada de energia, que se irradiará também para fora, pelas arestas da pirâmide.

Efetivamente, utilizando as técnicas da fotografia Kirlian, Flanagan e Stark conseguiram fotografar esta energia. Flanagan patenteou também um cilindro magnético que duplica os campos de energia do interior da pirâmide e pode ser utilizado na purificação da água. Ao que parece, as bactérias morrem e as partículas sólidas literalmente explodem, mantendo-se em suspensão coloidal. Além disso, este cilindro tira o sabor mentolado dos cigarros, bastando deixá-los cair pelo orifício (com um diâmetro de 2 cm) e também, apenas fazendo-se passar o uísque pelo cilindro, consegue-se uma suavidade comparável à do Chivas, o mesmo acontecendo ao café e outras bebidas.

Flanagan patenteou, ainda, outro invento a que chamou de gerador piramidal, consistindo em trinta pirâmides metálicas (em cinco filas de seis pirâmides), com 2,5 cm de altura, sobre fundo dielétrico. Usando-se este gerador como suporte para recipientes com alimentos ou líquidos, consegue-se que os

mesmos se conservem durante um assombroso período de tempo (os alimentos) e que melhorem de sabor (os líquidos e o tabaco).

Quanto à sua tenda para meditação, ele afirma que também pode usá-la para dormir no interior. Quem a utiliza desta forma, necessita de menos horas de sono, além de ser intensificada a sensibilidade aos estímulos sexuais (embora não use tal afirmação em sua publicidade comercial).

Suas investigações indicam que brotos de feijão mumificados na pirâmide foram capazes de crescer, depois de reidratados, o que indica que a pirâmide mantém as forças da vida, sem destruí-las. Células que foram colocadas no interior de uma pirâmide, em uma solução nutritiva, viveram nove vezes mais que o esperado, sugerindo com isso se não seria possível utilizar-se tal propriedade para preservação de tecidos humanos durante longos períodos de tempo, em vôos espaciais, por exemplo, ou com outras finalidades médicas (*cloning*).

Se nos alongamos tanto com Flanagan — embora algumas de suas afirmativas sejam muito discutíveis — foi apenas por serem suas teorias o que de mais avançado temos sobre o tema, até esta data, as que mais possibilidades nos abrem à investigação, e por constituírem o compêndio das sustentadas por pesquisadores anteriores, porém com maior coerência.

Serge V. King. Autor de um compêndio de tudo quanto se conhece sobre pirâmides, ao qual acrescentou suas experiências e conclusões.

Embora inconstante, King é metódico em suas experiências, mas teme comprometer-se na teoria, coisa que compreendemos perfeitamente, após a leitura de seu livro. Vemos que suas análises sobre as teorias dos demais são extremamente ingênuas, por vezes até mesmo contraditórias, desmoronando sem necessidade de muita reflexão e salvando-se apenas o que ele recolheu de outros autores.

Seu forte é a prática, já que não confia em ninguém e comprova tudo com precisão. Para nós foi uma surpresa, por exemplo, verificarmos que suas experiências com o mel lhe proporcionavam resultados muito semelhantes aos que havíamos obtido, embora ele abandonasse a tentativa, dando-a como inútil, sem maiores explicações. Em troca, quando o mencionam,

os demais autores se limitam a copiar as experiências de Joan Ann de Mattia, sem qualquer comprovação.

As idéias de King poderiam ser resumidas desta forma: menos teoria e mais prática (no que estamos de pleno acordo). Ele se limita a dizer que a energia da pirâmide é a energia básica do Universo, à qual denomina "Mana" (com isto declarando implicitamente sua adesão à tradição Huna).

De qualquer forma, deve-se reconhecer que, como Schul e Pettit, suas experiências foram bem explanadas e também falaremos delas, a partir do próximo capítulo, no qual iniciaremos a verdadeira parte experimental de nosso trabalho.

3

MUMIFICAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS

CARNE

De todas as experiências que podem ser realizadas com a pirâmide, a mais conhecida e repetidamente comprovada é a mumificação da carne.

Embora todos os autores concordem em que o índice de desidratação da carne oscila entre 65 e 70 por cento de seu peso, eles se limitam a citar o tempo em que a mesma é realizada, fornecendo cifras tão diversas, que chegam a oscilar entre 9 a 40 dias.

Se bem que concordemos em serem muitos os fatores que podem intervir e que originam essa disparidade de resultados, acreditamos que o mais importante é a falta de um critério unificado, já que cada pesquisador utiliza uma pirâmide experimental de tamanho diverso e, como se fosse pouco, não se mantém uma relação constante entre o volume do corpo a mumificar e o da Pirâmide.

Nossas experiências nesse sentido nos permitiram comprovar que, efetivamente, as variações são muito grandes nos resultados, quando esse fator não é levado em consideração

Conlui-se que, para resultados satisfatórios e praticamente constantes, torna-se necessário manter-se uma proporção correta. Em pirâmides de 15 cm de altura, como as empregadas normalmente em nossas experiências de mumificação, os melhores resultados foram obtidos com pedaços de carne medindo 40 mm de comprimento, 25 mm de largura e 8 a 10 mm de espessura. Utilizando-se medidas menores, é difícil conseguir-se uma segurança real, pois os fragmentos-testemunha também costumam mumificar-se depressa em tempo seco, por ser praticamente impossível conseguir-se carne que não seja tratada com aditivos químicos. Se o tamanho for muito maior, então os resultados são mais lentos, surgem essas enormes divergências e, inclusive, por vezes a mumificação fracassa.

O processo de mumificação é sempre o mesmo: a carne colocada debaixo da pirâmide diminui de tamanho com bastante rapidez, endurece sem estragar, mesmo que se retorça: em casos raros, pode-se notar um leve mau cheiro nos primeiros dias, o qual rapidamente desaparece. Nota-se a formação de diminutas gotas de água acima da carne, como que expulsas do interior para a superfície. No suporte, surge um fino pó esbranquiçado, o qual supomos ser devido aos aditivos químicos, pois nem sempre aparece e, além disso, todas as vezes que pudemos realizar as experiências com carne ou fígado de coelho recém-caçado este resíduo não apareceu. Estas gotículas desaparecem mais tarde e a mumificação segue seu curso normal, até que a carne mostra uma consistência muito dura, mas elástica. Essa carne é perfeitamente comestível, vários meses depois.

Em troca, as testemunhas (isto é, as amostras de idêntico tamanho e procedência, mantidas fora da pirâmide) estragam-se geralmente dentro de poucos dias. Como dissemos, às vezes também se mumificam, mas nunca apresentam as gotículas de água mencionadas e, uma vez mumificadas, a tessitura da carne fica muito diferente e quebradiça.

Isto nos indica que a opinião de King, segundo a qual o ar e o calor natural podem ser a causa da conservação da carne, processo acelerado pela pirâmide, não é correta, posto não ser o mesmo o resultado final. Se o leitor quiser comprovar o que dizemos, recomendamos que faça a prova com fígado de bezerro ou de porco, materiais que mostram uma diferença mais pronunciada no resultado final.

Quando queremos resultados similares com pirâmides de maior tamanho, a dimensão dos pedaços a serem mumificados deverá ser proporcional, mesmo quando recomendamos que a grossura nunca passe de um centímetro, já que então, ao mumificar, a carne se retorçe.

Se a mumificação de pedaços de grande tamanho for feita com finalidades utilitárias de conservação indefinida, julgamos conveniente o uso de um artifício citado por Stark e que provamos com êxito. Tal sistema consiste em construir-se bandejas com tela de alumínio, de malha muito fina ou lâmina do mesmo metal, multiperfurada, emoldurada em madeira. Depois de cheias, essas bandejas são superpostas umas às outras, amarrando-as com cordel (jamais com arame). Com isso, é possível limitar-se o retorcimento dos pedaços de carne e, além do mais, ao efeito da pirâmide adiciona-se outro — especial, do alumínio — do qual falaremos no capítulo 6, o que permite um aproveitamento maior do espaço mumificador da pirâmide.

A mumificação dos pedaços de grande tamanho apresenta vantagens e inconvenientes. O mais acentuado destes talvez seja a necessidade da construção de pirâmides com mais de um metro de altura. Quanto às vantagens, estas se referem, por um lado, à qualidade da carne (melhor sabor, menor tempo de cozimento) e à comodidade de uso (pensemos, por exemplo, nas longas excursões, em que cada grama de peso na mochila tem importância).

Uma precaução importante é a retirada de toda gordura possível, para facilitar a mumificação. Isto não significa que a gordura deixe de mumificar-se; não obstante, sendo diferente os tempos de mumificação para a carne e a gordura, havendo interesse, será melhor fazê-la em separado.

Se forem seguidas as instruções procedentes, é possível conseguir-se mumificações perfeitas em um tempo aproximado de duas semanas (ou até de uma, em tempo seco). Repetimos que não podemos fornecer o tempo exato, por serem inúmeros os fatores que interferem, como se deduz da leitura do capítulo anterior e que analisaremos detidamente mais adiante.

À maneira de exemplo, analisaremos agora uma de nossas experiências, realizadas com fígado fresco de cordeiro, em duas pirâmides de 15 cm de altura, utilizando como testemunhas um fragmento colocado em um cubo de 14 cm de aresta (cujo

volume é o mesmo da pirâmide de 15 cm) e outro pedaço descoberto, sem proteção alguma. As pirâmides e o cubo foram confeccionados com a mesma cartolina e receberam idêntica ventilação (uma abertura semicircular de 2 cm de diâmetro, no centro da base de cada lado).

As amostras para mumificação foram cortadas do mesmo pedaço de fígado e procuramos torná-las o mais parecidas possível em forma e peso.

As amostras de uma das pirâmides, do cubo e da testemunha a descoberto, foram pesadas diariamente às seis e meia da tarde de cada dia (a experiência começou às seis e meia da tarde do dia 10 de setembro) e a da outra pirâmide apenas quando finalizada a experiência. Também procuramos situá-las de tal forma que as condições ambientais (luz, temperatura, umidade) fossem as mesmas para todas as amostras. O tempo era seco e quente.

Os resultados estão registrados no quadro 1.*

Como podemos ver, a mumificação é mais perfeita se a amostra não for manipulada durante o processo mas, inclusive removendo-as diariamente, as diferenças entre cubo e testemunha são insignificantes, ao passo que as das pirâmides são muito significativas. O gráfico seguinte permitirá uma melhor apreciação (figura 2), no qual recolhemos a perda de peso em tantos por cento, para que os resultados ficassem unificados com precisão maior. (O gráfico foi traçado sobre a porcentagem de peso que restou na amostra, isto é, 100 menos a porcentagem de perda de peso. Assim, no dia 1, a porcentagem será de

* Há duas maneiras de calcularmos a porcentagem diária de desidratação:

1) da porcentagem de desidratação total do dia, subtrai-se a porcentagem total do dia anterior, com o que, finda a experiência, a soma das porcentagens diárias será igual à porcentagem total; 2) cada dia é considerado isoladamente, subtraindo-se o peso atual do obtido no dia anterior e calculando-se a porcentagem de desidratação que representa. Preferimos este segundo método porque, embora forneça uma soma das porcentagens diárias que não coincida com a porcentagem total, oferece a vantagem de que as porcentagens diárias são mais reais e mostram muito melhor o desenrolar da experiência.

Quadro 1. Experiência de mumificação de carne. Registro de medições

Dia	Prova	Peso em gramas	Perda em gramas	Porcentagem	
				Diária	total
0(10-IX)	Testemunha	21,08	—	—	—
	Cubo	21,18	—	—	—
	Pirâmide	21,20	—	—	—
1(11-IX)	Testemunha	16,96	4,12	19,545	—
	Cubo	17,35	3,83	18,083	—
	Pirâmide	16,46	4,74	22,358	—
2(12-IX)	Testemunha	14,87	2,09	12,323	29,459
	Cubo	14,98	2,37	13,660	29,273
	Pirâmide	13,75	2,71	16,464	35,141
3(13-IX)	Testemunha	13,35	1,52	10,222	36,670
	Cubo	13,20	1,78	11,882	37,677
	Pirâmide	11,75	2,00	14,545	44,575
4(14-IX)	Testemunha	12,14	1,21	9,064	42,410
	Cubo	11,74	1,46	11,061	44,570
	Pirâmide	10,31	1,44	12,255	51,368
5(15-IX)	Testemunha	11,01	1,13	9,308	47,770
	Cubo	10,68	1,06	9,029	49,575
	Pirâmide	9,27	1,04	10,087	56,274
6(16-IX)	Testemunha	10,08	0,93	8,447	52,182
	Cubo	9,80	0,88	8,240	53,730
	Pirâmide	8,50	0,77	8,306	59,906

A amostra que não foi pesada diariamente (peso inicial 21,12g) reduziu-se a 7,83g no fim da experiência, o que representa uma perda de 13,29g, isto é, uns 62,926 por cento de desidratação.

100 - 22,358 = 77,642, que é a cifra representada no gráfico, e assim sucessivamente.)

Como podemos apreciar no gráfico, a testemunha e o cubo seguem um processo quase idêntico, seus gráficos entrecruzando-se sem separar-se, daí por que as pequenas diferenças observadas talvez sejam devidas, inclusive, à própria remoção das amostras para pesagem; em troca, a separação com a linha gráfica da pirâmide é claramente delimitada e altamente significativa.

A fim de ilustrar ainda mais claramente o processo, o quadro 2 e o gráfico da figura 3 registram os dados anteriores e estabelecem sobre eles as diferenças na perda de peso, revela das pelas amostras do cubo e da pirâmide, com referência à testemunha, tanto nas porcentagens diárias como nos totais.

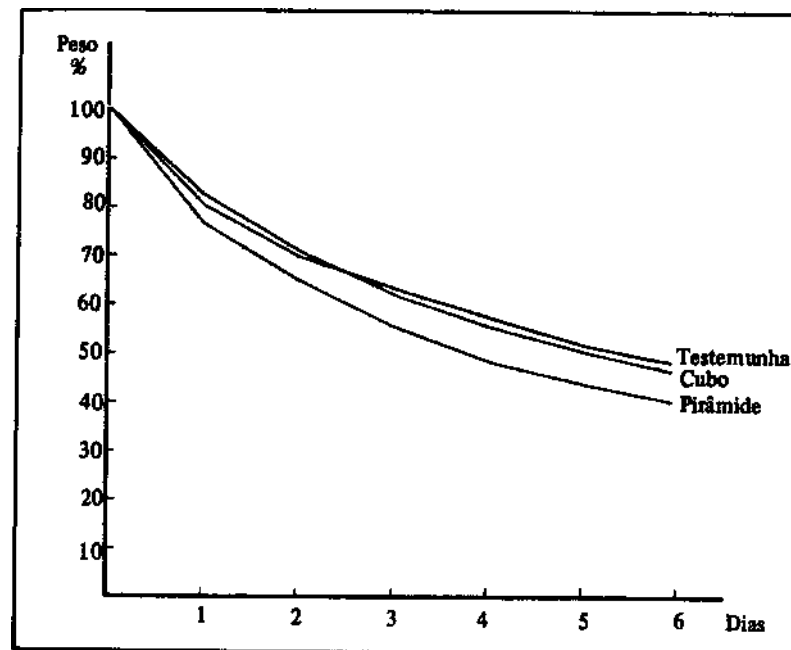


FIG. 2. Experiência de mumificação da carne. Gráfico comparativo de redução de peso.

Quadro 2. Experiência da mumificação da carne. Porcentagens de redução, com referência à testemunha

Dia	Prova	Porcentagem	
		diária	total
1	Cubo	1,462	-
	Pirâmide	2,813	
2	Cubo	1,337	- 0,186
	Pirâmide	4,141	5,682
3	Cubo	1,600	1,007
	Pirâmide	4,323	7,905
4	Cubo	1,997	2,160
	Pirâmide	3,191	8,958
5	Cubo	- 0,279	1,805
	Pirâmide	0,779	8,505
6	Cubo	- 0,207	1,548
	Pirâmide	- 0,141	7,724

O que primeiro chama a atenção é a irregularidade dos gráficos diários do cubo, o que nos reafirma ainda mais que essas diferenças podem ser devidas à remoção das amostras ou a fatores imprevisíveis, alheios ao fenômeno da mumificação propriamente dito.

A curva diária da pirâmide, no entanto, reflete uma evolução lógica, pois desde os primeiros dias aumenta progressivamente a rapidez da desidratação, para estabilizar-se e depois descer, até ficar inferior à da testemunha, o que também é lógico, já que estamos perto do limite de mumificação e quase mais nada resta a desidratar.

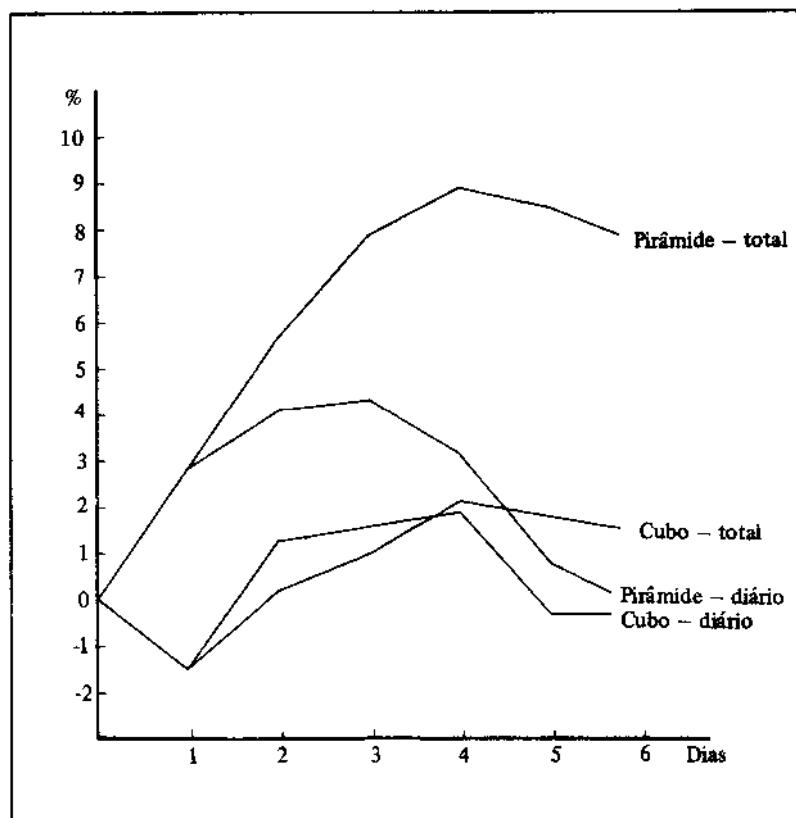


FIG. 3. Experiência de mumificação de carne. Gráfico comparativo das porcentagens de redução de peso, com referência à testemunha.

Os gráficos totais também concordam com o dito: irregular a curva do cubo, mas contínua e lógica a da pirâmide, permitindo adivinhar que chegará a confundir-se com a da testemunha, finda a mumificação.

Escolhemos este exemplo de mumificação, entre os muitos realizados, por sua curta duração, ao ser efetuado durante o tempo seco. Trata-se de uma vantagem e não implica nenhuma diferença com os resultados obtidos em outros realizados em tempo úmido, talvez mais espetaculares em variações, mas nos quais a testemunha ficou estragada, antes de encerrada a prova.

PESCADO

Tudo quanto dissemos sobre a carne pode aplicar-se ao pescado e em geral a todos os demais alimentos, de maneira que, daqui por diante, daremos por sabido o que se refira a proporções, indicando-as apenas se houver diferença notáveis com a norma geral.

O pescado costuma perder um pouco mais de peso que a carne — às vezes chegando a 75 por cento — mas, também aqui, as diferentes espécies registram tempos e proporções diversas. Tudo depende da umidade contida no que se pretende mumificar.

Uma precaução que recomendamos é a de retirar a pele do pescado antes de proceder a seu tratamento, posto que quase toda a gordura que contém se encontra sob a pele, saindo com esta. Em seguida, cortam-se pedaços do tamanho apropriado à pirâmide, procedendo-se da forma indicada para a carne.

OVOS

Foram realizadas experiências com ovos com casca e sem ela. Em realidade, os resultados são os mesmos, variando apenas o tempo, já que, com a casca, são necessários uns dois meses. Sem ela, vinte dias são suficientes para sua mumificação. A perda de peso também chega a 60-65 por cento.

FRUTAS E VEGETAIS

Neste caso, são três os objetivos que podemos desejar: 1) a desidratação; 2) a conservação; e 3) a maturação.

Desidratação. O processo é o costumeiro e o tempo varia muito, segundo a espécie de fruta ou vegetal escolhido, podendo ir de poucos dias, para as ervas, a três meses, para as maçãs.

Conservação. Quase todos os autores sustentam que a cor, o cheiro e o sabor se conservam praticamente intactos. Por nosso turno, achamo-nos na obrigação de discordar, embora lamentemos fazê-lo contra a pirâmide. Não há dúvidas de que o sabor se conserva, mas o cheiro se perde bastante e, quanto à cor, os resultados são muito diversos mas, em geral, é grandemente perdida. Joan Ann de Mattia diz que as rosas se conservam intactas, sem qualquer deformação, porém isso é algo que jamais conseguimos: todas as flores que tratamos ficaram deformadas e perderam a cor, inclusive as rosas. Devemos acrescentar, além disso, que experimentamos localizações diversas na pirâmide. Embora o melhor lugar continue sendo a Câmara do Rei, inclusive neste caso, reafirmamos o que foi dito.

No tocante à conservação fresca das frutas, basta colocá-las debaixo da pirâmide (neste caso, as proporções de tamanho e situação em altura não são tão importantes).

Para obter-se a conservação, basta deixá-las por algumas horas na pirâmide — um dia é melhor — e depois constataremos que se mantêm intactas muito mais tempo que as não tratadas. Um processo melhor, porém mais complicado, é construir um gerador piramidal, como o de Flanagan — a base de uma série de pirâmides pequenas, de alumínio, fixadas sobre uma tábua — e colocar por cima o recipiente da fruta, sem tocá-la, até o momento de consumi-la. Se dispusermos de uma pirâmide com mais de 75 cm de altura, é bastante pendurar o recipiente com a fruta alguns centímetros acima da cúspide da mesma.

Maturação. O tempo requerido para a maturação dependerá do tipo de fruta e de quanto esteja verde. Para um meio termo, seis a oito horas são o bastante.

Neste processo de maturação, parece que o próprio sabor melhora, mas nos frutos cítricos (laranja, limão, tangerina, etc.) acontece um fenômeno curioso: seu cheiro picante e a acidez diminuem em alto grau, por vezes até desaparecendo.

Como King, acreditamos que a melhoria do sabor pode ser atribuída ao estímulo da pirâmide nas enzimas da fruta. O comportamento do aroma e sabor dos cítricos é semelhante ao do vinho e bebidas alcoólicas.

Quanto às sementes (arroz, feijão, fava, etc.), sua conservação na pirâmide as mantém indefinidamente, sem deterioração e sem que percam seu poder germinativo. Também neste pormenor lamentamos discordar da opinião geral, segundo a qual a pirâmide mantém os insetos afastados; tanto King como nós realizamos provas com os mesmos e podemos garantir que os insetos — em especial formigas e larvas de moscas — entram tranqüilamente na pirâmide para apoderar-se dos alimentos ali armazenados. Pudemos comprovar, em especial, que as larvas de mosca se desenvolvem melhor e um tanto mais rápido no interior da pirâmide, que fora dela.

Voltando à mumificação, diremos que os resultados mais assombrosos são conseguidos com frutos muito ricos em água, como tomates ou laranjas. Em dois meses, chegam a perder uns 95 por cento de volume. Também as uvas sofrem um processo semelhante, transformando-se em passas.

TABACO, VINHO E LICORES (BEBIDAS ALCOÓLICAS)

A opinião de todos os autores é unânime: estas matérias melhoram de sabor e buquê.

Na opinião de King não se nota mudança alguma no tabaco. No entanto, em nosso entender, tal afirmação se deve a que King experimenta com tabaco para cachimbo, excessivamente forte, e o cachimbo não é um instrumento adequado para tais provas. A realidade é que o tabaco se suaviza bastante (o que, diga-se de passagem, não significa o mesmo que melhorar).

Com referência às bebidas alcoólicas, pode-se agir de duas maneiras. Uma, a mais espetacular, consiste em submeter à comprovação dois copos da mesma bebida, um exposto à influência

da pirâmide, o outro tirado diretamente da garrafa; neste caso, é fácil comprovar que, com apenas uma hora de exposição, a bebida da pirâmide é muito mais suave. O segundo sistema consiste em deixar um copo na pirâmide e outro ao ar livre. A diferença continua sendo perceptível, embora menor.

O que acontece, da mesma forma que com os cítricos, é que o álcool e as essências são muito mais voláteis que a água, ficando sua evaporação acelerada proporcionalmente pela pirâmide. Uma vez que as bebidas alcoólicas e o vinho de qualidade são caracterizados por uma maturação muito maior, que suaviza o álcool — além de dar-lhes o buquê — e uma gradação algo menor, a diminuição em sua proporção de álcool, causada pela pirâmide, os suaviza, deixando-os mais fracos, o que parece melhorá-los. Não obstante, isto nada tem a ver com a qualidade e o buquê.

O segundo tratamento que podemos dar às bebidas alcoólicas e vinho é colocá-los na pirâmide em um frasco *fechado* durante um mês, com isso ficando acelerada a sua maturação, sem perda de graduação. Neste caso é que acontece um claro envelhecimento dos mesmos, com tudo quanto isso implique sobre o buquê. Também devemos levar em conta que nem todas as bebidas alcoólicas melhoram com o tempo; neste caso, a pirâmide é inútil.

LEITE

O leite tratado na pirâmide durante apenas uma hora se mantém mais fresco muito tempo depois da data da caducidade inscrita na embalagem. Se o tratamento for prolongado por uma semana, o leite se transforma em iogurte, sem necessidade de ser acrescentado qualquer fermento.

O processo é simples, mas curioso: o leite começa por estratificar-se em camadas separadas, por vezes surgindo uma precipitação empoeirada. Pouco a pouco, tais camadas se espessam, combinando-se entre si, até que o todo se transforma em uma substância cremosa e suave, com aparência e sabor de iogurte.

Devemos ter em conta que, neste processo, interferiram muitos fatores e que, portanto, não é regular. Em algumas

ocasiões, a estratificação é apenas perceptível ou inexistente; de outras vezes, o leite se transforma em iogurte dentro de 24 ou 48 horas. Há vezes, no entanto, em que o processo se atrasa ou não surgem resultados, embora se trabalhe em idênticas condições de luz, calor e umidade.

Bill Schul e Ed Pettit também realizaram uma série de experiências para descobrir qual o melhor lugar de colocação do leite na pirâmide e também qual o material que dava melhor resultado na construção das mesmas. Para tanto, construíram pirâmides de material e tamanho diversos, colocando durante seis dias recipientes de leite idênticos, em localizações variadas no interior da pirâmide. A seguir, reproduzimos o resultado de sua experiência (Quadro 3).

Quadro 3. Experiência de Schul e Pettit sobre tamanho e material das pirâmides no tratamento do leite.

Tamanho da pirâmide	Material	Localização	Resultado
25 cm	Vidro	Câmara do Rei	logurte suave, ausência de mofo
30 cm	Espelho prateado	Câmara do Rei	Estratificado, coalhada
40 cm	Lados de madeira e frente de vidro	Câmara do Rei	logurte suave, ausência de mofo
1,80m	Estrutura de madeira, coberta de madeira	5 cm acima do vértice	Ausência de mofo e ausência de estratificação
1,80m	Estrutura de madeira, coberta de madeira	5 cm abaixo do vértice	Ausência de mofo e ausência de estratificação
1,80m	Idem	Câmara do Rei	logurte suave, ausência de mofo
3,20m	Fibra de madeira, isolamento de vidro	10cm abaixo do vértice	Cerca de metade com a consistência de iogurte, ausência de mofo
3,20m	Idem	Câmara do Rei	logurte suave, ausência de mofo

O leite colocado em recipiente aberto, fora da pirâmide, estragou-se sempre.

As conclusões são terminantes: os melhores materiais para construir pirâmides são a madeira e o vidro (aos quais acrescentaremos o papelão e a cartolina), sendo a Câmara do Rei o melhor lugar de colocação.

MEL

Joan Ann de Mattia foi a introdutora do tema do mel, no livro *A Força das Pirâmides*, de Toth e Nielsen. Segundo ela, o mel começa a solidificar-se ou, melhor dizendo, a espessar-se, dentro de 5 dias, com a particularidade de que, modificando-se a orientação da pirâmide, ele retorna ao estado líquido. Este processo acontece quantas vezes for repetida a operação. Se não for tocado, em sete semanas o mel estará solidificado, podendo ser deixado em qualquer lugar, que não absorverá umidade.

King quis repetir a operação e observou que, sete dias depois, o mel não parecia mais espesso; quando começou a espessar-se, alterou a orientação da pirâmide e só notou que ele se liquefazia três dias mais tarde. Colocou-a de novo na orientação correta e o mel demorou outros sete dias para espessar-se. Desta vez, o tempo requerido para liquefazer-se foi de cinco dias. Seguindo um impulso, retirou a pirâmide e, em quarenta e oito horas, o mel estava mais espesso do que nunca, e assim, deu a experiência por encerrada.

Entre os demais autores, nenhum declara ter efetuado experiências com o mel e somente uns poucos a citam de passagem, referindo-se a Joan Ann de Mattia. Tentamos a prova e, conosco, aconteceu praticamente o mesmo que a King, com a diferença de que colocamos uma testemunha — coisa que ele não fez — e o resultado final foi que, em trinta e sete dias, o mel ficou praticamente igual, tanto dentro, como fora da pirâmide. Embora nossa experiência se tenha desenvolvido em dias chuvosos de inverno, as condições eram idênticas para as duas amostras e deveria ser notada a influência da pirâmide. Em 16 gramas de mel, colocado na pirâmide, a perda de peso atingiu 0,27g. A testemunha perdeu 0,3g de peso. Acharos que estas cifras não são suficientemente explícitas.

Entre as muitas cartas que recebemos, mostrando resultados de experiências com a pirâmide, apenas uma delas, a de Don Ángel Manzano Garcia, de Puerto de la Luz (Las Palmas, na Grande Canária), nos fala do mel, mas para comentar que tampouco conseguiu qualquer resultado com o mesmo. O interessante em sua longa carta (que daqui lhe agradecemos), é que todos os resultados de suas experiências coincidem com os nossos, o que nos garante a credibilidade de suas afirmações sobre este tema.

Nossa conclusão provisória é de que, sendo o mel um produto altamente higroscópico, dificilmente deixa escapar a água. Além do mais, devemos ter em conta que o processo de solidificação do mesmo nada tem a ver com a desidratação, posto que sua própria natureza a impede. Todos sabemos que, deixado em um frasco hermeticamente fechado, o mel se solidifica por si mesmo, recuperando o estado líquido ao' ser apenas esquentado em banho-maria. Isto nos prova que a solidificação do mel é um processo de cristalização, no qual as moléculas do produto incorporam moléculas de água à sua estrutura, estas só podendo ser desalojadas pela ação do calor.

Antes de passarmos ao próximo capítulo, incluiremos aqui os resultados obtidos por diversos autores, em vista de seu interesse.

Verne Cameron, em *A Força das Pirâmides*, de Toth e Nielsen

Material	Tempo	Resultado
Carne semigordurosa de porco	9 dias	Mumificação
Rodela de melancia	Vários dias	Mumificação

Sem dados sobre pirâmides ou pesos

Material	Tempo	Resultado
Mel líquido	5 dias	Começa a solidificar-se
Mel líquido	7 semanas	Sólido
Rosa	5 dias	Mumificação
Maça silvestre	3 meses	Mumificação
Rodela de maça	6 a 8 semanas	Mumificação
Ervas	4 dias	Mumificação
Rodelas de cogumelos	6 a 8 semanas	Mumificação

Sem dados sobre pirâmides ou pesos

Max Toth e Greg Nielsen, em A Força das Pirâmides.

Material	Tempo	Resultado
Leite não pasteurizado	3 a 5 semanas	Requeijão

Sem dados sobre pirâmides ou pesos.

Jean Martial, em La Radiesthésie et les Énergies Inconnues

Material	Altura da pirâmide	Peso inicial em gramas	Dias	Peso final em gramas	Porcentagem de desidratação
Ovo com casca	15 cm	52	43	17	67
Ovo sem casca	15 cm	33	19	15	54
Ventre de bezerra	15 cm	33	9	10	70
Traqueoartéria de cordeiro	15 cm	23	6	6	74
Cérebro de cordeiro	15 cm	93	49	33	64
Pescado sem limpar	15 cm	35	13	10	71

O índice médio de ressequimento estabelece-se em 66 por cento. O tempo médio estabelece-se em três semanas.

Bill Schull e Ed Pettit em O Poder Secreto das Pirâmides.

Material	Altura da pirâmide	Peso inicial em gramas	Dias	Peso final em gramas
Ovo fresco com casca	15 cm	51	60	19
Ovo fresco sem casca	15 cm	34	19	18
Fígado fresco de bezerra	15 cm	45	20	18
Pescado fresco	15 cm	45	15	14
Lombo de vaca	15 cm	245	40	97
Tomate	180 cm	198	60	6,6
Uvas	180 cm	390	35	92
Uvas	180 cm	390	50	6
Leite	—	—	6	ioaurte
Leite	—	—	60	queijo

4

EXPERIÊNCIAS COM AS PLANTAS

Se, ao falarmos sobre a mumificação, lamentamos a falta de um critério uniforme de estudo, o mesmo devemos dizer no que tange a trabalhos efetuados com plantas. Todos os autores se alongam ao relatar como a pirâmide atua positivamente sobre as plantas e sementes, mas os dados que nos facilitam são subjetivos, com raras exceções, carentes de informes concretos que nos permitam compreender realmente o que acontece e o grau de eficácia da pirâmide sobre as mesmas.

Todos os autores coincidem em afirmar que as sementes tratadas com a pirâmide germinam mais cedo, dando origem a plantas mais saudáveis e vigorosas. Não obstante, quando se trata de saber quanto tempo devem permanecer na pirâmide, antes do plantio, deparamos com cifras que variam das vinte e quatro horas, segundo King, até o mínimo de duas semanas, proposto por Toth. De qualquer modo, a importância do tempo é secundária neste caso, pois comprovamos que a permanência das sementes na pirâmide não é prejudicial, pelo contrário. Inclusive, as sementes tratadas até a desidratação completa germinam da mesma forma que as não tratadas. Assim sendo, no pior dos casos, acontece apenas uma perda de tempo.

Em última instância, se não queremos assegurar categoricamente que a pirâmide cura, podemos afirmar que, pelo menos, alivia e acelera o processo de cura. Em poucas palavras, a ação da pirâmide consistiria em gerar e administrar ao corpo energia e vitalidade suficientes para que ele intensifique suas defesas contra a enfermidade, de um modo tão extraordinário, que será capaz de dominá-la, até mesmo em casos quando normalmente não seria possível, e que o faça muito antes do normal, em se tratando de casos benignos.

Também devemos ter em mente o papel relevante que a tensão e a ansiedade desempenham em um imenso número de enfermidades, como a hipertensão, a insônia, as doenças nervosas, etc., pelo que, sendo a pirâmide um poderoso tranqüilizante, não podemos deixar de considerar lógicos os testemunhos recebidos sobre as curas de tais enfermidades.

No relativo à insônia, podemos testificar a eficácia da pirâmide, assim como o quanto é benéfico dormir em uma delas. De qualquer modo, parecem-nos exageradas as afirmações que temos lido quanto a noventa minutos de sono em uma pirâmide serem mais eficazes que o repouso normal de toda uma noite. Nossa experiência indica que não se trata de dormir menos, porém de repousar melhor. Talvez, com o tempo, seja possível diminuir-se progressivamente o período de sono, mas isto é algo que, no momento, não nos atrevemos a afirmar.

Antes de prosseguir, devemos deter-nos um instante na maneira de agir na cura pela pirâmide, um tema sobre o qual muito se tem falado, mas que, em nossa opinião, continua sendo pouco claro, podendo dar origem a surpresas desagradáveis.

Nem todos podem construir em casa uma pirâmide bastante grande para dormir nela ou, ao menos, para permanecer dentro da mesma. (Uma pirâmide assim deve ter 1,80m de altura, ocupando praticamente todo um quarto.) Neste caso, restam duas soluções: 1) colocar-se uma pirâmide acima e 2) colocá-la por baixo.

Sempre recomendamos o primeiro método. Para pô-lo em prática, é bastante dispormos de uma pirâmide de papelão, com 30 cm de altura, fácil de construir. Existem várias maneiras para seu uso, a saber:

Tratamento de uma parte reduzida do corpo (braço, por exemplo): Basta fazer as aberturas adequadas em duas faces laterais opostas da pirâmide e, após orientá-la, introduzir o braço, descansando-o na base da pirâmide, ficando o ponto afetado sob o vértice da mesma.

Tratamento de uma área extensa (estômago, por exemplo): Neste caso, o paciente deverá deitar-se com a cabeça voltada para o norte e os pés para o sul. Colocada sobre um suporte (uma mesinha ou uma bandeja de pernas podem servir), a pirâmide se situará sobre a parte afetada, uma vez orientada convenientemente.

Tratamento de afecções gerais: A pirâmide será suspensa do teto, de maneira que o paciente, sentado ou deitado, fique inteiramente coberto pelo prolongamento imaginário da mesma. Pode-se conseguir maior eficácia, orientando-se o paciente na direção do eixo norte-sul.

No momento, desaconselhamos a colocação da pirâmide abaixo da cadeira ou da cama pois, embora nos tenham chegado testemunhos favoráveis, também temos notícias de resultados desagradáveis, embora não graves. Em geral, estes se limitam a dores agudas ou indisposições que desaparecem, com a retirada da pirâmide.

Estamos também a par de vários casos em que dormir com uma pirâmide debaixo da cama deu bom resultado nas primeiras noites e, no entanto, ao cabo de alguns dias, os resultados variaram radicalmente, registrando-se uma superexcitação nervosa insuportável. Em um caso concreto, um amigo que colocou sete pirâmides de 15 cm debaixo da cama (para energizar os chakras, segundo nos disse) despertou alta noite meio histérico, embora fosse uma pessoa sossegada e tranqüila.

Segundo parece, a pirâmide gera campos diferentes de energia, em seu interior e acima do vértice. Embora os internos pareçam prolongar-se por baixo — apesar de mais fracos — são sempre benéficos, quando, em troca, os emanados do vértice às vezes parecem ser mais perigosos.

Aqueles que praticaram a radiestesia podem fazer a seguinte prova: coloca-se uma pirâmide sobre uma mesa, orientando-a convenientemente e abrindo-a em seguida. Caso seja comprovado

Dispuseram cinquenta sementes de girassol sobre papel secante dobrado, que umedeceram, e colocaram em potes de boca larga, cobertos com papel úmido para conservar a umidade e, ao mesmo tempo, permitir a passagem de ar.

Deixaram que as sementes germinassem, até conseguirem brotos de 9 mm de altura, os quais foram transplantados para vasos de plásticos de 32 mm, cheios de terra comum. Penduraram os vasos em lugares diversos de uma pirâmide de 1,80 m de altura, segundo um plano que se estendia através da pirâmide, como se pode verificar no desenho abaixo (figura 4); asseguraram uma temperatura homogênea na pirâmide, mediante ventiladores situados a três metros de cada uma das faces da pirâmide. Além disso, abriram um respiradouro de 25 cm no vértice da mesma.

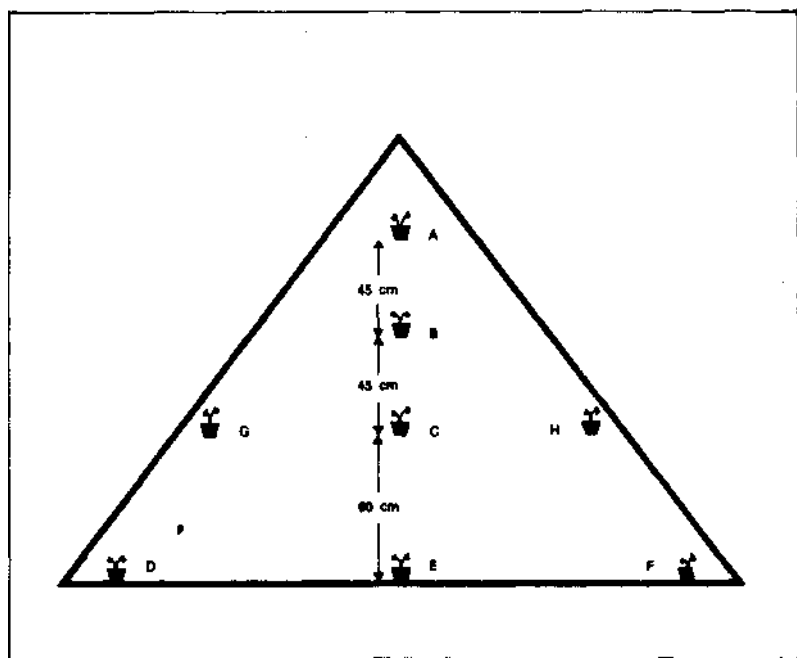


FIG. 4. Colocação das plantas, na experiência de Schul e Pettit

Cada uma das plantinhas foi regada com 5 gramas de água ao serem plantadas e, mais tarde, diariamente e às oito horas da manhã, recebeu a mesma quantidade de água, pelo tempo que durou a experiência.

O crescimento das plantas está registrado no quadro 4.

Quadro 4. Crescimento comparativo das plantas (girassol) na experiência de Schul e Pettit. (Tamanhos expressos em milímetros.)

Início	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5
A = 9	37	60	103	141	184
B = 9	24	25	29	48	63
C = 9	33	35	48	56	81
D = 9	24	25	27	35	51
E = 9	25	27	30	35	48
F = 9	14	19	29	32	48
C = 9	11	32	44	54	73
H = 9	13	16	30	63	78

Sua conclusão foi de que o melhor lugar da pirâmide não se situa na Câmara do Rei, mas sim no ponto mais alto, sob o vértice, enquanto que os piores resultados são obtidos ao rés do chão. Isto confirmaria — dizem — a teoria segundo a qual a energia flui para a cúspide e por fora do vértice da pirâmide.

Não partilhámos desta opinião, pois neste caso o crescimento máximo deveria ser o da planta A, depois o da B e por último o da C, seguidas a muita distância pelas demais. Entretanto, se observarmos os resultados, veremos que a planta B cresceu menos que a C e, inclusive, que as plantas G e H, supondo-se então que a energia deveria ter dado uma volta, esquivando-se da planta B, o que carece de toda lógica.

Além do mais, nas experiências com o leite, relatadas no capítulo anterior, vimos que o ponto mais alto apenas o conservava, sem atuar sobre ele. Naquele caso, a ação era maior na Câmara do Rei, diminuindo progressivamente na direção da cúspide.

Podemos, não obstante, observar a existência de um plano de máxima ação, paralelo à base e situado à altura da Câmara do Rei. Temos também de levar em conta que a planta A se encontra diante do respiradouro, o que pode criar uma corrente

de ar e umidade convergente até este ponto, alterando a situação. Sendo este o caso ou na hipótese de ser uma semente extraordinária - posto que um crescimento superior ao dobro do das demais é inconcebível por causas normais - devemos crer que o melhor lugar continua sendo o tradicional.

Nestas experiências, também sentimos falta da existência de testemunhas e, como se fosse pouco, os lugares submetidos a exame são parciais, por corresponderem a um só plano, em vez de estarem distribuídos por toda a pirâmide. De qualquer modo, temos que conceder um extraordinário interesse à experiência, a qual tentaremos desenvolver o quanto antes, introduzindo as modificações indicadas.

A mais séria experiência envolvendo plantas foi realizada durante o outono de 1975, por Jack Dyer, no Central State College de Edmund, Oklahoma, também relatada por Schul e Pettit.

Jack Dyer escolheu sessenta favas híbridas de jardim e as fez germinar juntas, em uma bandeja; dois dias mais tarde, sem selecioná-las, transferiu-as para recipientes idênticos com um composto de vermiculite, regando-as com quantidades medidas de água.

Por meio de um computador, foram desenhadas três formas que tivessem exatamente o mesmo volume: pirâmide, prisma equilátero e paralelepípedo. Foram construídas cinco caixas de vidro de cada formato e destinados três recipientes de sementes para cada uma delas. Outros quinze recipientes, reservados como controle e não colocados em caixas, foram alinhados na mesma estante e em condições idênticas às dos demais, para o seu crescimento. Todas as plantas ficaram expostas à luz fluorescente "Gro-lite", dezesseis horas por dia.

Mediante o computador, selecionou-se diariamente o lugar de colocação das caixas para que, encerrada a experiência, cada planta houvesse recebido exatamente o mesmo tratamento, no relacionado a luz, calor, circulação de ar, etc.

Para completar a experiência, uma caixa de cada formato e cada uma delas contendo três sementes foram colocadas ao lado de uma janela, da mesma forma que outra semente de controle.

As plantas foram cultivadas de 29 de novembro a 9 de dezembro, sendo sua taxa de crescimento avaliada em milésimos

de polegadas, com um micrômetro, levando-se em conta a altura da planta e o diâmetro da haste. O quadro 5 indica a taxa média de crescimento e o crescimento total, para todas as plantas de cada grupo.

Quadro 5. Experiência de Jack Dyer sobre o crescimento das plantas.
(Medidas expressas em milímetros.)

Planta	Controle	Paralelepípedo	Prisma	Pirâmide
1	105,1052	95,1484	144,1958	145,5928
2	89,8906	102,6414	115,0112	188,8490
3	56,4642	107,7214	97,2566	143,9672
4	128,3970	147,9804	163,6776	186,8932
5	148,6916	140,8684	140,7414	166,0652
6	29,2354	70,2056	176,5300	184,2008
7	165,8874	1612900	199,1868	168,9862
8	153,2128	130,5306	90,1700	112,9538
9	134,6454	18,7960	108,0262	161,5440
10	145,6690	168,5290	110,2614	156,0576
11	130,6322	158,6230	145,6690	130,8100
12	66,7512	104,8004	38,8366	143,6116
13	125,2728	130,7084	185,6232	156,2100
14	105,2322	33,6286	94,9706	117,3988
15	0,0254	83,6676	80,0100	113,5380
Crescimento total	1585,1124	1655,1402	1890,1664	2276,6782
Frequência média	1	110,3427	126,0112	151,7785

Como podemos ver, as plantas da pirâmide ultrapassam sobejamente em crescimento a todas as demais, seguindo-se as do prisma e, em terceiro lugar, as do paralelepípedo, encerrando-se com as de controle.

As amostras colocadas na janela cresceram muito mais lentamente, o que é compreensível, pois ficaram expostas apenas à luz solar, que é de curta duração, nessa época do ano.

Ao pesar as plantas, Dyer descobriu um fato muito curioso. Ainda verdes, as que mais pesaram foram as da pirâmide - o que é lógico - mas após secá-las em um secador de ervas, as plantas da pirâmide eram as que menos pesavam, sendo mais pesadas as do controle, que antes eram as mais leves.

Esta é a experiência, tal qual a relatou Dyer. Em seguida, vejamos alguns comentários.

Em primeiro lugar, consideramos muito melhor o método de Schul e Pettit para a seleção das plantas, pois havendo mais sementes que as necessárias, podemos selecionar para a prova todas aquelas que alcançaram um crescimento idêntico em seus primeiros dias, 9 e 10 mm, por exemplo; desta forma, os resultados serão sempre mais homogêneos e teremos a certeza de que não existem plantas falhas, como a décima quinta de controle, na experiência de Dyer; havendo algumas de desenvolvimento insuficiente, teremos que buscar a causa em outro lado, tendo eliminado uma variante. Pode-se verificar facilmente no quadro 5 que, se a planta número 15 tivesse um desenvolvimento similar ao das demais de seu grupo, o crescimento médio das plantas de controle teria sido igual ou superior ao das do paralelepípedo.

O segundo ponto diz respeito ao surpreendente resultado final do peso das plantas da pirâmide. Em nosso entender, impunha-se a sua incineração, para ficar comprovado se a perda de peso no ressecamento (cuja quantidade não foi mencionada) seria apenas devido a um maior conteúdo de água e matérias voláteis ou, como é mais lógico supor, fora produzido em virtude de uma melhor fixação de sais minerais.

Trata-se de um pormenor de grande importância, já que todos os autores sugerem a construção de estufas em forma de pirâmide, algo que achamos ainda muito prematuro, em vista do enorme acúmulo de fatores a serem levados em consideração e, em especial, se a pirâmide diminui a fixação dos sais minerais. Neste caso, a construção de estufas piramidais seria inteiramente desaconselhável, posto que as plantas permaneceriam constantemente em seu interior. Seria conveniente apenas a construção de pirâmides anexas às estufas, destinadas ao cultivo, caso em que a eficiência ficou suficientemente comprovada.

Também, antes de alguém atirar-se a tal investimento, problemático em nosso ponto de vista, deveria ser estudado detidamente o comportamento das diversas espécies de plantas sob a pirâmide, para ter-se certeza de quais podem ser tratadas; como dissemos antes, as plantas fracas (a verbena, por exemplo) oferecem resultados bastante irregulares e, segundo dados em nosso poder, os cogumelos nunca se desenvolvem.

Tendo ficado comprovado que se pendurarmos uma pirâmide acima de uma planta fraca ou doente esta evolui favoravelmente,

e que os melhores efeitos são conseguidos com pirâmides fechadas (mas sem base), também deveriam ser realizadas mais experiências deste tipo sobre variedades de plantas delicadas, que não resistem ao tratamento dentro da pirâmide, talvez por um excesso no campo energético da mesma.

Outra das provas a serem realizadas diz respeito ao aproveitamento do campo energético exterior da pirâmide, colocando-se algumas de pequeno tamanho entre as plantas, para verificar-se o que acontece.

Por último, mencionaremos que Toth e Nielsen citam o uso da pirâmide para beneficiar a formação de raízes em mudas por galhos; com tal finalidade, basta colocar os galhos em um recipiente com água dentro da pirâmide e, em pouco tempo, surge um número considerável de raízes, permitindo assim que a muda possa ser plantada, sem mais delongas, em sua localização definitiva.

Como se pode notar, estamos tão somente no início de um futuro promissor: a aplicação da pirâmide, em melhor proveito da agricultura.

5

AS PIRÂMIDES E A SAÚDE

Enquanto realizávamos as experiências dos capítulos anteriores, decidimos construir uma pirâmide de 1,80 m de altura, para nós mesmos comprovarmos o quanto existe de verdade no que se afirma a respeito dos efeitos da pirâmide sobre a pessoa.

Quando o primeiro de nós se sentou no interior da pirâmide e, após alguns minutos, viu que nada acontecia, ficou ligeiramente decepcionado. No entanto, pouco depois, começou a perceber como se sentia bem naquele espaço limitado quando, em geral, não conseguia permanecer em lugares pequenos e fechados. Isto nos fez compreender que a paz e a tranquilidade, a sensação de bem-estar, são proporcionadas pela estrutura especial da pirâmide, apesar do espaço limitado. A medida que transcorriam os minutos, mais acentuadas se tornavam essas sensações, maior era a clareza mental e menor a vontade de abandonar a pirâmide.

Repetida a experiência com o segundo de nós, as conclusões foram similares. Comentado o caso, chegamos à conclusão de que, se não estivéssemos tão atentos aos possíveis resultados da permanência no interior da pirâmide, talvez não chegássemos a perceber coisa alguma. Talvez tudo aquilo não passasse,

pensamos, de sugestão de uma nova experiência, precedida por relatos de maravilhas. Em nosso caso, as maravilhas se tinham limitado a uma sensação de relaxamento, mas era real!

Convidamos alguns amigos a entrarem na pirâmide, sem explicações prévias. Os resultados foram diversos: alguns nada notaram, enquanto que outros — a maioria — sentiram o mesmo que nós. Houve um que declarou ter percebido uma sensação de força e um formigamento por todo o corpo, "como se eu fosse atravessado por uma fraca corrente elétrica".

Temos permanecido constantemente na pirâmide e sempre acontece o mesmo: a tensão e o nervosismo em pouco desaparecem, gerando-se um estado de relaxamento e bem-estar, que se torna mais e mais duradouro, uma vez abandonada a pirâmide. Se nada mais houvesse, bastaria isso e nos daríamos por satisfeitos, concluindo que os benefícios proporcionados pela pirâmide compensam sobejamente o trabalho de sua construção.

Há muito mais, no entanto. A pirâmide não é apenas um calmante do sistema nervoso, mas também de todo o tipo de dores; as de cabeça desaparecem por completo, com uma permanência de meia hora ou menos na pirâmide e, inclusive, fortes nevralgias e dores reumáticas desaparecem ou são consideravelmente aliviadas.

À objeção de que aliviar uma dor não é eliminar a causa da mesma, que um analgésico não cura, responderemos que o caso da pirâmide é diferente. Verificamos que as pancadas, contusões, torceduras e ferimentos não apenas são aliviados com rapidez, mas, no caso destas últimas, deixam de sangrar antes do devido tempo, sendo muito mais rápida a sua cura (menos de metade do tempo normal).

Corroborando nossas experiências pessoais, recebemos uma enorme quantidade de testemunhos de cura das mais diversas enfermidades, algumas das quais não tinham encontrado alívio em nenhuma terapia. Para sermos sinceros, no entanto, devemos manter certas reservas no tocante às curas. Não é em vão que fé e sugestão desempenham um papel importante nas curas "milagrosas". De qualquer modo, na pirâmide existe algo que precisa de uma investigação séria, levada a efeito por profissionais da medicina.

Em última instância, se não queremos assegurar categoricamente que a pirâmide cura, podemos afirmar que, pelo menos, alivia e acelera o processo de cura. Em poucas palavras, a ação da pirâmide consistiria em gerar e administrar ao corpo energia e vitalidade suficientes para que ele intensifique suas defesas contra a enfermidade, de um modo tão extraordinário, que será capaz de dominá-la, até mesmo em casos quando normalmente não seria possível, e que o faça muito antes do normal, em se tratando de casos benignos.

Também devemos ter em mente o papel relevante que a tensão e a ansiedade desempenham em um imenso número de enfermidades, como a hipertensão, a insônia, as doenças nervosas, etc., pelo que, sendo a pirâmide um poderoso tranqüilizante, não podemos deixar de considerar lógicos os testemunhos recebidos sobre as curas de tais enfermidades.

No relativo à insônia, podemos testificar a eficácia da pirâmide, assim como o quanto é benéfico dormir em uma delas. De qualquer modo, parecem-nos exageradas as afirmações que temos lido quanto a noventa minutos de sono em uma pirâmide serem mais eficazes que o repouso normal de toda uma noite. Nossa experiência indica que não se trata de dormir menos, porém de repousar melhor. Talvez, com o tempo, seja possível diminuir-se progressivamente o período de sono, mas isto é algo que, no momento, não nos atrevemos a afirmar.

Antes de prosseguir, devemos deter-nos um instante na maneira de agir na cura pela pirâmide, um tema sobre o qual muito se tem falado, mas que, em nossa opinião, continua sendo pouco claro, podendo dar origem a surpresas desagradáveis.

Nem todos podem construir em casa uma pirâmide bastante grande para dormir nela ou, ao menos, para permanecer dentro da mesma. (Uma pirâmide assim deve ter 1,80m de altura, ocupando praticamente todo um quarto.) Neste caso, restam duas soluções: 1) colocar-se uma pirâmide acima e 2) colocá-la por baixo.

Sempre recomendamos o primeiro método. Para pô-lo em prática, é bastante dispormos de uma pirâmide de papelão, com 30 cm de altura, fácil de construir. Existem várias maneiras para seu uso, a saber:

Tratamento de uma parte reduzida do corpo (braço, por exemplo): Basta fazer as aberturas adequadas em duas faces laterais opostas da pirâmide e, após orientá-la, introduzir o braço, descansando-o na base da pirâmide, ficando o ponto afetado sob o vértice da mesma.

Tratamento de uma área extensa (estômago, por exemplo): Neste caso, o paciente deverá deitar-se com a cabeça voltada para o norte e os pés para o sul. Colocada sobre um suporte (uma mesinha ou uma bandeja de pernas podem servir), a pirâmide se situará sobre a parte afetada, uma vez orientada convenientemente.

Tratamento de afecções gerais: A pirâmide será suspensa do teto, de maneira que o paciente, sentado ou deitado, fique inteiramente coberto pelo prolongamento imaginário da mesma. Pode-se conseguir maior eficácia, orientando-se o paciente na direção do eixo norte-sul.

No momento, desaconselhamos a colocação da pirâmide abaixo da cadeira ou da cama pois, embora nos tenham chegado testemunhos favoráveis, também temos notícias de resultados desagradáveis, embora não graves. Em geral, estes se limitam a dores agudas ou indisposições que desaparecem, com a retirada da pirâmide.

Estamos também a par de vários casos em que dormir com uma pirâmide debaixo da cama deu bom resultado nas primeiras noites e, no entanto, ao cabo de alguns dias, os resultados variaram radicalmente, registrando-se uma superexcitação nervosa insuportável. Em um caso concreto, um amigo que colocou sete pirâmides de 15 cm debaixo da cama (para energizar os chakras, segundo nos disse) despertou alta noite meio histérico, embora fosse uma pessoa sossegada e tranqüila.

Segundo parece, a pirâmide gera campos diferentes de energia, em seu interior e acima do vértice. Embora os internos pareçam prolongar-se por baixo — apesar de mais fracos — são sempre benéficos, quando, em troca, os emanados do vértice às vezes parecem ser mais perigosos.

Aqueles que praticaram a radiestesia podem fazer a seguinte prova: coloca-se uma pirâmide sobre uma mesa, orientando-a convenientemente e abrindo-a em seguida. Caso seja comprovado

o movimento do pêndulo sobre a base, vê-se que ele gira em determinada direção (no sentido dos ponteiros do relógio, suponhamos, já que isto é sempre pessoal); se fecharmos a pirâmide a seguir, pode-se comprovar que, sobre seu vértice, o pêndulo gira em sentido contrário. Se formos elevando o pêndulo acima do vértice, constataremos que, quando ele alcançar uma altura equivalente à da pirâmide, tornará a mudar a direção do giro, o que se repete sempre que chegarmos a uma altura múltiplo da altura da pirâmide (figura 5).

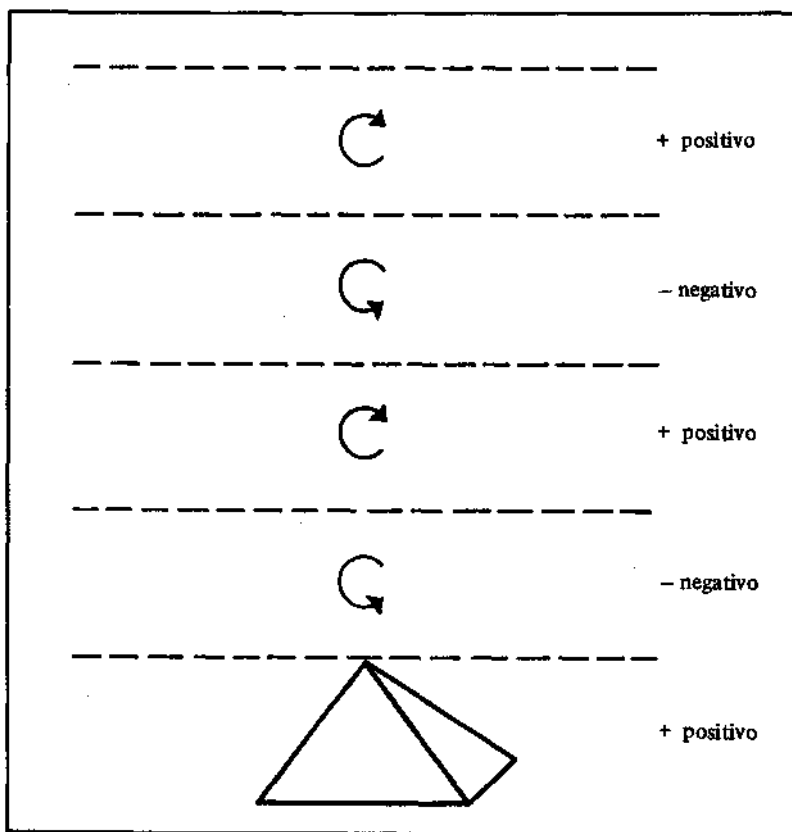


FIG. 5. Comprovação de campos, por meio do pêndulo

Esta simples experiência indica que, se abaixo da pirâmide o sinal da energia é positivo, acima do vértice ela parece estratificar-se em camadas alternadas de sinais contrários, cada uma das quais corresponde à altura da pirâmide. Aventuramo-nos a sugerir que, segundo a que altura acima do vértice se situe a pessoa, corresponde-lhe uma energia do mesmo ou de sinal contrário ao da pirâmide. Os efeitos desagradáveis porventura produzidos seriam então devidos à permanência em uma dessas camadas, de sinal oposto ao da pirâmide.

Como ilustração dos efeitos contrários da pirâmide, segundo sua situação, citaremos dois casos relacionados entre si, por um objetivo comum: o aquário.

Tom Garret, de Oklahoma City, colocou uma pirâmide de 15 cm de altura debaixo de seu aquário de peixes tropicais. Dentro de dez dias, os peixes começaram a morrer (ele perdeu sete, em pouco tempo), sendo formada uma sedimentação castanha que cobriu as paredes e o fundo do aquário. Em vista de tais resultados, Garret retirou a pirâmide passados sete dias, colocando uma de plástico, de sete centímetros, no interior do aquário, sobre as pedras do fundo. Dentro de poucas horas, a água começou a clarear e, em alguns dias, a sedimentação desaparecera por completo. Os peixes, em especial os *guppies*, adquiriram cores mais brilhantes, tornando-se mais ativos e mansos.

O segundo caso diz respeito às investigações de Bill Kerrel e Kathy Goggin. Ambos criavam "macacos marinhos" ¹ em dois aquários, um de controle e o outro sob a influência da pirâmide. Comparando os resultados obtidos em doze gerações, concluíram que a água da pirâmide e uma pirâmide colocada sobre o tanque de prova alongava em muito a vida dos macacos marinhos. Da mesma forma, os macacos marinhos tratados com a pirâmide, ficavam duas ou três vezes maiores.

Estes dois exemplos nos permitem chegar a outro ponto importante. Falamos antes da enorme influência da fé e da sugestão nas curas não "ortodoxas", influência que sempre

¹ A anemia salina, a que os americanos denominam "macaco marinho", é um pequeno crustáceo, parecido com o camarão, que vive nos lagos salgados. Os adeptos da criação de peixes tropicais o usam como alimento dos mesmos.

constitui o último refúgio dos meios "sérios" para negar tudo que não se encaixe dentro de seu rígido esquema. Pois bem, onde entra a sugestão, para não falarmos da fé, em se tratando de peixes e camarões?

Continuemos com nosso tema. Segundo vimos, não é aconselhável o uso de pirâmides debaixo da cama ou da cadeira, mas se alguém insistir em seu emprego — já dissemos que possuímos testemunhos demonstrando sua eficácia — deve tomar precauções e medir cuidadosamente os tempos de exposição. Neste caso, onde fica o efeito afrodisíaco da pirâmide, de que nos fala Joan Ann de Mattia e que citamos no segundo capítulo?

Conhecemos numerosos casos em que o emprego da pirâmide atuou positivamente sobre o impulso sexual, mas também poderíamos citar outros que a influência foi nula ou negativa, chegando a provocar indisposições. São dois os fatores que, em nosso entender, podem motivar tal disparidade. Por um lado, a sensibilidade pessoal de cada usuário e, por outro, a distância existente entre este e a pirâmide. O que podemos efetivamente afirmar é que, usada corretamente (isto é, colocando-nos abaixo ou no interior da mesma), a pirâmide proporciona uma intensificação de saúde e energia, em todos os níveis. Assim, sem precisarmos ser mais específicos, surgirá também uma intensificação do vigor sexual.

Outro tema citado por todos os autores, embora contraditoriamente, é o da obesidade. Segundo parece, muitas pessoas perdem peso após a permanência de algum tempo na pirâmide; acontece também o inverso, quando pessoas magras ganham peso. O fator comum a todos os casos é o desejo de que isso aconteça.

De tal aparente contradição, cabe-nos apenas tirar uma conclusão: a pirâmide não é uma cura para a obesidade, mas um equilibrador. Se sua energia reforça as defesas do organismo contra a doença, é lógico supor-se que ajuda a manter a saúde em todos os aspectos — e tanto a obesidade como a magreza excessiva não passam, no fundo, de desequilíbrios funcionais e, desta forma, suscetíveis de correção.

Outro ponto de interesse, mencionado por Schul e Pettit, em seu último livro, é o efeito da pirâmide nos viciados em drogas.

"Não são poucos os jovens que nos visitaram, telefonaram e escreveram — dizem Schul e Pettit — comunicando que, após começarem a passar algum tempo dentro da pirâmide, perderam o interesse pelas drogas. 'Eu não as abandonei, foram elas que me abandonaram' é uma declaração típica, parecendo indicar que a troca acontece sem ser forçada. É clara a existência de um sentimento inconsciente de deixar a droga, mas a maioria dos jovens com os quais falamos afirmou não ter intenção de abandonar o clímax químico pela permanência na pirâmide. Esta era apenas um complemento."

Um estudante de Galveston, Texas, de dezessete anos, escreveu:

"Tentei várias vezes o LSD, mas tinha interrupções em meus sonhos, o que não me agradava. Abandonei-o e me dediquei mais seriamente à maconha, por mais de um ano. Li seu livro *O Poder Secreto das Pirâmides* e resolvi construir uma. Coloquei-a em meu quarto e passei a dormir ali, mas em pouco o efeito começava a desaparecer. Então, verifiquei que não conseguia alcançar o ápice de meus sonhos, mas descobri que não precisava disso. Parecia sentir-me melhor assim, quase no ápice, dentro da pirâmide. E, agora, tenho dinheiro para outras coisas."

Por último, há um extremo que consideramos muito importante. Em seu livro, Stark diz que um problema do sangue o obriga a submeter-se a análises periódicas. Durante uma temporada em que não se achava em tratamento, sofreu uma modificação radical em seu quadro sangüíneo, a qual seu hematólogo foi incapaz de explicar. Pouco antes do exame, ele havia permanecido bastante tempo sob a pirâmide.

Schul e Pettit também decidiram realizar provas de tipo médico com a pirâmide. Para isso, construíram uma, com cinco metros de altura, diante da casa de Pettit, onde efetuaram provas com uma câmara Kirlian. O resultado positivo foi uma grande intensificação da aura, após a permanência na pirâmide. As provas foram realizadas com quatro pessoas: dois homens — Schul e Pettit — e duas mulheres — Branda Scott e Lowanda Cady - assistentes do Dr. Riordan, que dirigiu a experiência. Os pacientes eram submetidos a controles de temperatura e exames de sangue, antes e depois de permanecerem quinze minutos na pirâmide. Os resultados, que não reproduzimos aqui por serem

muito extensos, foram desconcertantes. Se bem que em todos os casos houve o registro de diferenças notáveis, estas se revelaram distintas para cada pessoa e contraditórias entre si. Isso faz com que não se possa extrair qualquer conclusão válida. Não obstante, o mero fato de ter sido comprovada a existência de tais variações, em nosso entender se reveste de extraordinária importância: acontece algo que ainda não podemos precisar o que seja. Daqui, sugerimos aos médicos que se interessam por estes fatos que, com mais tempo de permanência na pirâmide, séries de experiências mais longas e controles rigorosos, tentem desentranhar o mistério. Desejaríamos ardentemente que nossa sugestão encontrasse acolhida e que, algum dia, os resultados fossem tornados públicos.

Para concluir este capítulo, resta-nos um último conselho: aqueles que desejarem comprovar os efeitos curativos da pirâmide, que o façam com inteira confiança, se seguirem as instruções que fornecemos. Entretanto, acima de tudo, lembrem-se de que a pirâmide é compatível com todos os demais tratamentos, de maneira que nem por isso deixem de ir ao médico — o único autorizado a medicá-los — e, isso sim, ajudem-no com a pirâmide e depois divirtam-se, quando ele não souber a que atribuir a rapidez de sua cura ou, inclusive, uma cura inesperada.

6

A ÁGUA

Ao realizarmos as experiências da mumificação, ocorreu-nos a idéia óbvia de que, nelas, existiam sempre duas constantes: a evaporação da água e a não putrefação dos alimentos.

A conclusão lógica era que, se pudéssemos separar estes dois fatores, talvez conseguíssemos averiguar algo mais sobre os mecanismos de ação da pirâmide. É impossível separar a putrefação da água, inclusive na investigação sobre cultura de germes, pois é bem sabido que toda matéria viva contém uma elevada porcentagem de água. Resta-nos apenas uma solução: estudar o efeito da pirâmide sobre a água.

Antes de mais nada, devemos esclarecer que já conhecíamos as maravilhas faladas sobre a água tratada na pirâmide, assunto de que falaremos mais adiante. Entretanto, o que agora procurávamos averiguar era algo muito diverso: queríamos saber o que acontecia à água em si, do ponto de vista de suas propriedades físicas e químicas.

Nossa experiência consistiu na realização de um teste sobre a evaporação da água. Embora já esperássemos, nem por isso os resultados foram menos surpreendentes: a água evapora muito mais rapidamente sob a pirâmide, do que sob um cubo ou ao ar

livre. Repetimos esta experiência uma infinidade de vezes e o resultado foi sempre o mesmo.

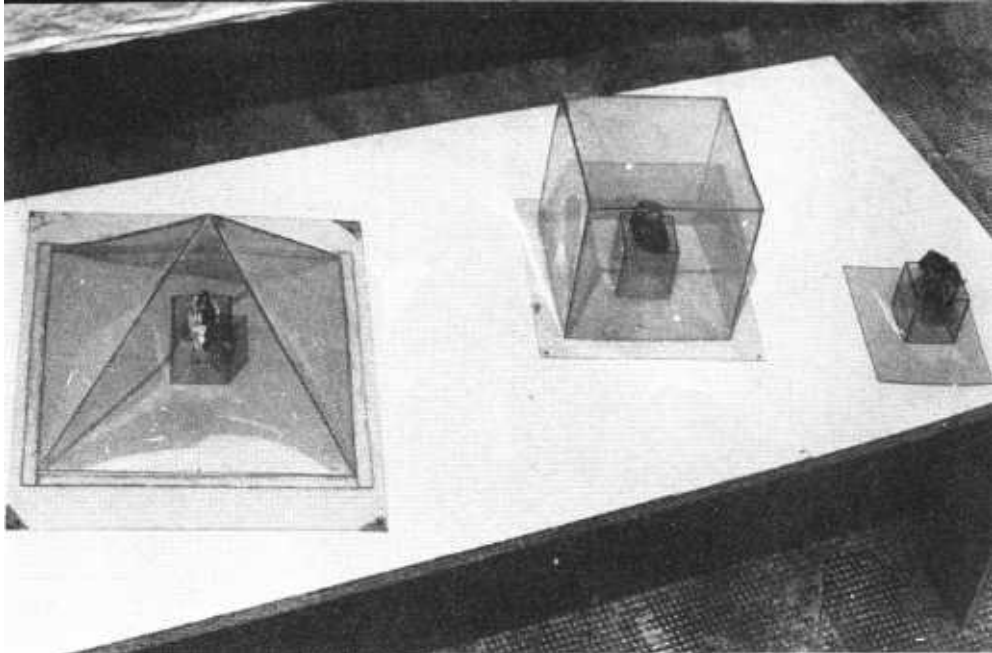
Certa ocasião, precisamos ausentar-nos por alguns dias e deixamos tranqüilamente sobre a mesa os recipientes com a água que sobrara de uma destas experiências. Ao voltarmos, comprovamos com estupor que um dos recipientes se encontrava completamente seco, enquanto que os outros dois ainda continham água. Tratava-se de pequenos recipientes (cápsulas de Petri) com pouca quantidade de água, levando-nos a supor que o que estava seco devia ser aquele com água que sobrara da experiência com a pirâmide, pois era o que ficara com menos líquido; contudo, mesmo assim, aquilo não justificava a diferença.

Para ratificar nossa hipótese, colocamos um recipiente com água na pirâmide, durante quinze dias. Em seguida, deixamos sobre a mesa, sem qualquer proteção, duas cubetas com a mesma quantidade de água: uma com água da pirâmide, outra com água da torneira. Comprovamos então que a água tratada continuava a evaporar-se mais rapidamente que a água comum, mesmo depois de retirada da pirâmide. Na série de provas que realizamos em seguimento, pudemos constatar que, apesar das pequenas diferenças observadas em todas as experiências com pirâmides, a água tratada sempre evapora uns 10 por cento a mais que a não tratada.

O que se havia modificado na água, para produzir tal diferença? Mandamos examinar as duas amostras da água, mas não revelaram a mínima diferença de composição química. Assim sendo, não era esse o caminho.

Se não há alteração na composição química, então as constantes físicas é que são alteradas pelas pirâmides. Neste caso, deve ser a tensão superficial que diminuiu forçosamente.

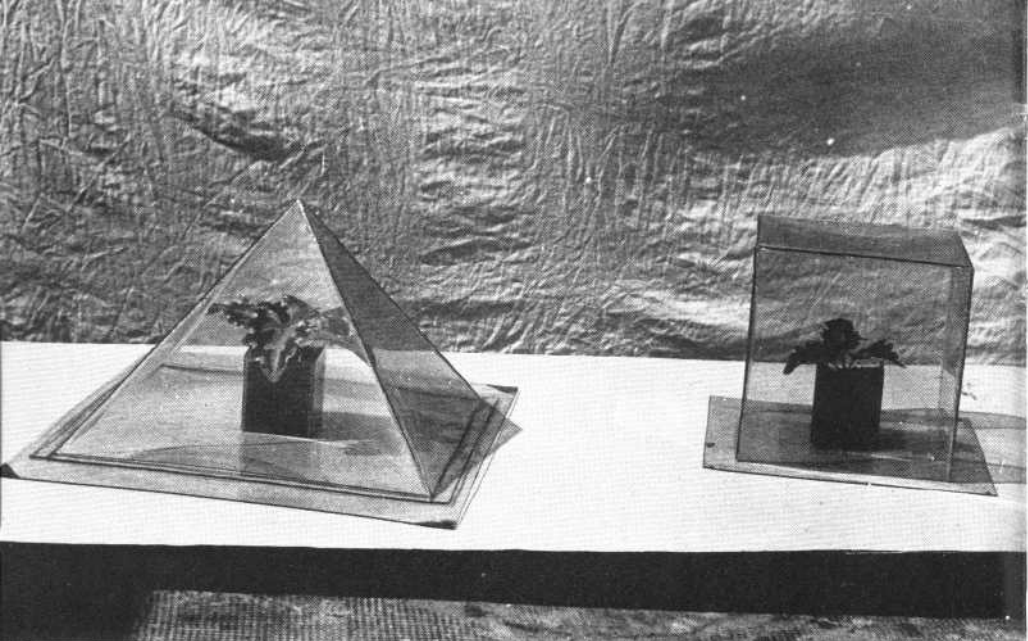
Isto é fácil de comprovar, de maneira caseira, observando-se a queda de pequenas gotas, vertidas de pouca altura, sobre a superfície imóvel da água. Para tanto, basta um copo de água e um conta-gotas fino, de modo que fizemos a prova e esta nos pareceu positiva, pois as gotículas de água tratada pareciam dissolver-se antes que as da água normal. No entanto, como a diferença era muito pequena e não dispúnhamos de aparelhagem adequada para que as medições fossem efetuadas com segurança, resolvemos estudar a água — o que é e, como se



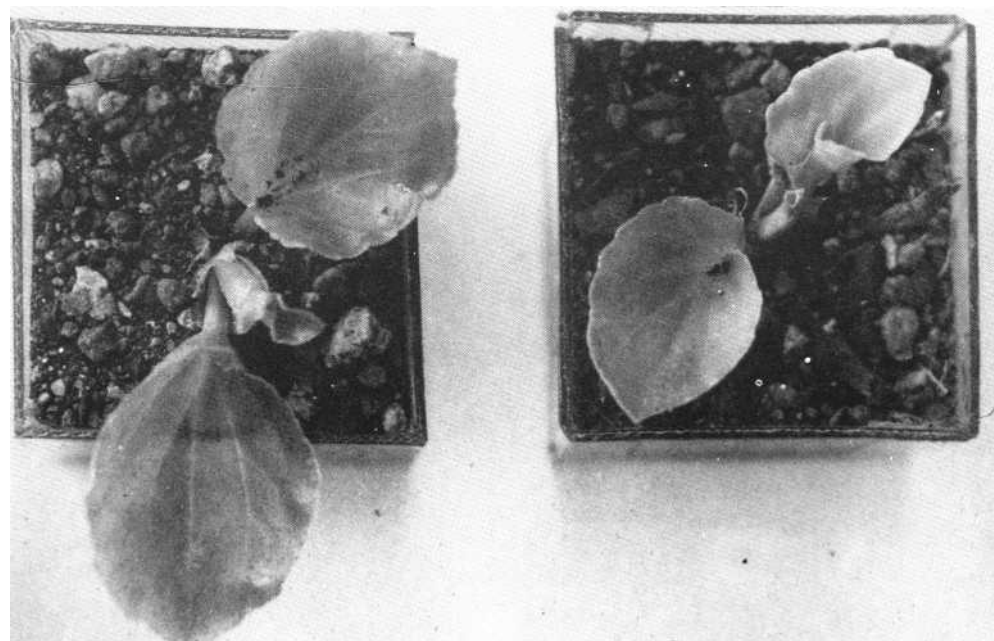
Experiências de mumificação. Efeito comparado da pirâmide e do cubo, com utilização de testemunha.

À esquerda, gomo de laranja mumificado na pirâmide. À direita, gomo estragado após permanecer no cubo o mesmo tempo.





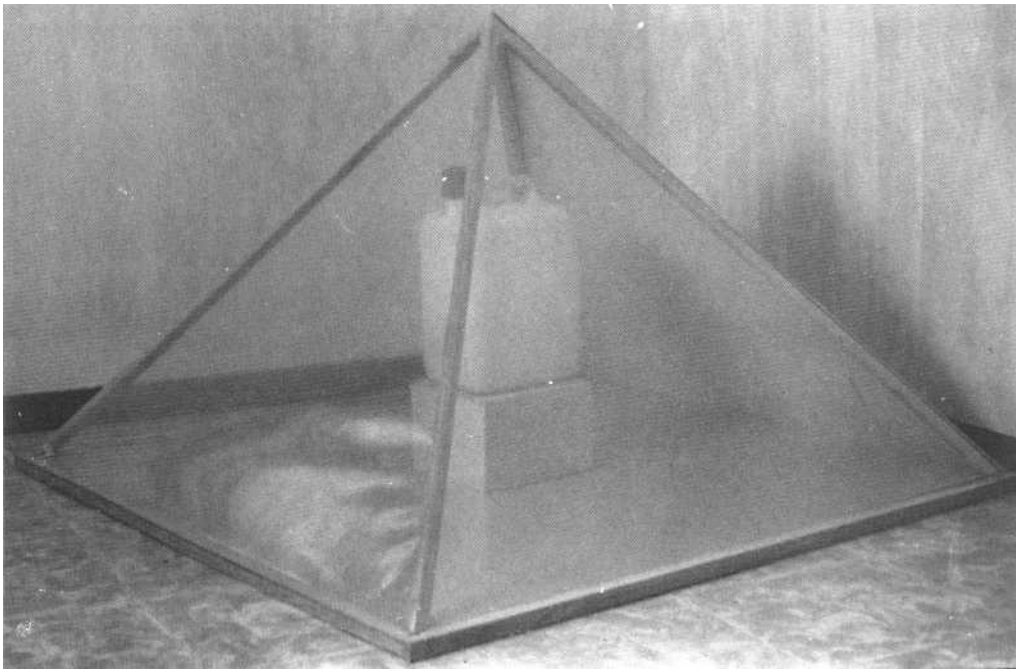
Duas experiências de crescimento com plantas. Na segunda (fotografia inferior), note-se a diferença de crescimento, muito superior na planta tratada na pirâmide.

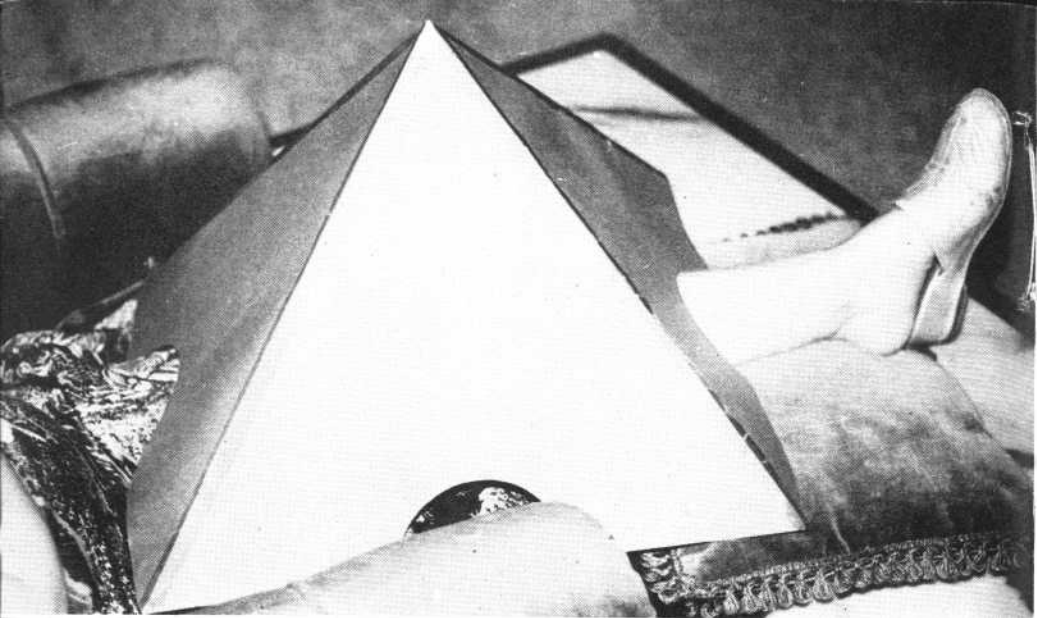




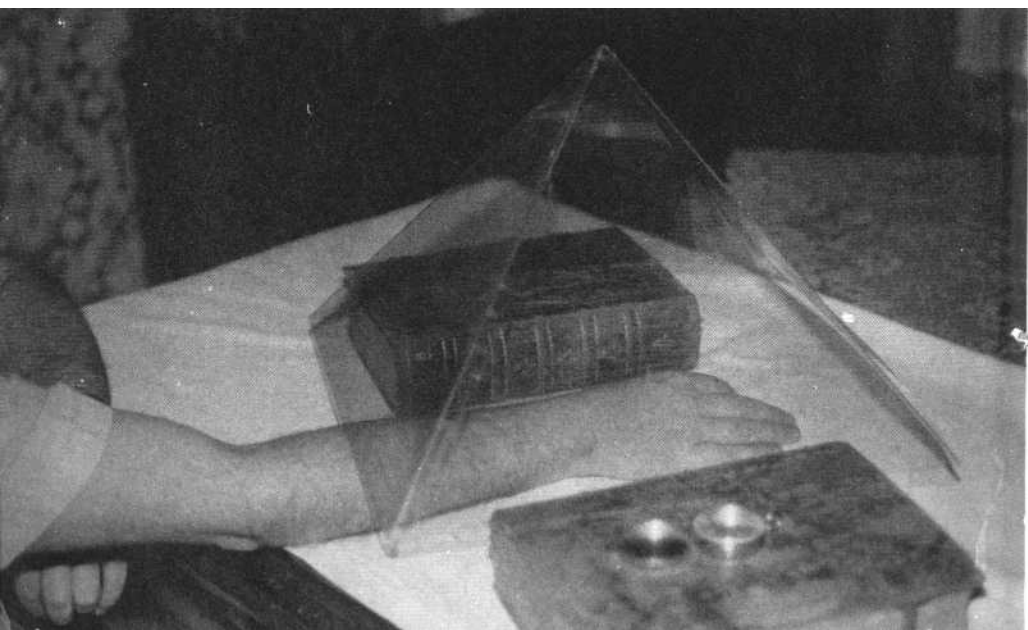
Carregamento energético de pratos de alumínio.

Carregamento energético de um galão com água.

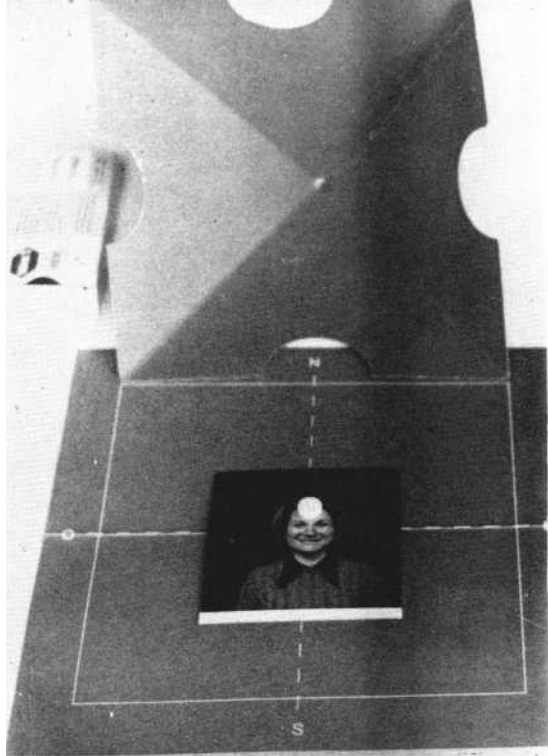




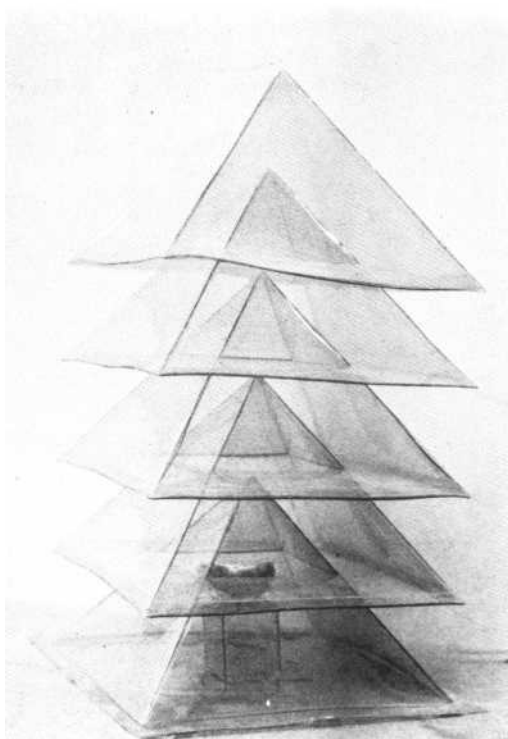
Experiências de cura. Fotografia superior, tratamento de reumatismo no joelho.
Fotografia inferior, tratamento da luxação no pulso.

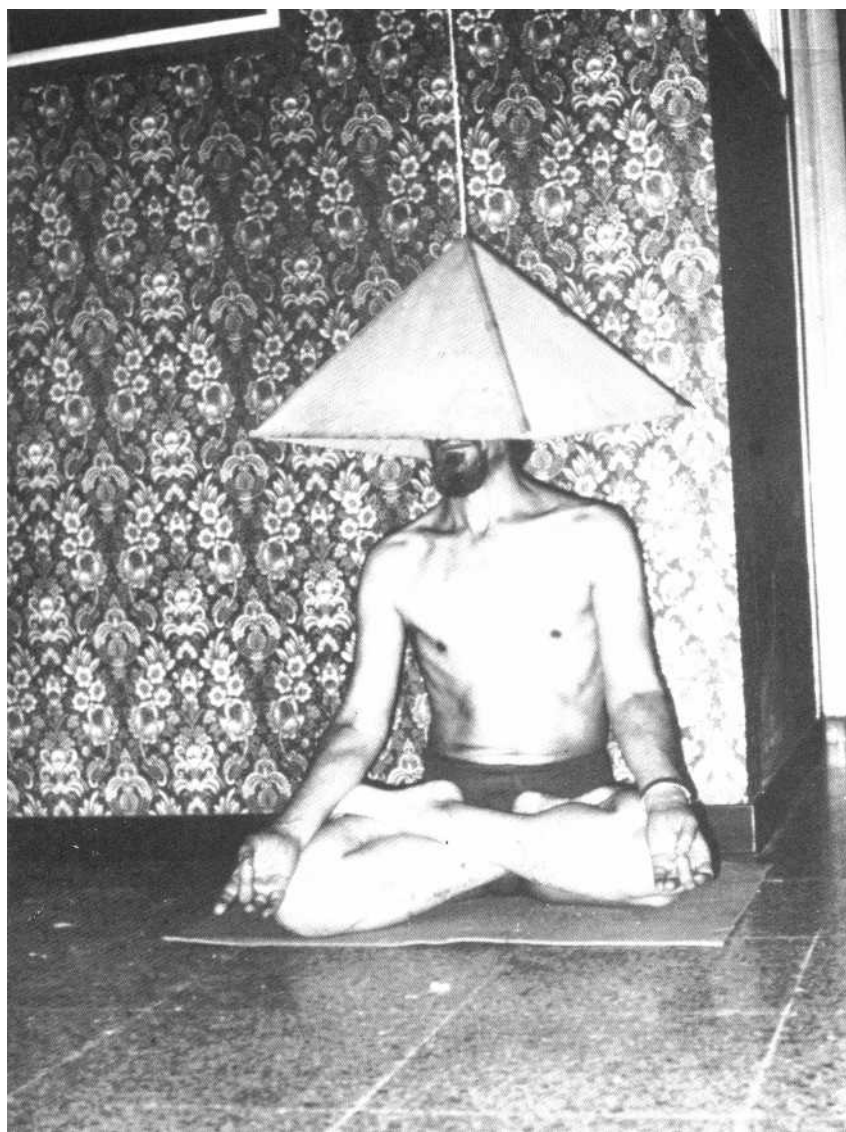


Experiência de radiônica
com uma pirâmide.

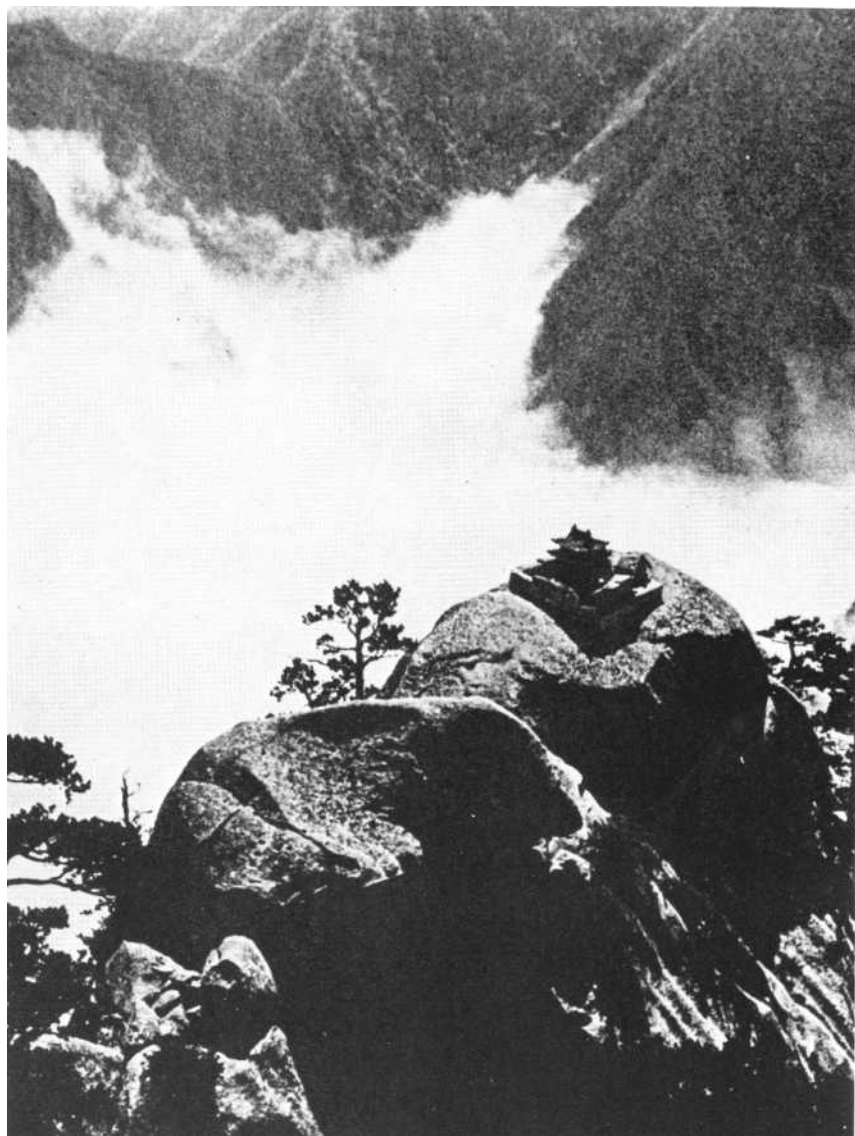


Pilha piramidal de cinco
elementos.

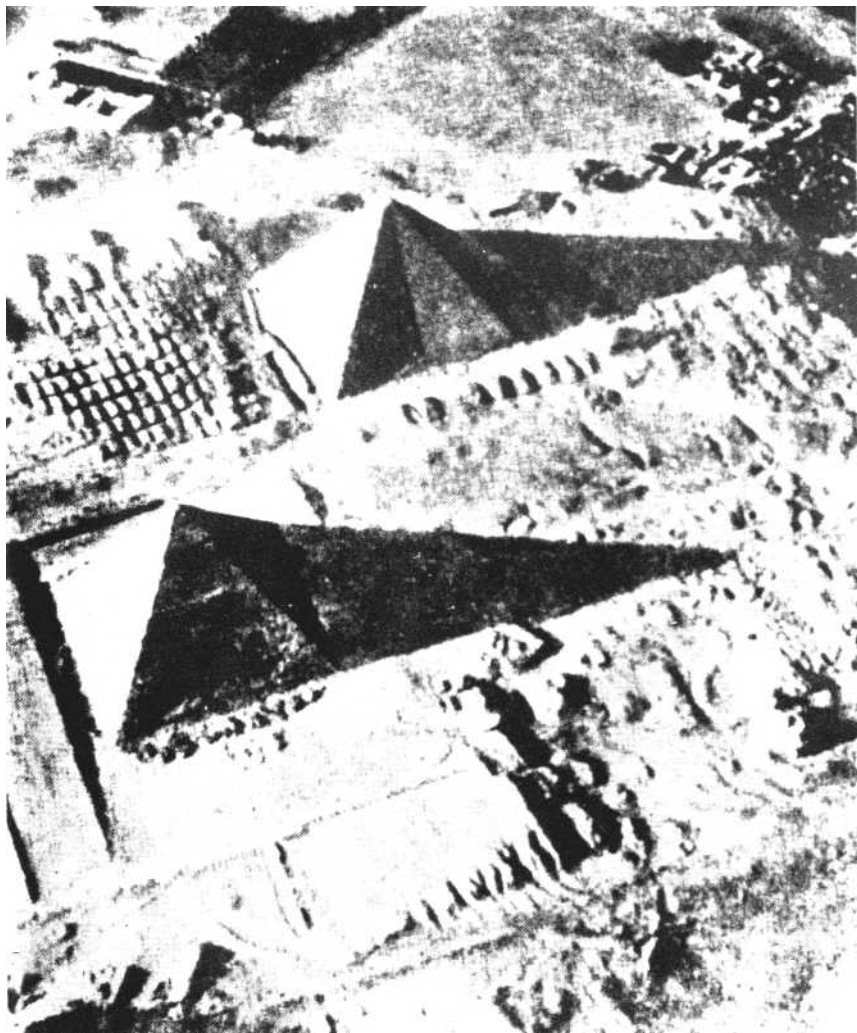




Meditação sob uma pirâmide suspensa.



Os livros do Feng Shui dizem-nos como nos lugares abruptos as energias fluem rápidas e violentas; nestas paragens vivem os míticos imortais.



Efeito relâmpago observado na fase sul da Pirâmide de Quéops (superior). Fotografia aérea tirada às 18 horas (tempo da pirâmide) no momento do equilíbrio.

conduz - teoricamente, antes de prosseguirmos. Queríamos comprovar se em seguida surgia alguma variação e, neste caso, tentar medir as variações.

Foi quando nos vimos envolvidos em um tema cuja complexidade jamais poderíamos imaginar.

Porque a água, que sempre nos foi apresentada como o protótipo do fluido perfeito, ao extremo de ser usada como modelo para o estabelecimento da maioria das constantes físicas, pode ser tudo, menos um líquido constante e perfeito.

Para começar, diremos que a água não é um composto único quimicamente, pois se a submetemos a destilações sucessivas, até deixá-la "quimicamente pura", obteremos uma mescla de, pelo menos, dezoito corpos compostos, já que existem três hidrogênios isotópicos (hidrogênio, deutério e trítio) e três oxigênios (16, 17 e 18), cujas combinações — a água comum (H_2O), a água pesada (D_2O) e a água superpesada (T_2O) — são habituais nos laboratórios especializados. A água semipesada (DHO) também é suficientemente conhecida, embora mais difícil de ser isolada.

Por último, devemos citar que o Professor Deryagin, da Universidade de Moscou, conseguiu isolar outra água que, embora tendo fórmula química igual à da água comum, possui uma densidade 40 por cento mais alta, ferve acima dos $200^\circ C$, não evapora e não gela, apesar de tornar-se ligeiramente vítrea, quando em temperatura de 50° abaixo de zero. Seu vapor pode ser esquentado até os $800^\circ C$, sem que se transforme em água ordinária, ao esfriar-se.

O peso molecular da água do Professor Deryagin é de 72, enquanto que o da água comum é de 18. Isto indica que, para dar origem a uma molécula da mesma, devem unir-se intimamente quatro moléculas de água ordinária, fato que, embora sendo possível em temperatura comum, é inconcebível aos $800^\circ C$, indo contra todas as leis conhecidas.

Citamos tudo isto para ilustrar a complexidade que demonstra o estudo da água, apesar da simplicidade que sua análise química parece indicar à primeira vista.

Quando estamos em presença de água pura (a mescla pelas diferentes águas que nos oferece a destilação), continuam a multiplicar-se as complexidades para seu estudo. Todas as constantes físicas são anormais, embora muitas delas, como falamos

antes, tenham sido tomadas como unidades. Vejamos alguns exemplos:

A temperatura de ebulição da água serve para indicar o grau 100 em nossos termômetros. Pois bem, se tomarmos a água destilada e, mediante ebulição prolongada a baixa pressão, eliminarmos todo o ar dissolvido, ao tentarmos fervê-la novamente, veremos que podemos chegar aos 180° C e não o conseguiremos. Entretanto, cuidado! A menor partícula de pó caída na água, durante a tentativa, pode causar uma terrível explosão!

Prossigamos. Todos os tratados nos dizem que o gelo é mais leve que a água; pois bem, na realidade existem seis formas alotrópicas de gelo, sendo descritas em nossos livros didáticos apenas uma delas. As outras cinco são mais pesadas que a água...

Sabemos também que a água se converte em gelo à temperatura de 0° C. Entretanto, já não nos é dito normalmente que, segundo as leis da física molecular, a água deveria solidificar-se a menos de 80° C abaixo de zero. Para transpor tal dificuldade, os cientistas precisaram chegar à conclusão de que as moléculas não estão livres na água, mas enlaçadas entre si, formando o que se convencionou denominar "poliágua", quer dizer, água polimerizada. Nela, a força de união entre as distintas moléculas, embora vinte vezes menor que a que une seus átomos, é suficiente para que ditas moléculas se tornem "pegajosas", unindo-se facilmente entre si, mas sendo custoso separá-las. Isto explicaria a necessidade de maior calor para a liquefação do gelo, que deste modo acontece a 0° C, em vez de a 80° C abaixo de zero, como deveria ser.

Outra curiosidade é que, sendo a água um péssimo electrolito, paradoxalmente dissolve e ioniza uma enormidade de substâncias. Grande número das que não se dissolvem passam para o estado coloidal, de tal maneira que a água, cujo valor nutritivo é nulo, por esse fato se transforma no constituinte principal de todos os seres vivos e, por assim dizer, no alimento mais indispensável, já que se morre dez vezes antes de sede que de fome.

Entretanto, nem toda a água existente nos seres vivos se encontra em um só estado. Ela atua como dissolvente, mas também ligada aos colóides celulares, em um estado muito especial.

Se baixarmos a temperatura de um pedaço de carne a 20° C e, inclusive, a 60° C abaixo de zero, nem toda a água se transforma em geio. Tal fenômeno não é devido a uma vulgar sobrefusão ou a uma descida crioscópica, em virtude dos sais em dissolução, pois para tanto necessitaria de uma concentração salina muito superior à que possa existir nos tecidos animais ou vegetais. Por outro lado, se analisarmos a curva termolítica de carnes variadas, verificaremos que sempre se produz um ponto de inflexão, por volta dos 62° C.

Tudo isso vem demonstrar a existência de duas classes de água nos tecidos vivos, uma delas mais fortemente retida que a outra, não se separando nem durante a cocção ou a congelação. Esta classe especial de água, a que se dá o nome de fisiológica, com toda a probabilidade pode formar complexos, ou complexos de complexos moleculares, com os constituintes das células.

Era este o ponto chave da questão! Aí temos a capacidade da água em polimerizar-se, formando uniões moleculares instáveis, que são a base da vida. Como Duval, poderíamos dizer que, sendo líquida, é um líquido tão especial, que ainda recorda a forma cristalina do gelo de que provém; que, na realidade, continua sendo um estado intermediário entre o sólido e o líquido, além de possuir uma estrutura semicristalina extraordinariamente instável, que a torna sensível a influências externas mínimas.

Já em 1962, dizia o Professor Piccardi: "Inclusive, talvez sejam a água e o sistema aquoso o que permite aos organismos vivos uma reação ante as forças externas, porque a existência de uma estrutura tão delicada e sensível permite suportar-se que, com meios apropriados, poder-se-ia modificar sua própria estrutura de infinitas maneiras. Desta forma, podemos afirmar que a água é sensível a influências extremamente delicadas e capaz de adaptar-se às mais diversas circunstâncias, como nenhum outro líquido conseguiria fazê-lo."

Resumindo, poderíamos dizer que a água, além de ser o elemento principal para a vida, é o mais simples e eficaz catalisador que existe. Em nosso entender, graças a mudanças estruturais, a água é capaz de acumular em si mesma a mais mínima variação energética que se produza ao seu redor, por seu turno, também em outra de suas mudanças. E não nos esqueçamos de que a temperatura crítica de estabilização

da água é de 35 a 40° C. E, casualmente, essa é a mesma temperatura do corpo!

Além disso, não foi por acaso que citamos textualmente as palavras do Professor Piccardi para firmar estas conclusões, mas por acreditarmos que, por caminhos diferentes, chegamos ao mesmo ponto, não apenas em teoria, mas também na prática. Já nos explicamos.

A água deixa depósitos calcáreos nas caldeiras e utensílios que a contenham, e esses sedimentos chegam a afetar seriamente o funcionamento dos mesmos, motivo que torna necessária sua eliminação periódica. Para isso, existem diversos métodos, porém o mais eficaz consiste em acrescentar uma água especialmente tratada ou ativada às caldeiras.

Retornemos às palavras de Piccardi, a fim de descrever o método: "Uma redoma de cristal, contendo uma gota de mercúrio cheia de néon a baixa pressão, revolve-se lentamente na água. Agitando-se a redoma, o mercúrio roça contra o vidro; a camada elétrica entre este e o mercúrio se rompe, produzindo uma descarga luminescente de cor vermelha, através do néon. A água que está em contato com o vidro fica ativada."

Essa água ativada, não só deixa de produzir depósitos calcáreos, como também dissolve as incrustações já existentes, que se desprendem sob a forma de lodo.

Como se pode ver, já temos outra água "milagrosa". Serão, no entanto, realmente duas águas diferentes: a ativada pelo método de Piccardi e a da pirâmide? Nossa resposta provisória (ainda não pudemos dispor de água ativada para a realização de experiências) é de que se trata do mesmo tipo de água. Nossas provas efetuadas com água da pirâmide demonstraram que, fazendo-a ferver em um recipiente contendo incrustações de cal, estas desapareciam. Para obtermos segurança total, seria conveniente realizar a prova em uma caldeira industrial, dispondo-se também de água ativada para comprovarmos se, como a água da pirâmide, ela seria capaz de produzir efeitos sobre as plantas e seres vivos em geral.

Posteriormente, tomamos conhecimento dos trabalhos de Schul e Pettit, o que nos deixou gratamente surpresos, ao comprovarmos que suas apreciações sobre as propriedades físicas da água eram semelhantes às nossas. Mesmo assim, e apesar de também se reportarem aos trabalhos de Piccardi, estes

investigadores apresentam conclusões diferentes das nossas.

Influenciados talvez pelos resultados dos exames de sangue que mencionamos no capítulo anterior, e ao detectarem leves diferenças no teor de cobre e zinco nas análises químicas da água, Schul e Pettit sugerem que a pirâmide é capaz de diminuir o teor de tais metais na água. Partindo daí, eles se lançam a uma série de pesquisas sobre a alquimia dos seres vivos. Devemos desculpar tal erro, quase inevitável, quando não-profissionais trabalham com uma coleção de amostras colocadas em um frasco que julgam perfeitamente limpo, mas no qual podem ficar traços infinitesimais de algum elemento.

Stark também analisou a água, mas seus resultados revelaram um grande aumento de nitritos na água tratada, de tal modo que uma água milagrosa e de qualidades terapêuticas resulta ser uma água não potável quimicamente, de todo imprópria para o consumo. Usando de franqueza, pediríamos a Stark um pouco mais de cuidado e que limpasse os frascos, mesmo que uma vez ou outra...

Na obra de Schul e Pettit, sentimos também grande interesse pela citação que fazem de um artigo do Dr. E. H. Frei, chefe do departamento de eletrônica do Instituto Weizmann, publicado no *Bulletin of the Atomic Scientist* de outubro de 1972. Tinha por título Aplicações Médicas do *Magnetismo* e o reproduziremos a seguir, em vista de seu interesse:

"Labes sugeriu que os campos magnéticos podem influir nos processos vitais através dos cristais líquidos, que são fases intermediárias entre os estados líquido e sólido, encontrados em muitos compostos orgânicos. Existe neles uma apreciável orientação em algumas direções, mas também liberdade de movimentos. É bem conhecido que muitos cristais líquidos orientam-se em campos de 1.000 gauss, e Svedberg demonstrou que tais sistemas orientados podem ter acentuada importância na difusão das taxas das reações químicas nos campos magnéticos. Nos corpos vivos existem cristais líquidos e matérias que se aproximam dos mesmos, através dos quais pode ser influenciada a taxa dos processos vitais."

Este artigo, que desconhecíamos, ratifica tudo quanto havíamos deduzido anteriormente. Da mesma forma, um dado a mais para ser levado em consideração, quanto à atuação da

pirâmide sobre a água e os seres vivos, é a sua afirmativa sobre a ação exercida pelo magnetismo em ditas estruturas instáveis.

Passando ao terreno prático — que é o que interessa — queremos dar relevância a quando é possível considerar-se a água suficientemente tratada na pirâmide, a fim de trabalharmos com ela, efetuarmos experiências e empregá-la.

Antes de mais nada, achamos ridículas as afirmativas de King, a respeito de quinze minutos serem suficientes para o tratamento de um quarto de litro de água. Não duvidamos de que ele consiga fazê-lo, se for possuidor de faculdades paranormais, como se deduz de sua obra, mas não é este o caso mais generalizado. De nossa parte, consideramos ideal o prazo de uma semana a quinze dias, de acordo com as condições ambientais, pois tanto a luz, como o calor, a ionização do ar e muitos outros fatores influenciam qualquer processo em que haja intervenção da pirâmide. Este é um fato que não nos cansaremos de repetir, mesmo correndo o risco de pecarmos mais por exagero de precaução que por precipitação.

Deve-se, ainda, levar em conta que o volume de água a ser tratado não deve ultrapassar 5 por cento da pirâmide. Assim, uma pirâmide de 25 cm de altura, por exemplo, pode perfeitamente tratar meio litro de água.

Após tudo quanto dissemos, compreende-se que a água tratada se encontra em um estado instável e, portanto, transitório. Importa, pois, saber-se quanto durarão suas novas qualidades. Neste sentido, após inumeráveis provas, chegamos à conclusão de que as diferenças são enormes, oscilando de um dia a duas semanas.

Todos os autores indicam que o melhor método para sabermos se a água está tratada, e também para delimitarmos o campo energético da pirâmide, é a radiestesia: colocando um pêndulo ou simplesmente uma agulha de costura pendurada a um fio, acima da água ou da pirâmide, seus movimentos indicarão a existência e quantidade de energia.

Embora conheçamos e pratiquemos a radiestesia, temos que reconhecer seus inconvenientes, o maior dos quais é que nem todas as pessoas possuem sensibilidade suficiente para praticá-la e, inclusive, neste caso terão que desenvolvê-la, com uma prática constante. Além disso, se bem que quase todos conseguem, com certa prática, detectar se existe energia, não

está ao alcance dos principiantes como avaliá-la quantitativamente e saber se ela está devidamente carregada. Muitas vezes, nem nós mesmos temos muita certeza da avaliação obtida.

Por estes motivos, cremos que o melhor é não confiar demais e tratar a água durante uma semana, pelo menos. Ao invés de guardá-la na geladeira, como recomenda a maioria dos autores, devemos conservá-la na própria pirâmide.

Estamos acostumados a tratar um recipiente de plástico com dez litros de água, em pirâmide com 75 cm de altura. Após uma semana de tratamento, tiramos do recipiente a água de que necessitamos, repondo-a em seguida. A cada dia, vamos tirando a quantidade suficiente para nossas experiências. Este é um sistema muito prático pois, em geral, nunca se necessita de mais que um litro diário e dispõe-se sempre de uma reserva, com a segurança de que está suficientemente tratada.

Passemos agora ao que realmente interessa. Para que serve a água tratada? De tudo quanto falamos, depreende-se que a água é capaz de acumular a energia da pirâmide em si mesma; daí a deduzir-se a possibilidade de usá-la, em substituição à mesma, vai apenas um passo. Trata-se de uma dedução absolutamente certa.

A experiência mais simples a ser efetuada com a água tratada é a de pegar um pedaço de carne algo deteriorada e dividi-la em duas metades. Uma delas é mergulhada na água tratada, a outra em água da torneira. Dois dias mais tarde, verificaremos que o mau cheiro da primeira desapareceu, que a carne deixou de decompor-se e que a água permanece limpa; em troca, a carne mergulhada na água da torneira continua a deteriorar-se e a água fica completamente turva; quanto ao cheiro, nem é bom falar. Com apenas uma semana de continuação da prova, veremos uma diferença tão grande, que parece impossível.

Em todas as experiências que relatamos com plantas, é possível verificar-se que os efeitos são os mesmos, se substituirmos a pirâmide por água tratada, com a vantagem de que, assim, evitamos a construção de pirâmides transparentes, de grande tamanho, além de economizarmos espaço e material.

As plantas que germinaram e começaram a desenvolver-se sob a pirâmide crescerão mais depressa que as normais se, após tiradas da mesma, forem regadas com água tratada. Podemos

garantir que crescem melhor, são mais saudáveis e, inclusive, florescem antes do normal.

Também as flores cortadas se conservam por mais dias que com a água da torneira, sem necessidade de ser acrescentada qualquer substância adicional, e o curioso é que, algumas vezes, as pétalas não caem quando as flores murcham. Todos sabemos que ao mudar-se a água de uma floreira, na qual um ramo ficou mergulhado por alguns dias, o cheiro é desagradável; pois bem, nada disso acontece, usando-se a água tratada, pois ela não chega a corromper-se e, portanto, não desprende cheiro algum.

Para terminar com o tema das plantas, diremos que não registamos nenhum caso em que plantas fracas ou delicadas fossem prejudicadas pela água tratada, como algumas vezes acontece com a pirâmide.

Também em relação às pessoas, a água tratada continua exercendo os mesmos efeitos que a pirâmide, sendo seu uso mais simples e cômodo. Além disso, podem ser feitas aplicações extras como, por exemplo, beber-se um copo pela manhã, em jejum, o que não só regulariza as funções digestivas, como provoca uma notável intensificação de energia durante o dia.

Bebendo-se regularmente, em substituição à água normal, tanto às refeições como em qualquer momento que se tenha sede, ela parece revitalizar o organismo de tal maneira que, além de melhorar a saúde, também parece rejuvenescer e aumentar o vigor, inclusive o sexual, em pessoas cuja idade contribui para a diminuição nesse sentido. Não se deve esperar milagres, mas sim uma clara melhora, em todos os aspectos. Conhecemos, inclusive, o caso de uma pessoa cujos cabelos encaneciam rapidamente e que, ao usar a água tratada externa e internamente, não só deixou de encanecer, como também deixou de perder cabelos.

A água tratada pode, ainda, ser usada como loção facial; neste caso, parece ser absorvida pela pele mais rapidamente que a água normal e, antes de um mês de lavagem regular do rosto com esta água, os resultados são claramente visíveis, pois a pele dá uma impressão de rejuvenescimento, desaparecendo rugas, manchas e impurezas.

Para ferimentos, ela é um desinfetante magnífico e ativador de regeneração dos tecidos. Se deixarmos a parte lesionada,

durante meia hora na água tratada ou a envolvermos em um algodão impregnado com a mesma, terá uma aparência muito mais sadia, sendo a cura mais limpa e rápida que o normal.

Também para irritações oculares e em ulcerações da boca, seus efeitos são espetaculares, pois a dor é aliviada quase instantaneamente.

No caso dos ferimentos, o curioso é que a água tratada parece agir de duas maneiras distintas. Na primeira, a dor desaparece com rapidez, a carne dilacerada começa a crescer, a cura é limpa e requer menor espaço de tempo que o normal.

No segundo caso — que observamos principalmente em ferimentos cujo tratamento com a água iniciou-se vários dias após o mesmo ter sido produzido — a dor aumenta rapidamente nos primeiros momentos, notando-se um acentuado latejar local mas, ao cabo de algumas horas, às vezes no dia seguinte, a dor e o latejamento desaparecem e o processo de cura segue o ritmo normal do primeiro caso.

Para finalizar, relataremos um exemplo típico desta segunda maneira de agir da água tratada, em um caso sucedido com Román Cano, no início de nossas experiências, sem que conheçamos qualquer outro similar.

Trabalhando em casa, ele machucou o dedo médio da mão esquerda, torcendo-o violentamente. Um mês depois, embora aquilo não incomodasse, ele não conseguia dobrar o dedo e, quando tentava, auxiliando-se com a outra mão, sentia dores intensas. Chegando a este ponto e iniciadas as experiências com a água tratada sobre as plantas, decidiu tentar com seu dedo, deixando-o meia hora dentro da água tratada. A princípio, o dedo começou a doer com intensidade, tornou a inchar e surgiu um hematoma na articulação das falanges. No dia seguinte, contudo, todos estes sintomas começaram a desaparecer e, mesmo ainda sentindo dores, ele já conseguia dobrar o dedo. Após três dias de tratamento, era como se nunca lhe tivesse acontecido alguma coisa, e seu dedo continua sendo inteiramente normal.

7

O ALUMÍNIO E OS METAIS

No capítulo 4, relatamos as experiências de Schul e Pettit com girassóis e o curioso movimento giratório dessas plantas. Pois bem, tais experiências tiveram um interessante epílogo, que contaremos a seguir.

Pesquisando qual seria a origem da energia que atuava na pirâmide, os dois investigadores concluíram que ela talvez estivesse relacionada aos raios cósmicos. Sabemos que a origem dessa radiação ainda é desconhecida, mas que provém de algum lugar fora do sistema solar. Supõe-se ainda que a variação de sua intensidade nas diversas latitudes se deve ao seu desvio pelo campo magnético da Terra, e que a atração gravitacional faz com que os raios cósmicos sejam arrastados por nosso planeta em seu movimento de rotação, daí resultando que o fluxo de energia provém basicamente do oeste.

Para comprovar sua hipótese, Schul e Pettit colocaram uma tela de alumínio no interior da pirâmide, a oeste do girassol. A planta primeiro vacilou em seus giros, os quais desapareceram por completo, pouco depois.

O mesmo acontecia a cada vez que eles repetiam a operação. Deixando a tela colocada, as plantas permaneciam imóveis,

até que a ultrapassavam em altura. A partir deste momento, enquanto a parte inferior (inibida pela tela) se mantinha imóvel, a superior (livre da mesma) reiniciava os movimentos giratórios.

Seria o alumínio capaz de bloquear a energia da pirâmide, apenas por sua presença como tela? Existiria nele alguma qualidade especial?

Para esclarecer as dúvidas, eles fizeram germinar algumas sementes de girassol em um pratinho com uma lâmina de alumínio e outras em pratinhos semelhantes, mas sem o alumínio. Em resultado, quatro dias mais tarde, as sementes colocadas sobre alumínio ainda não haviam brotado, ao passo que as sementes-testemunha germinavam dentro de dois dias. Não restava a menor dúvida de que a curiosa propriedade inibidora do alumínio era inerente ao metal, e não devido à sua mera presença física como tela.

Entretanto, para surpresa dos investigadores, eles notaram que após quinze dias de imobilidade, as plantas que conservavam a tela de alumínio no interior da pirâmide recomeçaram sua dança, não apenas na parte superior, mas em sua totalidade: a tela de alumínio não mais impedia a ação da pirâmide. Não obstante, se o alumínio era deixado fora da pirâmide por algum tempo, tornava a recuperar suas qualidades inibidoras.

O alumínio é um metal que possui propriedades muito curiosas. Realizamos algumas experiências para comprovação de tal fato e, embora não conseguíssemos reproduzir a dança dos girassóis, em troca pudemos constatar que o alumínio sem tratamento atrasa a germinação das sementes, acelerando-a após ser tratado na pirâmide por quinze dias, o mesmo sucedendo com o crescimento das plantas.

Independentemente de seu tratamento na pirâmide, existe outro fato muito significativo. Com efeito, uma prática bastante generalizada entre as donas-de-casa consiste em envolver os alimentos em folha de alumínio, para melhor e mais duradoura conservação. Entretanto, ninguém teve a idéia de perguntar-se o porquê. Podemos garantir que isto não acontece somente porque o alumínio impede o ressecamento, pois se usarmos um outro material impermeável — o plástico, por exemplo — os alimentos não se ressecam, mas se decompõem. A causa deste fenômeno deve residir na capacidade do alumínio em absorver

alguma energia similar à da pirâmide (ou a mesma), indispensável à ação das enzimas e bactérias que atuam sobre os alimentos.

Entretanto, essa ação sobre as enzimas é de sinal contrário ao da pirâmide, pois se esta última ativa as enzimas, acrescentando energia, em troca o alumínio as paralisa, tirando-lhes a mesma energia. Assim, fica explicada a sua maneira de agir na pirâmide, sua ação inibidora sobre o crescimento e germinação de sementes e suas propriedades conservadoras dos alimentos. Também é forçoso supor-se que, situado no interior da pirâmide, há uma absorção energética até a supersaturação, que depois lhe permite desprender-se paulatinamente da mesma, transformando-se em um sucedâneo da pirâmide.

Acreditamos que, de fato., todos os metais possuem essa particularidade, embora em grau diferente e com diversas peculiaridades. Todo metal introduzido na pirâmide, embora apenas para tapar um recipiente, é o suficiente para perturbar seu perfeito funcionamento.

Em outra de suas experiências, Schul e Pettit colocaram uma pequena lâmina de ouro ao lado de um pezinho de girassol e a plantinha continuou seus movimentos, imperturbável. Entretanto, se faziam o mesmo com outra lâmina do ouro, previamente tratada em uma segunda pirâmide, a planta se estendia quase horizontalmente para abraçá-la. Isto nos indica que também o ouro é capaz de carregar-se de energia, mas que sua ação sobre a planta diverge da do alumínio.

Sabemos também que submetendo-se uma placa de alumínio anodizado a uma corrente de 50.000 a 100 000 volts em uma bobina de Tesla ou um gerador eletrostático, ela se carrega como se tivesse permanecido muito tempo na pirâmide. Se for realizada a mesma experiência com uma lâmina de cobre, esta fica também carregada, mas perde suas propriedades com extrema rapidez, o mesmo ocorrendo com outros metais.

No capítulo 2, falamos sobre o gerador piramidal de Flanagan, o qual consiste em uma matriz de quinze a vinte e cinco pirâmides de alumínio com 2,5 cm de altura, unidas pelas bases em grupos de três ou cinco, sendo colocadas sobre um suporte de madeira ou material dielétrico. Pois bem, se colocarmos uma lâmina ou prancha metálica acima do mesmo, esta fica carregada, podendo ser usada para fins curativos. Possuímos testemunhos

de que, nos Estados Unidos, vários quiropráticos usam uma placa assim carregada, para aumentar o ritmo biológico de seus doentes. Eles a colocam simplesmente em contato com a parte afetada durante algum tempo, assim acelerando em muito a cura nos processos de tipo reumático, luxações, tratamentos pós-operatórios e, inclusive, conseguindo alívio em casos de artrose.

Cremos também que seja conhecido de todos o uso de pulseiras ditas "magnéticas" para curar ou, pelo menos, aliviar dores reumáticas e energizar aqueles que as usam. Apesar da hilaridade que suscitam nos médicos, tais pulseiras dão bons resultados em muitos casos. Este fato degenerou no uso de pulseiras ou cordões para atrair a boa sorte e livrar-se da infelicidade, o que já é mais discutível.

Outra aplicação menos conhecida, mas que nós mesmos vimos ser utilizada algumas vezes, é o uso de arames de cobre enrolados em espiral no tronco de alguma árvore fraca ou doentia, a fim de salvá-la. Este sistema, além de funcionar, também ganha importância segundo o número de espirais e a direção em que foram enroladas.

Mencionamos tudo isto para demonstrar que os metais possuem a capacidade, em certo grau, de armazenar certas energias — como o alumínio — ou pelo menos de conduzi-las ou selecioná-las. Portanto, talvez não seja tolice o uso de certos metais "sintonizados" com a pessoa. Observamos ainda que a atribuição astrológica de certos metais para determinados tipos de pessoas tem uma base muito mais sólida do que costumamos acreditar.

Voltando ao alumínio, devemos indicar que sua ação bloqueadora da energia da pirâmide é exercida apenas sobre a matéria orgânica; em troca, não parece exercer qualquer ação sobre a evaporação da água. Em *A Força das Pirâmides*, de Toth e Nielsen, o Dr. Boris Vern, da Mankind Research Unlimited, relata suas experiências sobre a evaporação da água sob a pirâmide. As provas foram realizadas com pirâmides de plástico em bases de papel secante, de lâmina de alumínio e abertas na base, para a livre circulação do ar. Os melhores resultados foram conseguidos nas pirâmides com base de alumínio.

Embora muito antes nós já tivéssemos realizado provas deste tipo — conforme relatamos no capítulo anterior — o fato

de o Dr. Vern ter usado o alumínio como base e que, contra o que seria lógico esperar, fosse este o sistema mais eficaz, instigou-nos a confirmar suas experiências. Efetivamente, pudemos comprovar que a base de alumínio não inibia a ação desidratadora da pirâmide. Ao mesmo tempo, tal fato proporcionou-nos a confirmação de que a pirâmide não funciona com uma só modalidade de energia.

Para terminar com esta experiência do Dr. Boris Vern, devemos esclarecer que foi para nós um completo fracasso a prova que ele defende, qual seja, a da pirâmide com a base fechada com cola ou adesivo. A evaporação foi nula também no cubo de base fechada. Se a água não pode sair, permanece.

Vejamos agora como devemos tratar o alumínio e quais os empregos em que se mostra mais eficaz.

Para carregar o alumínio, deve-se colocá-lo na pirâmide com a longitude maior orientada no eixo norte-sul, tanto em se tratando de rolos como de chapas, durante um mínimo de quinze dias, findo o que, está pronto para ser usado.

Sua modalidade de emprego é a mesma que com a pirâmide ou a água tratada: conservação de alimentos, mumificação, tratamento de sementes e plantas ou alívio de enfermidades.

Para a conservação dos alimentos, o mais conveniente é usarmos a lâmina fina de envoltório, a mesma que é vendida em rolos. Não somente se mostra mais eficaz, como empresta maior sabor aos alimentos ao serem cozidos, além de economizar-se uma terça parte do tempo gasto na cocção.

Costumamos tratar pratos de alumínio na pirâmide, sobre os quais, mais tarde, colocamos garrafas de vinho ou de bebidas alcoólicas. Seu sabor melhora sensivelmente, como acontece quando são tratados na pirâmide. No entanto, deve-se tomar a precaução de renová-los a cada semana, por pratos tratados recentemente; como já dissemos, o alumínio descarrega lentamente a energia acumulada. O tratamento dos pratos tem a mesma duração que para as chapas, isto é, de quinze dias a um mês, aproximadamente.

A vantagem no uso dos pratos é que podemos colocá-los em pilhas de meia dúzia na pirâmide, retirando sempre o de cima e colocando o descarregado sob a pilha, o que nos permite uma provisão permanente dos mesmos, suficientemente tratada.

As folhas de alumínio, ao contrário, em vista de sua extrema fragilidade, são rejeitadas após o uso. Desta forma e, a longo prazo, o emprego dos pratos representa uma sensível economia.

O tratamento de plantas ou sementes pode ser feito de duas maneiras. Envolvendo-se o recipiente ou vaso em que são cultivadas, com papel de alumínio, ou, como preferimos, colocando debaixo dos mesmos um prato tratado de alumínio.

No tratamento das dores de cabeça, estados de fraqueza e esgotamento, reumatismo, etc., o resultado terá a mesma eficácia que com a pirâmide, se colocarmos, sempre que possível, a parte dolorida ou doente em cima da chapa ou envolvida em folha de alumínio.

Como é natural, nos tratamentos à base da energia piramidal, cada um pode empregar o meio que lhe seja mais cômodo e pareça mais eficiente (pirâmide, água ou alumínio). Sempre damos prioridade à pirâmide mas, para energizar-nos, para transtornos digestivos, fermentos, irritações da boca ou olhos, etc., preferimos a água. Usamos o alumínio sempre que seu emprego não nos incomoda em demasia e permite que prossigamos em nossas ocupações, ao invés de permanecermos inativos durante o tratamento. Em se tratando de dores de cabeça, por exemplo, temos tido bons resultados fazendo uma espécie de chapéu com a folha de alumínio.

Ao falarmos de metais, é tema obrigatório mencionar o afiamento das lâminas de barbear na pirâmide. A paternidade de Drbal em sua descoberta é indiscutível, e foram precisamente seus trabalhos nesse sentido que despertaram a atenção mundial sobre as pirâmides. Não obstante, julgamos que seria mera repetição voltar a relatá-los, uma vez que já o fizemos sumariamente no capítulo 2. Além disso, em *A Força das Pirâmides*, o próprio Drbal narra detalhadamente sua odisséia para patentear a pirâmide.

Desejamos apenas insistir em que nem todas as lâminas conseguem regenerar-se; fizemos experiências com vários tipos, e somente tivemos bons resultados com as lâminas azuis. A Gillette Super Platinum, por exemplo, foi um completo fracasso para nós, donde podemos concluir que o importante é a pureza do aço: quanto maior for a fusão com outros metais, tanto menor será o efeito regenerador da pirâmide.

Também é básica a orientação norte-sul da lâmina, de maneira que os gumes fiquem voltados um para o leste e o outro para o oeste. Por último, queremos ressaltar que o tamanho da pirâmide parece não ter a menor influência na rapidez e perfeição da regeneração do fio da lâmina. A partir de 8 cm, qualquer pirâmide serve.

Alguns autores afirmam que também conseguem afiar facas, tesouras e até mesmo cabeçotes de barbeadores. De nossa parte, tentamos a prova com uma faca e, francamente, após deixá-la três meses na pirâmide, não notamos que estivesse cortando melhor do que antes. Talvez seja preciso muito mais tempo, porém, no caso presente, não chegamos a ver qualquer utilidade prática na experiência.

O que pudemos observar foi uma melhora geral no aspecto da faca e que, ao segurá-la, a ferrugem, que existia antes em alguns lugares da mesma, passava para nossos dedos.

Posteriormente, comprovamos este último efeito, isto é, que as manchas de ferrugem ou de oxidação apresentadas por objetos metálicos tendem a desfazer-se na pirâmide; basta esfregá-lo com os dedos ou com um pedaço de pano, para que o óxido se transforme em poeira, ficando o objeto limpo e como novo. O estranho é que nem todas as manchas de oxidação desaparecem, tratando-se de um processo bastante irregular. Há manchas que desaparecem, enquanto que outras, de aparência idêntica às das anteriores, permanecem inalteradas e fixas no metal.

Também King observou o mesmo fenômeno, chegando a conclusões muito similares. Ele afirma que, quando a oxidação não se dissolveu dentro de três dias, não desaparecerá depois disso. Não somos tão taxativos, mas podemos afirmar que não vale a pena prolongar a experiência além dos quinze dias, e que este fenômeno não ocorre apenas com o ferro, mas também com outros metais, como o cobre, a prata e o ouro.

Ignoramos como acontece tal coisa, embora suspeitemos de que o efeito desidratante transforme em óxido pulverulento a mistura de óxidos e hidróxidos fortemente aderida ao metal. Talvez seja também um efeito de ressonância energética, de certa forma similar à ação dos ultra-sons (isto é apenas uma comparação, não que se trate de ultra-sons), que desprenda o óxido de metal. A falha em nossa hipótese é que não se explica

por que sempre restam oxidações que não se desprendem do objeto.

Para finalizar este capítulo, resta-nos apenas acrescentar que, no momento presente, estamos realizando experiências com pirâmides metálicas e verificamos que sua irradiação energética é muito mais dura que nas de material dielétrico. Estas pirâmides metálicas são totalmente ineficazes para a mumificação e preservação de alimentos mas, em troca, sua energia pode aplicar-se a diversos tratamentos, devendo-se agir com suma cautela, em vista da dureza de suas radiações.

Até o momento, os resultados ainda são bastante irregulares, de maneira que nos limitamos a adiantar que a ação de cada tipo de metal parece específica para determinadas pessoas, isto é, que o cobre é bom para algumas, sendo ineficazes outros metais e até mesmo prejudiciais, enquanto que, para outras, ao contrário, a pirâmide de ferro é a eficaz, sendo inoperantes as demais.

Este efeito seletivo parece também orientar-se em afecções distintas. Por exemplo, em um caso no qual uma pirâmide de cobre proporcionava uma melhora notável em uma afecção reumática, intensificava a dor de cabeça, até torná-la insuportável.

De qualquer modo, as experiências realizadas neste sentido são ainda parciais e insuficientes. Em vista disto, seria para nós uma ajuda inestimável sabermos os resultados conseguidos por alguém que investigue este campo.

8

EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS

No capítulo 5, mencionamos a sensação de paz e tranqüilidade que se experimenta ao entrar em uma pirâmide. Iremos agora aprofundar-nos no tema, pois consideramos que o benefício mais importante proporcionado pelas pirâmides é o auxílio ao desenvolvimento de nossa personalidade e à investigação dos níveis elevados de consciência.

Segundo comentamos, em uma permanência no interior da pirâmide, as primeiras sensações percebidas são de isolamento, paz e segurança, assim como um agradabilíssimo estado de relaxação. Curioso é sabermos de antemão que bem pouca proteção pode oferecer-nos uma frágil capa de madeira, que os ruídos do exterior mal ficarão amortecidos e que, praticamente, não devia existir a menor diferença entre estarmos dentro de uma pirâmide ou de uma vulgar tenda de campanha. No entanto, a realidade é muito outra.

Para começar, os ruídos externos passam a ser algo secundário e remoto; nós os ouvimos como se viessem de maior distância e como se não nos preocupassem ou nada tivessem a ver conosco, pois eles se afastam e deixam de constituir obstáculo à nossa concentração. Aqueles que construíram sua pirâmide

com uma simples armação de madeira e faces de plástico nos têm relatado que obtiveram idênticas impressões, apesar da maior fragilidade de sua estrutura. Isto nos indica que a mencionada sensação nada tem a ver com o material empregado na construção da pirâmide, mas sim em seu formato.

O mesmo se pode dizer quanto à sensação de segurança experimentada, aliás, sem justificação objetiva, mas assim mesmo tão evidente, que às vezes chegamos a ter a impressão de estar sozinhos, como se uma presença ou potência invisível nos acompanhasse e protegesse. Já sabemos que estas são sensações subjetivas, mas isso não é obstáculo a que sejam partilhadas pela grande maioria daqueles que se entregaram à experiência, mesmo não tendo conhecimento do relatado por outras pessoas. Assim, se uma experiência subjetiva é vivida da mesma forma pela maioria dos que a realizam, passa a ser tão aceitável como a mais empírica das provas. Fizemos as experiências em nossa própria casa, mas temos testemunhos de que os resultados são idênticos, mesmo nos lugares mais remotos e isolados.

Neste sentido, o relato mais explícito é o de Schul e Pettit, citados por nós com freqüência porque, em nossa opinião, foram os que melhores trabalhos realizaram e talvez também pelo fato de serem seus resultados e conclusões os que mais coincidem com os nossos. Muitas vezes, cotejando sua obra, tínhamos a sensação de estar lendo, em outras palavras, o que nós mesmos havíamos descrito em nossos apontamentos.

Os citados autores relatam que, em uma excursão de grupo às montanhas do Colorado, armaram uma pirâmide de plástico suficientemente grande para permitir que dormissem em seu interior. Cada membro do grupo passou uma noite dentro dela, que se encontrava bastante isolada da cabana-base do acampamento. Duas mulheres do grupo ficaram assustadas, ao caminharem na escuridão da noite para a pirâmide, mas todo o medo e ansiedade desapareceram assim que entraram na mesma.

Paralelamente a esta sensação de segurança, somos invadidos por uma profunda paz interior, sentimo-nos relaxados e tranqüilos, vivendo a realidade de sermos unos com todo o Universo. As tensões e sentimentos agressivos de nossa vida ficam para trás, não encontram eco no interior da pirâmide. E assim, pouco a pouco, sem que o percebamos, nossa respiração se torna lenta e profunda, a mente se afasta dos

assuntos exteriores, diminuindo sua dispersão para chegar a um estado tranqüilo e estático, detendo-se e interiorizando-se.

Essa aprofundização da mente chega a ficar tão patenteada, que perdemos a noção do tempo. Certas vezes, quando temos a impressão de que acabamos de entrar, o companheiro que nos aguarda no exterior acha que adormecemos e se impacienta com nossa demora. De outras, em troca, saímos da pirâmide convencidos de que permanecemos demasiado tempo em seu interior, quando transcorreram apenas alguns minutos. Em resumo: tempo e espaço são conceitos que carecem de sentido, no interior da pirâmide. Dentro dela, nada é objetivo, tudo é subjetivo.

É muito difícil dormir em uma pirâmide relativamente pequena como a nossa, já que seu espaço permite apenas que se fique sentado em uma cadeira, mas, ainda assim, demos algumas cabeçadas de sono de vez em quando e, em tão curtos espaços de tempo, a sensação é de extraordinário descanso. O mais curioso é que, nos instantes que precedem o sono, quando estamos entre despertos e adormecidos, a mente parece voar, e temos sonhos acordados, com grande nitidez.

À vista de tais efeitos, decidimos construir pirâmides de cartolina com 40 cm de altura e suspendê-las acima da cama, ao deitar-nos, para verificação do que acontecia.

Neste caso, o efeito não é tão claro e terminante como no citado anteriormente, mas continua sendo parecido; dorme-se melhor, lembramo-nos dos sonhos com mais facilidade e também aquele período de desperto-adormecido que precede o sonho é muito intenso e duradouro (pelo menos, assim parece, mas não esqueçamos que tudo é subjetivo debaixo da pirâmide).

Schul e Pettit, Kerrel e Goggin, Cox e muitos outros informam sobre sonhos parecidos com os descritos por Paul Brunton e já relatados no livro de Max Toth e Greg Nielsen, os quais mais parecem visões astrais que outra coisa. Não experimentamos nada semelhante, porém os testemunhos são demasiados, para que nos atrevamos a duvidar deles. Em nossa opinião, poderiam ser experiências de natureza paranormal, que ocorrem apenas às pessoas que, independentemente de suas experiências na pirâmide, efetuaram trabalhos no campo da paranormalidade ou que, pelo menos, possuam faculdades latentes deste tipo, mesmo que estas não se houvessem mostrado

anteriormente; a pirâmide, então, apenas facilitaria seu despontar e exteriorização.

Isto parece comprovar o fato de que um companheiro nosso, praticante metódico há algum tempo da meditação e das técnicas para a produção de ondas alfa, ache mais fácil manter-se nesse estado sob a pirâmide.

James Coburn, o popular astro de Hollywood, também comentou isso, no exemplar do *National Enquirer*, de 13 de janeiro de 1974: "Acredito firmemente na força da pirâmide. Entro na minha tenda em forma de pirâmide, sento-me em uma postura de ioga e a coisa funciona. Proporciona uma emoção e uma sensação claras, cria uma atmosfera... que torna mais fácil a meditação. Impede qualquer interferência. Passo quinze minutos lá dentro, todos os dias, em meditação."

Os testes efetuados por Gary Plap, da Numa-Th Industries, George Cooper, presidente da Pyrameditation Inc., e Bill Cox, editor de *Pyramid Guide*, sobre a atividade das ondas cerebrais, durante a meditação dentro da pirâmide, revelaram um aumento acentuado de amplitude na produção de ondas alfa e beta dos meditadores, minutos antes de sua entrada na pirâmide e, posteriormente, em seu interior.

Com respeito à ocorrência de fenômenos paranormais, como telepatia, clarividência, telecinesia, etc., são muitos os testemunhos de que sua produção no interior da pirâmide se torna bem mais fácil. King cita, inclusive, ter presenciado e tomado parte no ato de entortar colheres, à maneira de Uri Geller, e no livro *A Força das Pirâmides*, Joan Ann de Mattia narra suas experiências nesse sentido. Todos os testemunhos são concordes e, portanto, não continuaremos a repetir referências.

De qualquer modo, insistiremos na idéia de que, em nossa opinião, a pirâmide é de grande valia em tudo que seja para normal, como também o é em outros terrenos, mas apenas quando o investigador já possua essas faculdades, mesmo que apenas potencialmente. Assim sendo, recomendamos seu uso aos interessados no assunto, pois se os resultados não surgirem de começo, é bem provável que apareçam com o tempo. De nossa parte, nós a usamos inclusive para ler ou estudar, obtendo bons resultados. Mesmo quando não esperamos que nos proporcione faculdades não possuídas por nós, somos beneficiados por

sua influência, no tocante à concentração e para um rendimento maior e melhor.

Tanto no campo psíquico, como em tudo a pirâmide atua como um amplificador, um condensador de energia - inclusive psíquica — que permite a melhor e mais extensa produção de toda classe de fenômenos. Aliás, podemos até perceber fisicamente essa energia, quando nos habituamos ou talvez ficamos sensibilizados pela mesma, no trabalho com as pirâmides.

O primeiro sintoma que todos percebemos é quase inconsciente. Sentimo-nos energizados, mesmo não havendo uma sensação física de energia; entretanto, muitas pessoas nos relatam sensações de formigamento ou de alfinetadas, outras falam de uma força que as faz sentir-se como que sem gravidade, atraindo-as para a cúspide da pirâmide. Também em inúmeros casos, após a pessoa permanecer na pirâmide sem nada notar, surge a sonolência. Os que fazem isso costumam dormir um pouco, uma meia hora, geralmente; depois, quando acordam, sentem-se tão energizados como aqueles que o foram (diretamente, na pirâmide).

Em outras pessoas, essa energização, a princípio tão agradável, é seguida pela sensação de estarem saciadas de energia, de quererem sair da pirâmide. Se, ao invés de saírem, preferem continuar enchendo-se de energia, então a experiência se torna desagradável. Inicia-se com uma dor de cabeça e depois todo o corpo começa a doer, em especial no local de antigas lesões, cuja lembrança já até fora perdida. Chegada essa altura, é preciso sempre que saiam da pirâmide, pois se uma dose de energia é boa, uma superdose pode ser nefasta.

Com o tempo, no entanto, vai aumentando a capacidade para armazenagem de energia, sendo possível permanecer-se longo tempo na pirâmide, sem qualquer inconveniente e mais à vontade que em qualquer outro lugar.

King cita efeitos similares, porém mais intensos, acrescentando que, caso se continue dentro da pirâmide, apesar dos incômodos, chega um momento em que se produz uma ruptura e todos os sintomas desaparecem, deixando em seu lugar uma sensação magnífica. Pessoalmente, não fizemos a verificação a tal extremo mas, de qualquer modo, não recomendamos a experiência a ninguém; surgidos os inconvenientes citados, o que

não é habitual, será preferível que a pessoa se vá acostumando aos poucos.

Para encerrar, daremos alguns conselhos àqueles que desejem praticar a meditação ou efetuar experiências psíquicas na pirâmide.

Antes da entrada na pirâmide, o primeiro passo a dar é programar o subconsciente. Fique alguns minutos no exterior, determinando de antemão e muito concretamente o que vai realizar: meditar, dormir e recordar os sonhos, realizar alguma experiência telepática com um amigo, etc. Concentre-se na tarefa a realizar, examinando-a em todos os detalhes e levando sempre em conta que deve ser algo específico, bastante concreto, ao invés de envolver vários objetivos e sem qualquer finalidade.

O passo seguinte é entrar e sentar-se no interior da pirâmide. Suponhamos que o leitor já está habituado a ela e terá percebido que nem todas as orientações são igualmente boas. Para a maioria, o melhor é sentar-se olhando para o norte ou deitar-se com a cabeça orientada nesta direção, mas isto não serve como guia para todos. Além do mais, com a prática, cada um percebe que para cada tipo de experiência existe uma orientação diferente, ótima para ele, mas que pode não o ser para os demais. Conforme falamos, este ponto tem que ser descoberto através da prática, pois se trata de algo inteiramente pessoal. Para começar, no entanto, o melhor é orientar-se para o norte e em seguida, afinada a sensibilidade, cada qual encontrará suas melhores orientações pessoais.

Também é conveniente não usar nada que nos aperte em demasia, como cintos ou peças de roupa muito justa. Os que costumam praticar o relaxamento dispensam este conselho, mas acreditamos que seja útil aos demais.

Então, pode ser iniciada a experiência programada, sem desânimos se, a princípio, os resultados não se mostrarem muito satisfatórios. Como já temos dito, a pirâmide constitui um auxiliar magnífico, mas não é tudo; quando, em realidade, a pessoa possui faculdades latentes, estas surgem com a prática.

Compreendemos que muitos leitores podem ficar desiludidos após a leitura deste capítulo, ao saberem que a pirâmide, por si só, não lhes proporcionará graciosamente todos os poderes e faculdades que esperavam. A estes recordaremos que os

mestres indiscutíveis em poderes psíquicos são os jogues e os lamas budistas; citaremos então algumas frases do XIV Dalai Lama, seu representante máximo, para que lhes sirvam de guia e consolo: "Inclusive ao Bem-aventurado, lhe é impossível transmitir fisicamente seu conhecimento a outro ser."

Se o Bem-aventurado não possui tal poder, como isso seria possível a apenas uma pirâmide?...

"Para alcançar a felicidade, cada ser deve realizar o esforço necessário que faça desaparecer a causa de seus sofrimentos e determine a causa de sua felicidade. Não existe outro caminho."

Com efeito, não existe outro caminho que não o do esforço constante e pessoal, para alcançarmos a perfeição.

"Um homem sedento pode acalmar sua sede bebendo água, mas para isso necessita de um recipiente com que beber essa água."

A pirâmide não será o recipiente para a água que acalmará nossa sede espiritual ou nossa sede de alcançar novos níveis de consciência. O recipiente de que nos fala o Dalai Lama é o *bodhi-chitta*, a vontade de conhecimento do espírito que se esforça para ganhar a iluminação. Não obstante, devemos convir em que a pirâmide pode funcionar como um recipiente suplementar, a fim de facilitar-nos um caudal maior de energia, que nos permita conquistar esses objetivos com menos dificuldade.

Quem meditar em constância na pirâmide constatará o quanto é útil esse suplemento de energia, a fim de ficarmos melhores a cada dia, alcançando paulatinamente níveis superiores de consciência. Compreenderemos, também, que se os antigos construtores da pirâmide foram guiados por algum objetivo, este não era o de mumificar mortos - por mais ilustres que fossem — nem o de legar-nos um instrumento para realizarmos provas estranhas e experiências - por curiosas que fossem — mas sim que, por trás de tudo isto, tão apto para prender a atenção dos curiosos, ocultava-se uma finalidade muito mais importante. Uma finalidade que, por si só, justifica o esforço titânico na construção de pirâmides, qual seja a de legar-nos um instrumento capaz de auxiliar-nos na mais alta tarefa que o homem possa empreender: a de seu desenvolvimento espiritual. Se, a esse desenvolvimento espiritual, se unirem

em seguida algumas faculdades paranormais, trata-se de um inconveniente que devemos suportar e não algo que devamos desejar.

RADIÔNICA, A MAGIA MODERNA

Por motivo da publicação do livro *O Poder Mágico das Pirâmides*, a Ediciones Martínez Roca se viu inundada por um aluvião de cartas procedentes de todas as partes, solicitando dados e esclarecimentos a respeito de determinados aspectos das experiências contidas nesse livro. Devemos ser gratos à gentileza do editor, ao informar-nos de que os temas de maior demanda na dita correspondência foram os referentes às experiências do ESP Laboratory de Los Angeles e à construção em escala de pirâmides experimentais.

Deixando para mais adiante a construção de pirâmides, vamos agora centralizar-nos nas experiências com a ESP (ou PES — percepção extra-sensorial). Embora sendo nosso desejo limitar-nos apenas à menção, sem entrar em detalhes, de tudo já contido no livro de Toth e Nielsen, neste caso, e a pedido dos leitores do mesmo, repetiremos o já publicado, procurando ampliar nossas explicações na medida do possível, para que o processo se torne mais compreensível. Assim, tal processo ficará ao alcance de todos, ao mesmo tempo em que forneceremos uma noção dos princípios em que se baseia.

Al Manning, diretor do ESP Laboratory, relata que efetuou experiências usando a forma piramidal como incubadora para materializar pensamentos. Ele partia do suposto de que o formato da pirâmide funciona como um amplificador geométrico, que incrementa o poder da oração e reforça a devoção do indivíduo que deseja materializar um pensamento ou desejo.

A técnica é muito simples, e tudo quanto se precisa é de uma pequena pirâmide de cartolina e um jogo de folhas triangulares de papel.

As ditas folhas devem ser de quatro cores: azul para os pedidos de cura, verde para os assuntos amorosos, alaranjado para obter-se clareza mental e amarelo para desenvolvimento da intuição.

O pedido deve ser feito de maneira simples, concreta e com o menor número possível de palavras. Se a pessoa estiver com as idéias confusas, será conveniente esperar que a mente se aclare, e só então escrever o pedido na folha de papel triangular, na cor adequada.

Feito isto, o pedinte mantém o papel entre as palmas das mãos unidas, enquanto recita duas vezes uma oração especial. A organização de Al Manning fornece essas orações, mas é igualmente eficaz uma oração criada pelo próprio solicitante, no sentido adequado de seu pedido, desde que seja recitada com a máxima devoção, além de uma sincera e profunda convicção de que seus desejos serão ouvidos.

O efeito será mais garantido, caso seja possível realizar-se a experiência em grupo, com todos rezando a mencionada oração, mas isso não quer dizer que a prova não tenha eficácia, quando realizada por uma única pessoa; apenas, a força conseguida é maior, segundo o número de pessoas crentes que nisso colaborarem.

Em seguida, dobra-se o vértice do triângulo de papel sobre a base e depois esta última sobre a dobra anterior, de maneira a que o escrito fique oculto dentro do papel e que a dobra resultante também seja triangular (ver a figura 6).

O triângulo de papel dobrado será colocado sobre a base da pirâmide, previamente orientada no sentido norte-sul, modo que a longitude maior do papel também fique orientada na mesma direção. A seguir, colocam-se as palmas das mãos sobre o papel dobrado, repete-se a oração uma vez mais e tapa-se

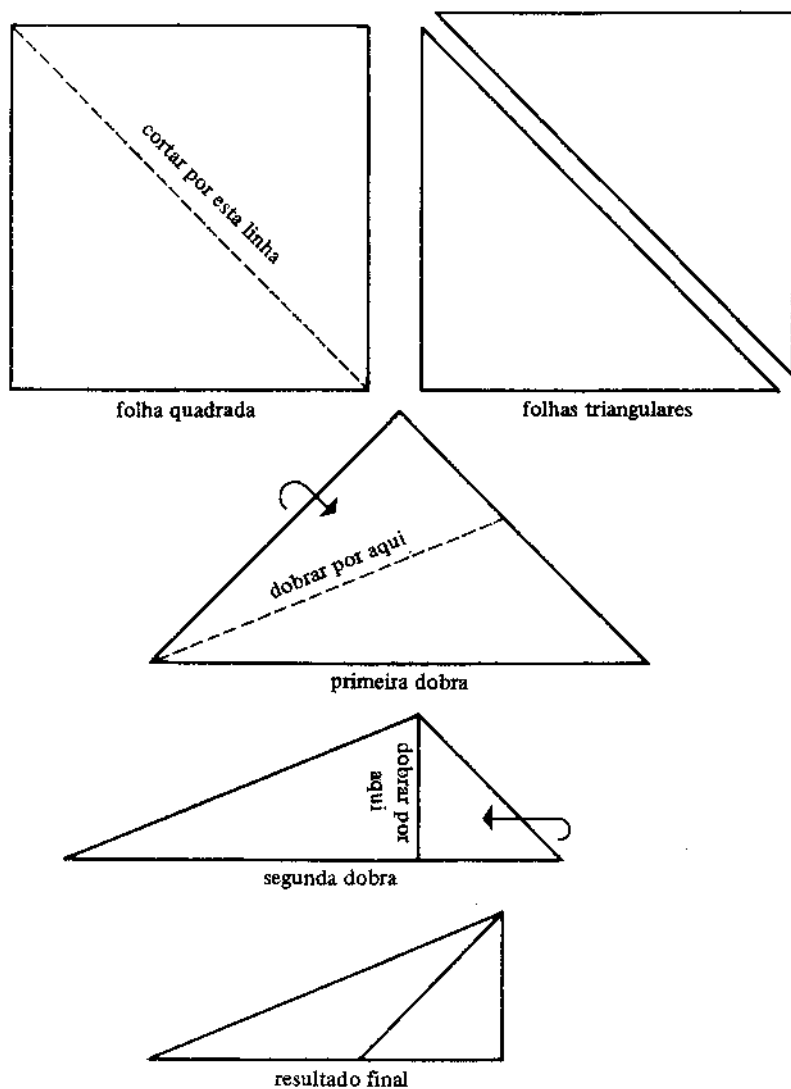


FIG. 6. Materialização de pensamentos. Como dobrar o papel para a incubação

se tudo com a pirâmide, sempre mantendo a direção norte—sul, assim dando-se início ao período de incubação da forma de pensamento.

Al Manning sugere que são necessários de três a nove dias para que o pensamento materializado complete seu "período de gestação". Durante esse tempo, ajuda-se o processo mediante a oração em voz alta e alimenta-se a forma através da concentração mental sobre ela, o que deve ser feito uma vez ao dia, olhando-se para a face norte da pirâmide.

Quando o experimentador considerar que a forma de pensamento já está suficientemente incubada, retira a pirâmide de sua base, apanha o papel triangular, desdobra-o segurando-o por um ângulo e o queima. Depois que o fogo devorar o papel completamente (não deve ficar nem um pedacinho por queimar), jogam-se as cinzas em um recipiente refratário, que deve estar ao alcance, durante todo o processo.

Uma vez liberada a forma de pensamento, o experimentador pode aguardar o cumprimento de seu desejo, confiante em que o fogo, o mais poderoso dos quatro elementos sagrados, projetou uma forma plenamente carregada de energia, a qual em breve será transformada em fatos reais.

Os membros da organização escrevem de todas as partes do mundo, comunicando que suas pirâmides incubadoras satisfizeram seus desejos, sob a forma de novos trabalhos ou empreendimentos comerciais, curas e muitas outras coisas mais. O fato de os pedidos serem ou não de natureza espiritual não é obstáculo para a sua realização.

Compreendemos que muitos leitores dirão ser semelhante prática nada mais que uma mescla de superstição e magia antiquada, mas a estes devemos dizer que, embora não tenhamos comprovado pessoalmente a eficácia do processo, é tão grande o número dos que garantem ter obtido resposta aos seus pedidos, que não é possível rejeitar-se, sem mais nem menos, as provas de sua eficiência.

Além do mais, temos a considerar que tal processo não passa de uma adaptação pessoal de Al Manning de uma técnica mundialmente reconhecida e que nós próprios comprovamos repetidas vezes, com resultados satisfatórios: a radiônica.

No capítulo 1, comentamos o trabalho dos radiestesistas, os que primeiro realizaram experiências com as pirâmides. Falamos

também do verde negativo, radiação misteriosa, presente na pirâmide, a qual consideravam uma onda penetrante e portadora de todas as demais.

Seus trabalhos, no entanto, não terminaram aí. Ao invés de abandonarem a pirâmide, prosseguiram as pesquisas com outras formas e corpos, chegando à conclusão de que todos os corpos e seres vivos emitem essas radiações de natureza eletromagnética a que denominaram ondas e que, fundamentalmente, eram de duas classes: de forma e de cor.

Muitos anos antes, por volta de 1905 e 1906, o abade Mermet se perguntou se, trabalhando sobre o corpo humano, conseguiria observar o sentido da circulação do sangue e suas anomalias, usando o pêndulo; atirou-se ao trabalho e não demorou a criar a radiestesia médica. Mermet utilizava um sistema baseado no método das séries, encontrando para cada órgão do corpo um número de série invariável e outro número oscilando entre 1 e 10, segundo o estado de saúde do dito órgão.

Posteriormente, o Dr. Leprince estabeleceu um método diferente, baseado nas radiações de cor e sua sintonia com a vibração dos diversos órgãos e medicamentos.

Enquanto isso, em 1919, o abade Mermet descobria a telerradiestesia, que é o trabalho com o pêndulo a distância e mediante a ajuda de mapas, planos ou fotografias. A radiestesia médica aproveitou essas técnicas e tentou trabalhar, também primeiro sobre amostras de sangue, depois sobre fotografia do paciente, que eram usadas como testemunhas.

Postos já neste caminho, não é de estranhar que se chegasse ao extremo de pesquisar se, colocando-se o medicamento selecionado sobre a fotografia do paciente e submetendo o conjunto a um emissor do famoso verde negativo, seria possível conseguir-se a cura do paciente. O assombroso é que deu resultado!

Tal conclusão não é apenas assombrosa, mas também aterrador: a atuação das ondas de forma ou de cor, sobre uma fotografia ou uma parte de um ser vivo, é partilhada por esse ser. Dizemos que é aterrador porque tal conclusão é, praticamente, como que uma confirmação dos feitiços mágicos.

Entretanto, sigamos em frente. Jean Martial, inspirando-se em tudo isto, perguntou-se se seria possível, por meio da radiestesia,

fazer um desenho, cujo conjunto de ângulos e linhas fosse capaz de criar uma onda de forma específica para uma pessoa e com uma finalidade concreta. E ele conseguiu!

Para tanto, postava-se em sua mesa de trabalho, diante de uma fotografia da pessoa sobre a qual procurava atuar; tomando uma folha de papel menor que a fotografia e, com o pêndulo na mão direita e um lápis na esquerda, concentrava-se no objetivo proposto. Movia lentamente o pêndulo sobre a foto, suspenso acima da mesma um ou dois centímetros. Sempre que o

iniciava um giro, ele marcava a lápis um ponto sobre o papel. Desta forma, obtinha uma série de pontos muito

entre si. Para terminar com esta fase, tinha que unir os pontos com um traço contínuo e encerrar o desenho resultante em dois círculos concêntricos.

Terminado o desenho, atravessava-o com um alfinete em seu centro e depois movia o pêndulo sobre a fotografia, até encontrar o lugar exato em que devia pregar o desenho. Uma vez feito isto, passava a girá-lo até que o pêndulo lhe indicasse a orientação precisa em que o desenho devia ficar sobre a fotografia (figura 7).

Em si, a operação é mais complicada, porém a resumimos ao máximo, para não nos alongarmos demasiado. Levemos em conta que, para realizá-lo, é preciso um domínio perfeito da radiestesia e, nos bons manuais sobre o tema, tal método já vem detalhadamente explicado.

São inumeráveis os êxitos obtidos por Martial e seus seguidores em todo o mundo. Atualmente já se pratica tanto o uso de desenhos teleinfluentes, como o emprego da fotografia junto ao medicamento, ambos colocados sob um emissor de verde negativo, com o nome de psiônica.

Em 1910, o Dr. Albert Abrams, de São Francisco, detectou no abdômen de um paciente canceroso uma pequena zona que emitia uma nota opaca, ao ser percutida com o dedo. Após várias provas, ele comprovou que a mencionada nota só se produzia quando o paciente ficava de rosto virado para o oeste. Tal fato sugeriu-lhe que poderia tratar-se de um fenômeno de natureza eletromagnética, e que este sofria influências do magnético da Terra.

Isto o levou a ligar o paciente a um homem sadio, por meio de um arame, o qual lhe permitiu comprovar que as "emanações"

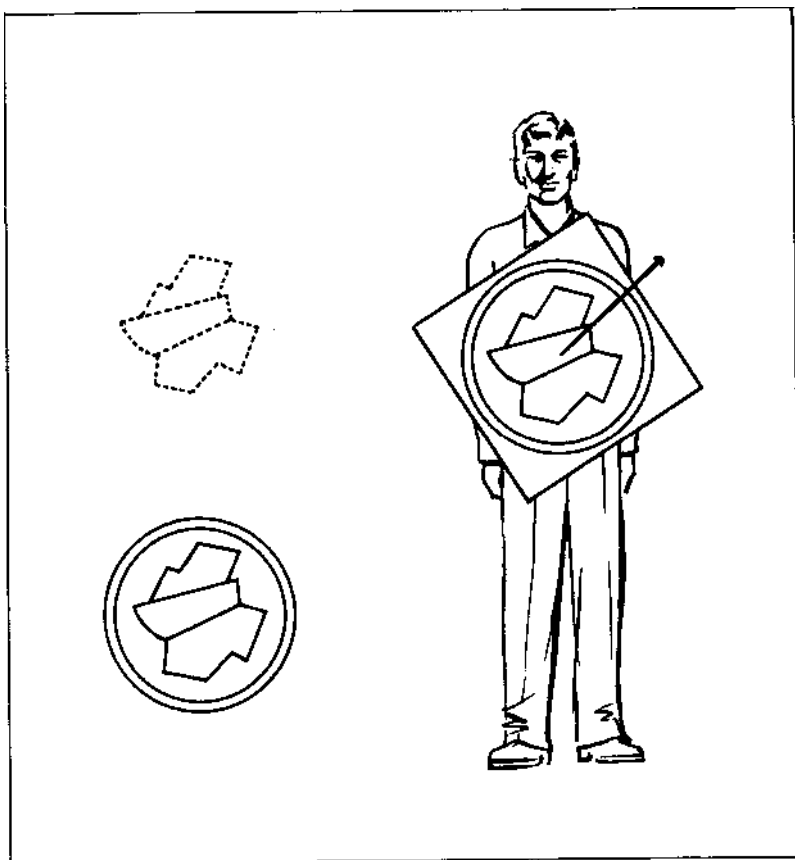


FIG. 7. Confeção e colocação de um desenho teleinfluente, segundo Jean Martial

cancerosas do doente induziam esta nota opaca na mesma área do abdômen do indivíduo sadio. Ele chegou também comprovar que presença do paciente era desnecessária, bastando uma amostra de seu sangue para induzir uma ação reflexa nos músculos abdominais, onde fazia aparecer nota opaca.

Convencido de que se encontrava na pista de algo importante, empenhou-se em efetuar provas e mais provas, verificando então que cada enfermidade produzia aquela nota surda, em áreas específicas do abdômen. O Dr. Abrams estava diante de um novo método de diagnóstico. Em pouco, constatava que

as amostras de doentes sífilíticos produziam sons opacos na mesma zona abdominal que amostras de pacientes cancerosos. Imperturbável, acreditando que as "emanações" do sangue doente eram elétricas, ele introduziu no sistema uma resistência variável. Variando resistência, verificou-se que podia sintonizar as diferentes enfermidades e designou cada uma delas um valor em ohms. Deu à sua descoberta o nome de "reação eletrônica de Abrams" ou ERA e, em seguida, mandou confeccionar uma caixa especial de resistências.

O Dr. Abrams comprovou ainda que, ao colocar uma amostra de quinino em sua caixa, juntamente com uma amostra do sangue de um doente afetado pela malária, as radiações do quinino neutralizavam as da malária, eliminando nota opaca. Isso o levou construir um aparelho que deu o nome de *oscilociclo*, o qual ligava ao paciente mediante um eletrodo, produzindo potenciais negativos intermitentes e radiofrequências. No circuito existia também uma caixa de resistências, sintonizada com o valor em ohms, adequado à enfermidade.

Até sua morte, em 1924, o Dr. Abrams usou este aparelho com grande êxito na cura de todo tipo de enfermidades.

Depois disso, seus seguidores prosseguiram com sua obra, cabendo destacar entre eles Ruth Drown, Guyon Richards, Curtis Upton, William Knut, Howard Amstrong e Henry M. Cross. Entretanto, foi na Inglaterra que George de la Warr e sua mulher Marjorie deram um grande impulso essa nova ciência, à qual foi dado o nome de radiônica.

Além do tratamento e diagnóstico das enfermidades, radiônica ampliou-se para múltiplas aplicações, sendo destruição de pragas principal delas. Vejamos como se procede:

Bate-se uma fotografia — preferentemente aérea — da zona afetada, qual é colocada em um compartimento da caixa radiônica. A seu lado, vão sendo colocadas amostras de pesticidas até que, girando-se um botão de comando, o aparelho produz uma resistência maior e um som mais agudo. Assim, está selecionado o pesticida mais adequado ao caso.

Escolhido o pesticida, coloca-se na caixa radiônica fotografia (sendo melhor seu negativo) e uma amostra do pesticida. Liga-se o aparelho à corrente elétrica por um período de 10 ou 15 minutos diários. Dentro de poucos dias, os efeitos começam ser notados e a praga regride.

Para curar uma enfermidade, age-se de maneira semelhante e, inclusive, obtêm-se resultados satisfatórios, operando a enormes distâncias. De seu laboratório em Oxford, De la Warr tem conseguido êxitos retumbantes, tratando de plantações na África e América.

As enormes vantagens dos métodos radiônicos podem ser assim resumidas:

1) Eliminação de pesticidas e medicamentos (além das pequenas amostras necessárias para o tratamento), com o que isso representa para a saúde e a ecologia.

2) Barateamento das colheitas, com a eliminação de despesas em fumigações e pagamentos.

3) Aumento substancial da produção, já que os tratamentos radiônicos não servem apenas para erradicar pragas, mas também para robustecer e aumentar o rendimento das plantas.

Como podemos ver, a psiônica e a radiônica são uma mesma técnica, sua única diferença estribando-se no caminho percorrido para chegar-se ao mesmo ponto. No tocante ao processo de Al Manning, agora podemos notar claramente que se trata de uma adaptação da radiônica, que emprega a como emissor.

Se agora tentamos resumir em um conjunto coerente o comum a todas as experiências de que falamos, poderemos formular os postulados que consideramos básicos:

1) Os efeitos a que se submete uma parte separada de um todo são transferidos a esse todo, seja qual for a distância que os separe.

2) Certas radiações são capazes de transformar-se em ondas portadoras, as quais conduzem a seu objetivo as vibrações a elas confiadas.

Se quisermos passar para o terreno da prática, necessitaremos de também três coisas:

1) Um testemunho ou fragmento daquilo sobre o que queremos agir.

Uma ordem ou remédio, cujas vibrações devem ser transferidas para aquilo sobre o qual queremos agir.

3) Um emissor capaz de produzir radiações ou ondas, de forma suficientemente intensa, que funcionem como onda portadora da ordem ou remédio que queremos transferir.

A testemunha ou fragmento necessário para uma atuação a distância pode ser muito variado, porém o mais prático é a fotografia, o mais recente possível, sendo ainda melhor seu negativo. As experiências de Martial com fotografias e desenhos teleinfluentes, bem como os trabalhos de De la Warr deixam bem patenteada a validade das mesmas.

Quanto ao medicamento ou ordem, cujas vibrações queremos transmitir ao receptor, no caso de uma ordem, basta escrevê-la da maneira como faz Al Manning ou fazendo um desenho teleinfluyente, como Martial; tratando-se de um medicamento, servem os receitados pelo médico.

Por último, após tudo quanto foi dito, acreditamos que não devemos vacilar em recomendar uma pirâmide como geradora da onda portadora, a qual, no momento, continuamos considerando como um bom emissor.

Desnecessário é dizer que no processo entram muitos outros fatores como, por exemplo, o tempo de exposição do conjunto testemunha-medicamento à ação da pirâmide, as doses a empregar da medicação, a cor da pirâmide, o material em que foi confeccionada, etc., e, principalmente a própria psique do experimentador. Tudo isso, contudo, não pode ser resumido em algumas poucas linhas, pois exigiria para tanto um tratado completo de radiônica.

Para experiências simples — um caso de insônia, por — bastará colocar em uma pirâmide branca (azul ainda é melhor), devidamente orientada, uma fotografia da pessoa sobre a qual se terá deixado uma pílula do sonífero que essa pessoa costuma ingerir normalmente. Fazendo isso uma meia hora antes de deitar-se e deixando-o assim por toda a noite, os resultados serão surpreendentes. Não esquecer — é importante — de concentrar-se sobre a pirâmide, com força de vontade e convicção de que conseguirá o efeito desejado.

Para finalizar este capítulo, resta-nos apenas advertir que estas experiências devem ser todas efetuadas com muito cuidado e, em hipótese alguma, por mero divertimento. Por nosso turno, hesitamos bastante antes de nos decidirmos a fornecer tantas explicações, em vista do perigo potencial que encerram, caso sejam mal empregadas. Se, por fim, nos decidimos a fazê-lo, foi porque tais fatos são mais e mais divulgados a cada dia, sendo inevitável que fiquem amplamente conhecidos.

Por outro lado, comprovamos também que energia gerada por uma pirâmide é sempre benéfica e de potência limitada, o que impede o uso indevido dos conhecimentos que aqui expusmos; entretanto, de qualquer modo e, inclusive no caso de ser empregada com finalidades curativas, não nos cansamos de recomendar — Como fizemos ao explicar sobre cura em pirâmides — que seu uso nunca deve ser feito prescindindo-se dos cuidados médicos necessários. A pirâmide ajuda e é eficaz, porém o melhor é limitar-se a auxiliar o médico, não a querer sê-lo.

10

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Pilhas. Recolhemos várias experiências acerca do efeito da pirâmide sobre pilhas elétricas e todas elas indicam uma ligeira intensificação da voltagem, que parece oscilar entre 0,01 e 0,02 volts. Uma vez que se torna essencial um instrumento de medição muito preciso — e que ainda não possuímos — deixamos de efetuar provas nesse sentido, mas existe unanimidade quanto ao efeito positivo da pirâmide e à baixa voltagem da intensificação. Tais intensificações são diárias, mas não cumulativas, de modo que, encerrada a experiência, não há um aumento que seja a soma dos aumentos diários. Trata-se de aumentos de eletricidade, variáveis diariamente, em quantidades fraquíssimas, que se perdem vinte e quatro horas após retirada a pilha da pirâmide.

A importância destas experiências não é de natureza prática, já que de nada adianta ganhar-se milivolts. Entretanto, levamos em consideração que os processos vitais geram ou consomem quantidades de eletricidade dessa magnitude, e também ficou comprovado que os vegetais desenvolvem-se melhor sob influência de tais cargas mínimas, ao passo que lhes são fatais as cargas superiores. Assim, tudo parece indicar

gerar eletricidade nessas voltagens fraquíssimas, que são justamente as necessárias para a vida.

Motores, relógios e similares. A revista *Pyramid Cuide*, de Bill Cox, registra constantemente casos de relógios, barbeadores elétricos, televisores, etc., que se repararam sozinhos, quando colocados em uma pirâmide. Ele cita, inclusive, o caso de um indivíduo que afirma possuir em sua garagem uma pirâmide suspensa sobre o carro, para que ele se carregue durante a noite. Segundo relata — o que nos parece, francamente, um grave exagero — não precisou mudar óleo e filtro, também não tendo necessidade de efetuar consertos maiores no carro, nos últimos 250.000 quilômetros.

Também King cita alguns casos, e o próprio Bill Cox narra uma experiência pessoal com um relógio digital.

De nossa parte, tentamos efetuar algumas experiências desse tipo, mas parece que apenas um de nós é ligeiramente dotado para tanto, posto que a única prova em que foi conseguido algo, ele a realizou sozinho. Vejamos como foi.

Um dos autores aproveitou o cone de força, levantado por Uri Geller, em uma atuação na televisão, a fim de carregar um relógio, desajustado pela ciência relojoeira. O relógio felizmente ressuscitou (inclusive, mantendo o mesmo atraso que possuía em sua existência anterior) até finais de fevereiro de 1977 quando, após uma semana de forte tensão nervosa, tanto de seu dono como de meia dúzia de pessoas que o acompanhavam, decidiu expirar pela segunda vez.

O relógio foi depositado em uma pirâmide a 12 de março de 1977, ali permanecendo até 26 de setembro de 1977. Nesta data, antes de retirar o relógio da Câmara do Rei, foi montado um "espetáculo à uri Geller". Nem a carga da pirâmide e nem a energia humana deviam ser muitas, porque o relógio, após trabalhar complacente por dez minutos, parou definitivamente e continua falecido até esta data.

A única explicação que temos a respeito é a que no capítulo 8 sobre a pirâmide e as faculdades paranormais. Quando a pessoa não as possui, elas não aparecem; a pirâmide ajuda um pouco, porém não passa disso. Ao nosso protagonista, resta-lhe ao menos a esperança de que, com o uso

constante da pirâmide em nossas experiências, talvez suas faculdades, agora latentes, voltem a ressuscitar algum dia.

Antena. Toth e Nielsen citam o seguinte caso: quando uma pirâmide é ligada à antena de um rádio e este é sintonizado entre duas estações de onda média, se colocarmos uma segunda pirâmide sobre a vertical da primeira, o alto-falante emite um ruído parasita, de intensidade anormal.

Conhecemos também casos de antenas de rádio e televisão, construídas com pirâmides de lâmina de alumínio. Tais provas deram bons resultados algumas vezes e regulares em outras. Quanto a nós, a experiência de Toth só deu resultado ao empregarmos pirâmides de alumínio; em troca, ao fabricarmos uma antena de televisão, houve uma série de fenômenos estranhos que, não obstante, careciam de constância ou regularidade suficiente para que fosse extraído algum tipo de conclusão reveladora.

Em nossas experiências com a televisão — além de que, algumas vezes, a imagem melhora, piorando em outras — o mais curioso é que a pirâmide parece carregar-se de modo muito irregular. Quando, após algum tempo ligada à antena da televisão, passamos a mão perto de um dos ângulos da pirâmide, produz-se uma espécie de forte descarga de interferências, experiência que não pôde ser repetida enquanto a pirâmide não voltou a carregar-se, e isto tanto acontece em poucos minutos como, às vezes, leva mais de uma hora. Por conseguinte, falta a regularidade.

Outro efeito, este muito mais constante, reside nas interferências produzidas por uma porta de madeira que se encontra a poucos metros do aparelho de televisão ou da antena (para registrar este fenômeno, pouco importam o ângulo ou a posição da porta que, inclusive, pode estar no outro). Em troca, nada acontece ao aproximarmos objetos metálicos.

Magnetismo. Segundo King e outros, uma pirâmide pelo vértice por um fio sem retorcer tende a orientar-se pelo eixo norte-sul magnético.

Diz Valentine que colocou para flutuar na água de seis pequenos recipientes seis agulhas de costurar. Suspendendo uma pirâmide acima de cada uma, em poucos minutos todas as

agulhas flutuavam orientadas para o norte magnético. Em troca, diz que um amigo seu tentou a experiência e nada conseguiu, pelo que, em sua opinião, a mente do experimentador tem algo a ver com o fato.

Por nosso turno, tentamos as duas experiências, sem resultado. Há vezes em que a pirâmide suspensa parece querer orientar-se, mas em poucos minutos torna a mover-se e muda de orientação. Inclusive, pendurando-se a pirâmide a bastante distância e observando-a de longe, sem nos aproximar-mos para evitar movimentos de ar, não conseguimos que ela se aquietasse por mais que uns dois minutos.

Temos também informes de que uma pirâmide de aço colocada sobre uma bússola a desorienta, o mesmo acontecendo com pirâmides construídas em arame de aço ou cobre.

Neste terreno, não efetuamos qualquer comprovação até esta data, já que apenas temos trabalhado com pirâmides metálicas de pequeno tamanho, as quais não se prestam a tais experiências. Portanto, limitar-nos-emos a transcrever a experiência mais detalhada que possuímos e que apareceu no *Pyramid Cuide* de março-abril de 1978. Esta experiência foi realizada por R. H. Williams, de Ontário, Canadá.

Efeitos produzidos em uma bússola, por uma pirâmide de arame de aço de 30 cm de altura:

No dia 2 de março de 1975, efetuei algumas experiências com a bússola colocada sobre uma mesa, de maneira a que ficasse orientada para o norte (360°). Bem centrada sobre ela, coloquei a pirâmide, de forma que uma de suas faces ficasse orientada para o norte. A agulha da bússola desviou-se 10° na base. Na parte alta, tanto dentro como fora, o desvio foi de 38° .

As leituras nas quinas internas foram:

SE = 220°
NE = 30°
SO = 170°
NO = 35°

E nas externas:

SE = 160°
NE = 8°
SO = 28°
NO = 8°

Portanto, a energia magnética máxima não está situada na Câmara do Rei, mas no vértice.. De qualquer modo, descobri que o máximo efeito magnético se situa de 3 a 5 cm abaixo do vértice, no lado norte. Ali, o desvio da bússola foi de 180° .

O que acontece, empilhando-se uma segunda pirâmide sobre a primeira? E uma terceira, uma quarta, uma quinta?

	<u>Centrobases</u>	<u>Vértice</u>
1 pirâmide	10°	38°
2 pirâmides	20°	50°
3 pirâmides	30°	60°
4 pirâmides	36°	70°
5 pirâmides	46°	80°

Ímãs Tentou-se verificar até que ponto a introdução de ímãs poderia influir no rendimento da pirâmide, e os resultados indicam que os efeitos dependem da potência do mesmo. Ímãs muito pequenos podem dar resultados positivos, porém ímãs de potência maior, não apenas anulam os efeitos da pirâmide, como chegam a matar plantas, se estivermos trabalhando com elas.

Trata-se, assim, de um problema de intensidade. Seria muito interessante medir os valores em gauss críticos para cada tipo de resultados.

Sem pirâmides, os ímãs sozinhos atuam praticamente do mesmo modo que a pirâmide, em relação às plantas. Ultimamente, Roy Davis e Walter Rawls realizaram excelentes trabalhos sobre biomagnetismo.

Pilhas piramidais. Os radiestesistas usam pilhas formadas por quatro ou cinco semi-esferas de madeira superpostas, orientando o conjunto para o eixo norte-sul, a fim de serem produzidas mumificações e emissores de verde negativo. As provas realizadas por nós indicam que elas servem efetivamente para tais fins, se bem que sejam ineficazes ou mortais para as plantas. Não parece existir um termo médio, de maneira que usamos as pilhas apenas para tratamentos radiônicos.

Tentamos construir acumuladores piramidais de diversas maneiras: empilhando pirâmides de tamanhos variados em um centro único na Câmara do Rei; colocando umas sobre as outras, tocando a base de uma o vértice da seguinte; da mesma

forma, porém deixando um espaço vazio entre elas; por último, embutindo-as umas nas outras, de maneira que o vértice da inferior fique dentro da Câmara do Rei da superior.

Realizamos tudo isto com grupos de três, quatro e cinco pirâmides. Devemos reconhecer que obtivemos resultados somente com o último tipo descrito, mas foram resultados curiosos, até mesmo desconcertantes.

Contra o que seria de esperar, não obtivemos mais de mumificação usando um conjunto de cinco pirâmides ou uma apenas. Ao contrário, em geral a mumificação se torna mais lenta, embora o aspecto final seja mais agradável. Os resultados são bem semelhantes aos obtidos com a pirâmide chinesa, de que falaremos mais adiante.

Transmissão de energia. A energia que sai do vértice da pirâmide pode ser utilizada unindo-se um arame ao mesmo e ligando-se uma placa metálica ao outro extremo. Tal placa assim ligada produz muitos dos efeitos da pirâmide. O curioso é que, se ao invés de usarmos arame de cobre, usarmos um barbante e uma placa de madeira, a energia se transmite de forma igual, o que nos reporta novamente à radiônica.

O ESP Laboratory, de Al Manning, vende um aparelho formado por uma bobina, uma pirâmide e um condensador variável, chamado "gerador atlante".

King aperfeiçoou esse gerador, construindo-o da maneira seguinte: enrolou um arame de cobre sobre um tubo de até conseguir sessenta espirais. Depois uniu os extremos ao centro das arestas da base de uma pirâmide. Com um segundo arame, sobre a bobina anteriormente construída, enrolou cem espirais, em direção contrária. Um dos extremos desse segundo arame foi ligado à entrada de um condensador variável; a saída deste, mediante outro pedaço de arame, foi unida a uma placa de cobre ou alumínio, dobrada em ângulo, para que se mantivesse de pé. O outro extremo do arame ficou ligado a outra placa, em ângulo, de frente para a primeira (figura 8).

Segundo King, a energia da pirâmide se amplifica, por ter o segundo bobinado mais voltas que o primeiro. O comando do condensador variável permite modular o fluxo de energia; também afastando ou aproximando as placas uma da outra,

consegue-se graduar a energia. É indiferente que o fio seja ou não isolado.

Conforme podemos ver, este gerador de energia piramidal é um aparelho radiônico, à base de energia piramidal e orgônica. Acharmos que o primeiro aspecto dispensa maiores esclarecimentos, após o capítulo dedicado à radiônica; no referente ao segundo, levemos em conta que um condensador variável assim como uma bobina são, em realidade, uma espécie de mantas orgônicas, por serem construídas de camadas de papel ou cartão e cobre ou alumínio. Ampliaremos tais conceitos no apêndice 3.

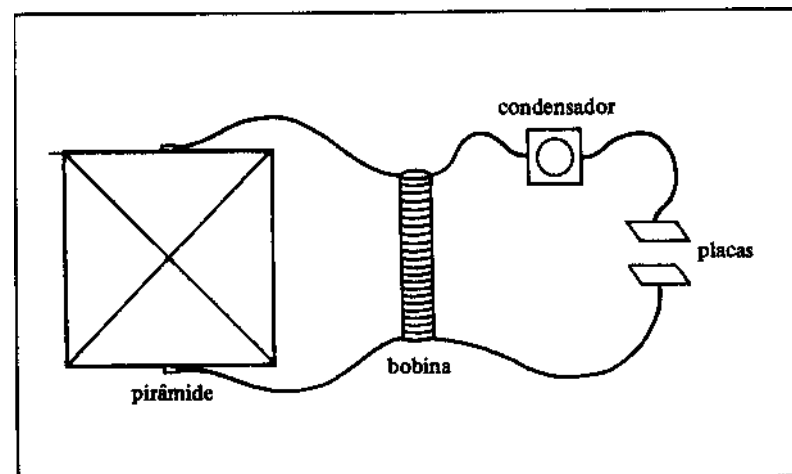


FIG. 8. Gerador de energia de King

Cores. Além de Joan Ann Mattia, ninguém fala das cores quando menciona suas próprias experiências com a pirâmide. De Mattia o faz apenas para indicar que certas pessoas, a fim de energizar-se, descobrem que determinadas cores lhes assentam mais que outras.

Quanto a nós, efetuamos uma série de experiências com pirâmides de cores diferentes (cada pirâmide de uma cor única) e com pirâmides tendo cada face de uma cor. Para isso, usamos sempre pirâmides translúcidas de cartolina ou plástico transparente colorido. Nunca opacas.

Mesmo sendo prematuro considerar nossas conclusões como definitivas, podemos adiantar que os efeitos são muito diferentes, segundo as cores.

Em plantas (trabalhamos com alfaces, por sua robustez, crescimento rápido e porque se desenvolvem em qualquer parte), comprovamos que as pirâmides transparentes de cor vermelha são de uma eficácia excepcional, enquanto que as azuis são menos ativas que as incolores. A ordem de eficácia parece ser por ordem decrescente: vermelho, amarelo, incolor, verde e azul.

Para a mumificação, a ordem de eficácia parece também ser a mesma, se nos referirmos à rapidez (com pirâmides translúcidas de cartolina), mas aqui nos deparamos com um fato muito curioso. As pirâmides de uma só cor produzem grandes deformações e, nelas, as flores perdem muito de sua cor. Entretanto, se usarmos uma pirâmide de cor diferente em cada face e, o que é ainda mais curioso, se a ordem das cores for a seguinte: negro para o norte, azul para o leste, vermelho para o sul, branco para o oeste e a base for de cor amarela, o resultado da mumificação é notavelmente superior ao de qualquer outra combinação de cores. Não queremos dizer que as flores não se deformem, em absoluto, mas esta deformação é muito menor e, principalmente, as cores ficam muito mais naturais que com qualquer outra.

Como que casualmente (mas, existe casualidade neste mundo?) comprovamos que estas cores correspondem à ordem fundamental das cores herméticas (exceto o amarelo) e também à ordem taoísta, e então decidimos batizar esta pirâmide com o nome de pirâmide chinesa.

No tratamento com pirâmides de cores, observamos os seguintes efeitos:

Pirâmides vermelhas: aumentam a vitalidade, apressam a cicatrização de ferimentos e parecem baixar a febre.

Pirâmides alaranjadas: agem como as vermelhas, porém são menos ativas; parecem auxiliar nos processos digestivos.

Pirâmides amarelas: têm um efeito tonificante sobre os nervos, mas também apresentam estranhos efeitos colaterais que nos fizeram dispensá-las momentaneamente, enquanto não pudermos estudá-las com mais calma.

Pirâmides verdes: acalmam os nervos e são tonificantes. Também exigem um estudo mais detido, pois os efeitos variam muito, segundo as tonalidades do verde.

Pirâmides azuis: muito calmantes, em todos os aspectos. Também são excelentes para a boa cicatrização dos ferimentos; não aceleram sua cura, mas melhoram o aspecto, atuando como se fossem bactericidas. Além disso, são as melhores para a meditação. Seu único inconveniente é que, algumas vezes, embora nem sempre, provoquem sonolência.

Ainda não fizemos experiências com outras cores e, além do mais, devemos advertir que, quando indicamos uma preferência por uma cor determinada, não queremos dizer que outra cor deixe de atuar, mas apenas que aquela cor indicada seja a mais ativa no caso.

Outras formas. Nestes momentos, estamos começando a fazer experiências com cones e obtendo resultados muito semelhantes aos conseguidos com as pirâmides. Por ora, os resultados ainda são bastante incompletos, embora possamos prever que este seja um campo de experimentação quase tão promissor como o da pirâmide. Costumamos usar sempre cones retos e com as proporções das pirâmides, isto é, que para uma altura de 10 cm, por exemplo, usamos um diâmetro de base com 15,7 cm, e assim proporcionalmente, além de trabalharmos com uma inclinação da superfície cônica no mesmo ângulo que na pirâmide (51° 51' 14").

Acreditamos também que a semi-esfera e a esfera devem ser eficazes, porém não efetuamos qualquer prova, pela dificuldade de serem construídas estruturas ocas com a mencionada forma.

Segundo Flanagan, também as espirais são eficientes e, se estudarmos os trabalhos de Lakhovsky, compreenderemos que deve ser assim, mas nós apenas efetuamos — embora já faça muito tempo — experiências com plantas seguindo as normas de Lakhovsky, e não as de Flanagan.

SEGUNDA PARTE

INVESTIGAÇÕES PARALELAS E PIRAMIDOLOGIA TEÓRICA

11

A ENERGIA UNIVERSAL

Na primeira parte deste livro, procuramos resumir mais de cinco anos de experiências com as formas geométricas, especialmente as piramidais. Os resultados obtidos nos fizeram admitir, não sem assombro, que o emprego de uma simples estrutura de cartolina permite influir sobre a matéria, seja esta orgânica ou inorgânica, além de também interferir nos processos vitais dos seres vivos.

Em vista disto, não duvidamos de que as pirâmides, cones e outras estruturas originem efeitos pouco habituais mas, evidentemente, não aceitamos que estas formas atuem por si mesmas. Possivelmente, a função de tais formas sejam apenas a de obstáculos colocados no caminho da propagação de energias, as quais são modificadas pela estrutura especial da forma usada, assim surgindo os efeitos que nos assombram. Também não acreditamos que sejam muito radicais as transformações sofridas pelas mencionadas energias; parece-nos, melhor, que são produzidos efeitos de modulação, enfoque, acumulação e reflexão, sem que haja uma alteração básica de sua natureza.

A idéia que acabamos de anunciar e que, logicamente, não passa de uma hipótese de trabalho, nos levou a tentar uma

aproximação às diversas energias conhecidas, tanto as admitidas por nossa cultura, como aquelas que não o são, Todas elas compreendem expressões distintas de uma força única a que poderíamos chamar de Energia Universal, mas da qual ainda nos faltam descobrir numerosas manifestações.

Por outro lado, se conseguirmos saber quais são as que atuam, poderemos utilizar melhor as maquetes e construí-las com os materiais adequados a cada caso e — o que ainda é mais importante — conhecer todo o seu campo de aplicações, que intuímos muito mais vasto do que imaginamos.

Neste capítulo, faremos um resumo daquelas energias que, em nossa opinião, poderiam ter alguma relação com a atividade da pirâmide.

Até o presente, a ciência admite quatro tipos de interações fundamentais na matéria ou, expresso de outro modo, quatro forças fundamentais, que deixam sentir sua influência em áreas denominadas "campos de força", cuja extensão depende da massa das partículas implicadas nas mesmas.

Esses campos são: nuclear forte, nuclear fraco, eletromagnético e gravitatório.

Os dois primeiros campos, os nucleares, são constituídos por partículas que possuem massa e, como o raio de ação ou campo de força é inversamente proporcional à massa das partículas, sua extensão não chega além da dimensão atômica. Têm ação seletiva, pois que atuam somente sobre aquelas partículas que possuem massa, mas não sobre as que possuem carga unicamente.

Se as partículas carecem de massa, a interação tem um alcance ilimitado, sendo isso o que acontece com as interações eletromagnéticas, as quais possuem polaridade, mas não massa. Da mesma forma, o campo gravitatório é também de alcance ilimitado, o que demonstra que suas partículas carecem de massa, mas assim como foi localizada a partícula fundamental do campo eletromagnético (o fóton), em troca ainda não o foi a partícula fundamental do campo gravitatório (o graviton).

Das quatro interações fundamentais, apenas a gravidade atua sobre a matéria, sendo sempre positiva e, como dissemos, de alcance ilimitado. Devido à sua ação, o Sol mantém a Terra em órbita; quanto à Lua, embora sujeita à Terra pela mencionada

força, exerce sobre nós uma série de influências, entre as quais é mais conhecido o fenômeno das marés.

Contra tudo quanto pareça demonstrar-nos a experiência diária, a gravidade é uma força de uma debilidade incrível: são necessárias quantidades fabulosas de matéria, os seis mil milhões de bilhões de toneladas (6×10^{21} de toneladas) da Terra, para produzir o modesto campo gravitatório em que vivemos, tão modesto que, se mantivermos no alto um pedaço de ferro, atraído por um mero ímã, estamos contrabalançando toda a força gravitatória da Terra sobre o dito pedaço de ferro.

Se a nós essa força parece grande, é apenas porque, como dissemos antes, não se lhe conhece massa e unicamente carga positiva, ou seja, uma única direção. Daí deriva a nossa impotência em dominá-la e em fugirmos a seus efeitos.

No campo eletromagnético, pelo contrário, existem partículas com cargas de dois sinais opostos, distribuídos de tal forma no campo de força que, praticamente, umas anulam as outras. Isto não significa que deixem de existir campos eletromagnéticos incrivelmente ativos, como os raios cósmicos, mas é devido à predominância esmagadora da carga de um sinal, frente à do outro.

De qualquer modo, a ação eletromagnética é fundamental para a existência da vida, posto que mantém o equilíbrio do átomo, agrupa-os entre si para formar as moléculas e, em geral, mantém e transforma os estados da matéria.

A maior parte da energia eletromagnética surge do Sol e das estrelas. A Terra recebe um bombardeio contínuo de ingentes quantidades de energia, ficando protegida desse ataque pela atmosfera e a magnetosfera. Essa proteção é tão eficiente, que a primeira rechaça mais de metade da dita energia, deixando apenas duas "janelas" pelas quais passam as radiações correspondentes à luz e às microondas; o resto é absorvido antes de atingir o solo.

Todo esse conjunto de radiações foi agrupado no que se chama espectro eletromagnético, reproduzido no quadro 6.

Os raios cósmicos são a mais poderosa de todas essas radiações, sendo praticamente constituídos por prótons que viajam a altíssima velocidade e que, ao se chocarem com as camadas exteriores da atmosfera, desintegram as moléculas de ar, criando outras partículas quase tão energéticas quanto eles

próprios, a chamada radiação secundária, parte da qual consegue atingir o solo. A maioria dos raios cósmicos origina-se das estrelas, mas outros são gerados pelo Sol, embora sendo de menor dureza, já que também é menor a sua velocidade.

Quadro 6. Espectro eletromagnético

Tipo de onda	Medição em centímetros
Aceleração linear de elétrons (Stanford)	$0,067 \times 10^{-13}$
Síncrotron de elétrons	4×10^{-13}
Raios gama	de 19×10^{-13} a 10^{-9}
Raios X	de 10^{-9} a 10^{-6}
Luz ultravioleta	de 10^{-6} a $3,9 \times 10^{-5}$
Limite de luz visível	$3,9 \times 10^{-5}$
Cor azul do vapor de mercúrio	$4,358 \times 10^{-5}$
Cor verde do vapor de mercúrio	$5,461 \times 10^{-5}$
Cor amarela do vapor de mercúrio	$5,770 \times 10^{-5}$
Luz vermelha do laser de hélio-néon	$6,328 \times 10^{-5}$
Limite de visib. do vermelho-escuro,	$7,600 \times 10^{-5}$
Infravermelho	de $7,6 \times 10^{-5}$ a 10^{-4}
Radiação superficial do Sol	10^{-4}
MICROONDAS	
Relógio elétrico de amoníaco	1,5
Radar	10
Linha do hidrogênio interestelar	21
ONDAS DE RÁDIO E TELEVISÃO	
TV-UHF	$3,7 \times 10$
TV-VHF	de $1,5 \times 10^2$ a $5,5 \times 10^2$
FM	de $2,8 \times 10^2$ a $3,4 \times 10^2$
Faixa de radioamador HF	de 10^3 a 10^4
Onda média MF	de 2×10^4 a 6×10^4
Frequência de áudio (rádio VLF)	de 10^6 a 10^9

Outra radiação, que nos é enviada pelo Sol, trata-se do chamado "vento solar", produzido pelas erupções solares e que consiste em uma nuvem de prótons que, quase em sua totalidade, são afastados pela magnetosfera da Terra. Os poucos que chegam às camadas superiores da atmosfera são os que dão lugar às auroras boreais e outros fenômenos similares.

A cada onze anos, aproximadamente, ocorre uma turbulência nas camadas externas do Sol, originando uma ampliação da coroa solar e, paralelamente, uma intensificação de torvelinhos escuros, chamados manchas solares. Ao mesmo tempo,

entretanto, acontece um incremento do campo magnético do Sol, o que proporciona um efeito de proteção para a Terra, pelo desvio dos raios cósmicos duros, com o que recebemos uma quantidade sensivelmente menor dos mesmos.

Não cremos que os raios cósmicos tenham muito a ver com os fenômenos da pirâmide, mas sim as turbulências solares pois, se não diretamente, suas conseqüências em todos os fenômenos eletromagnéticos terrestres são tão notáveis, que por toda parte podemos perceber o efeito do ciclo solar de onze anos.

Todo o resto do espectro eletromagnético tem uma influência indiscutível sobre os fenômenos vitais e, por ora, limitar-nos-emos a incluí-lo entre os fatores a serem considerados.

Não obstante, no dito espectro, apesar de seu nome, não encontramos em parte alguma outra energia que julguemos talvez a mais importante, em vista de sua ação sobre a pirâmide: o magnetismo. O fato é muito simples; o magnetismo não é mais que um campo de força, originado pela energia eletromagnética em movimento. Isto é, que todo campo elétrico, seja qual for ele, gera um campo magnético, apenas por seu movimento.

Por pertencer às interações eletromagnéticas, em todo campo magnético existem cargas dos dois sinais - positivo e negativo - que se concentram em dois pontos opostos, chamados pólos, formando linhas de fluxo energético e que circulam, primeiro pelo interior do corpo magnético, partindo de um pólo - o sul - ao outro pólo - o norte. Depois, saindo deste, passam para o exterior e tornam a penetrar pelo pólo sul. Essas linhas de fluxo formam os campos magnéticos interior e exterior do dito corpo.

A Terra, como todo corpo magnético, tem um comportamento idêntico ao que acabamos de descrever. Os problemas começam com a situação dos pólos magnéticos, que não coincidem com os geográficos e que, além disso, mudam de lugar. Atualmente, o pólo magnético (que em realidade é o sul) dista do norte geográfico uns 1.900 quilômetros.

Esse deslocamento entre o pólo geográfico e o magnético é causa de discussões entre os piramidólogos, quando se trata de orientar as maquetes. Na Espanha, isso não constitui problema, pois para nós o ângulo de deslocamento é insignificante; em

outras regiões da Terra, no entanto, essa diferença angular pode ser muito considerável.

Quanto aos campos de força, o exterior é a magnetosfera, já citada anteriormente, sendo o interior um campo sumamente complexo e submetido a diversas perturbações, cuja origem é muito variada; as mais destacadas são a ação do Sol, a da Lua e a das correntes elétricas que circulam pelas camadas superiores da atmosfera (a ionosfera). A combinação desses fatores produz certas variações cíclicas, contínuas e lentas do campo magnético terrestre, suscetíveis de medição.

Os físicos tentaram encontrar um campo unificado dentro do qual as quatro classes de interações entre partículas poderiam reduzir-se a uma apenas. Parece que isso foi conseguido recentemente mas, para tanto, foi preciso levar-se em conta a criação de novas partículas hipotéticas para a resolução de um problema transcendental: a simetria.

Já nos explicamos. Diz-se que a esfera é a figura geométrica perfeita, o que é verdade em física, pois a esfera oca é a única figura que não exerce nenhuma força resultante de tipo gravitatório, sobre as massas que nela se introduzam.

Do ponto de vista da física nuclear, existem dois tipos de simetria: global e local. Uma simetria global é aquela em que qualquer transformação ocorrente se aplica com uniformidade a todos os pontos do espaço. Em uma simetria local, cada ponto se transforma, independentemente dos demais.

Se fizermos girar a esfera oca — que damos como forma perfeita — sobre um eixo polar, todos os pontos da mesma efetuarão uma rotação com o mesmo ângulo e a esfera conservará sua forma. Teremos produzido uma simetria global.

Se, nessa mesma esfera, movermos cada ponto empurrando ou atraindo os pontos para novas posições na superfície, mas mantendo suas distâncias a um centro fixo, a esfera continua mantendo a forma — e em vista disto, a operação é uma operação de simetria — mas cada ponto se transforma, independentemente de seus vizinhos. Portanto, será uma simetria local.

Nesta última simetria, contudo, existe uma mudança importante: quando os pontos se movem independentemente, a membrana do globo se estira, desenvolvendo-se forças elásticas entre os pontos deslocados. A teoria geral da relatividade e a teoria de

Maxwell do eletromagnetismo baseiam-se nestas simetrias locais. Assim sendo, toda teoria que deva unificar as quatro forças deve possuir simetria global e local.

Para superar tal dificuldade, criou-se uma nova simetria, tão notável, inclusive em nível global, que recebeu o nome de supersimetria, e que engloba as anteriores. Ao mesmo tempo, foi também criado um conceito novo de supergravidade e elaborada a teoria da existência de uma nova partícula, que levaria o nome de gravitino.

Compreendemos que tudo quanto dissemos parece um tanto confuso e complicado, mas explicar detalhadamente e de maneira acessível, exigiria um espaço considerável e, além disso, profundos cálculos matemáticos. A nós, interessam de modo especial certas conclusões que julgamos transcendentais: em todas as teorias explicativas das interações entre partículas (isto é, de todos os fenômenos do Universo), por avançadas que sejam, existem sempre dois fatores constantes e imutáveis. Tais fatores são a velocidade máxima das partículas — que é a da luz — e a existência de uma coordenada irreversível — o tempo.

Portanto, segundo a física, nenhum fenômeno pode propagar-se a maior velocidade que 300.000 quilômetros por segundo, nem tampouco em um sentido de tempo inverso. Muito bem: existem os fenômenos paranormais, entre os quais situamos alguns dos produzidos na pirâmide, sendo que neles estas duas constantes não se mantêm, segundo veremos nos próximos capítulos.

Isto implica a existência de outro campo de forças, paralelo e independente do reconhecido pela física, mas que pode atuar sobre o mesmo e ser por ele afetado.

E, dadas as interações comprovadas entre este novo campo e o tradicional da física, também é forçoso aceitarmos que deve ser procurado um novo campo unificado, que englobe e explique ambos os campos, para assim ser compreendida a natureza da Energia Universal.

Como é lógico, o primeiro passo para conhecer-se essa energia parafísica deverá consistir no estudo de quais são suas características e que interações são produzidas entre os dois campos — físico e parafísico.

Com tudo isto, não pretendemos dizer nada novo ou que ainda não tenha sido dito com outras palavras; o que tentamos

fazer é dar a um conceito, a uma idéia, presente em todas as antigas filosofias e em algumas ciências paralelas, uma apresentação e enfoque mais concorde com os atuais conhecimentos, também procurando se existe algum sistema aceitável para a nossa ciência atual, que nos permite adentrar-nos em seu estudo.

Antes de comentar os estudos realizados sobre a Energia Universal, e à guisa de introdução dos mesmos, citaremos as palavras do Swami Vivekananda, sobre o nome mais antigo dessa energia: Prana.

"É Prana o que se manifesta como movimento, é Prana o que se manifesta como gravitação, como magnetismo. É Prana o que se manifesta nas ações do corpo como corrente nervosa, como força do pensamento. Do pensamento até a força física mais tosca, tudo não passa de manifestação de Prana."

Na tradição hindu, Prana confecciona o Universo e é a origem de todas as energias, da mesma forma que, na tradição taoísta Ch'i, o espírito vital é o espírito cósmico que vitaliza e penetra todas as coisas, dotando-as de vida. Assim, essas duas culturas orientais nos dão uma definição dessa energia universal, que coincide com as características da energia que se estuda no Ocidente, sob diversos nomes, dos quais talvez seja mais conhecido o de "orgone". Não obstante, acreditamos que nome é o menos importante. A energia é única, embora suas manifestações possam ser distintas, devido à distinta natureza de seus moduladores, sejam estes seres vivos ou formas geométricas.

Como parecem ter sido os seguidores de Wilhelm Reich os que centralizaram esforços na análise da energia em seu estado originário, anterior a qualquer modulação, dedicaremos o resto do capítulo a suas investigações, deixando para mais adiante o estudo da energia já modulada.

Trata-se de um fato a demonstração científica da existência do orgone. O Dr. Reich empregou métodos científicos, como contadores Geiger, sistemas eletroscópicos e outros instrumentos ao alcance de qualquer pessoa com formação científica. Empregou também aparelhos de sua invenção, entre os quais se destacam um detector visual do orgone atmosférico, um medidor de campo e um acumulador.

Tudo isso lhe serviu para detectar uma energia universal, viva, que não é elétrica e que possui uma poderosa afinidade

com os estados líquidos da matéria, em especial com a água. Uma energia que existe no espaço extraterrestre, concentrando-se como um envoltório ao redor da Terra, sobre a qual forma numerosas correntes diferenciadas, dentro do conjunto bioenergético que constitui nosso planeta.

Alguns investigadores chegaram a diferenciar um total de trinta e duas correntes, entre as quais destacam, como mais importante, uma corrente planetária que se move de oeste para leste, em uma velocidade ligeiramente superior à do planeta, e uma corrente galáctica, que flui de sudoeste para noroeste, com variações locais e estacionais.

Esta energia interaciona de forma oposta à das energias da física atual, passando dos estados de baixo potencial para os de mais elevado. Encontramo-nos ante uma entropia negativa ou neguentropia, na qual os corpos carregados atraem os de carga menor, extraindo-lhes essa carga, até alcançarem o limite de sua própria capacidade.

De toda esta descrição do orgone e de seus efeitos, interessamos destacar uma coincidência significativa. No capítulo 7, mencionávamos uma experiência de Schul e Pettit, na qual esses investigadores colocavam uma panela de alumínio no interior da pirâmide, a oeste de um pé de girassol, assim obtendo uma inibição temporária do efeito da pirâmide. O alumínio parecia deter (carregando-se) uma força vinda do oeste, uma força que se desloca na mesma direção que a corrente orgânica planetária.

A maior dificuldade no estudo do orgone reside, segundo T. J. Constable, o mais conhecido continuador da obra de Reich, em que, para ser possível uma investigação nesse campo, é preciso ter-se, entre outras qualidades, a de saber "sintonizar-se" com os processos vitais. Diríamos nós que se trata de algo similar ao necessário à produção dos fenômenos parapsicológicos.

Já vimos que a característica principal desta energia é a de ser uma energia viva ou, quando menos, portadora de vida; é por isso que a maioria de seus investigadores, como nós, a encontra em redor do campo bioenergético. Pelo mesmo motivo, dedicamos-lhe o capítulo seguinte, o qual poderíamos intitular "os moduladores vivos da energia universal". Entretanto, pareceu-nos mais simples denominá-lo "em busca da bioenergia".

12

EM BUSCA DA BIOENERGIA

Em julho de 1977, podíamos ler em um conhecido semanário que o jornalista Robert Toth (não confundir com Max Toth) havia sido detido pela KGB em Moscou. Era grave a acusação que pesava sobre o correspondente do *Los Angeles Times*: espionagem de segredos estatais. Toth foi posto em liberdade depois que os soviéticos ficaram com uma vintena de folhas, juntamente com gráficos e fotos, descrevendo diversas

experiências bioenergéticas. Essa documentação fora realizada pelo cientista Valery Petukov, diretor de um laboratório biofísico, controlado pelo Estado soviético.

Como vemos, na URSS acredita-se na bioenergia, a ponto de ser a mesma considerada um segredo de estado. Aliás, isso não deve deixar-nos admirados, porque a esmagadora evidência que a investigação nos fornece continuamente leva-nos a crer não apenas na existência de uma energia própria dos seres vivos, mas também na capacidade do ser humano para captar, em nível inconsciente, energias imensas, que pode modular e dirigir.

As investigações de Petukov parecem ter demonstrado a existência de partículas bioenergéticas, portadoras de informação

e suscetíveis de serem medidas, as quais justificariam a telepatia e demais fenômenos produzidos por uma energia diferente das até agora estudadas pela física. Essas partículas seriam produzidas no momento da divisão das células.

A existência dessa energia foi conformada por outras experiências, como as recentemente realizadas por Kusch, Rabi e Milman, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Através deles, ficou demonstrada, graças à ajuda de novos instrumentos, a existência de vibrações que se transmitem de molécula a molécula, transformando as células em receptores e transmissores de ondas que funcionam sem cessar.

Tais investigações são apenas uma parte das realizadas em torno da produção de energias pelas células, e não foi Petukov o único que comprovou a importância da mitose, o processo de divisão celular, nesta emissão de energias.

O pioneiro dessas investigações foi o soviético Alexander Gurvich que, já nos anos trinta, descobrira uma radiação à qual deu o nome de "mitogênica" porque se originava durante a mitose nas raízes de algumas plantas. Essa radiação, emitida também por seres humanos, seria similar à luz e mais potente que os raios ultravioleta que recebemos do Sol.

Na Rússia, foram prosseguidas as investigações de Gurvich, sendo suas descobertas ampliadas em duas direções. A primeira foi a dedicada ao estudo da influência que a radiação mitogênica exerce sobre os seres vivos.

Neste sentido, destacam os cientistas Kaznacheyev, Schurin e Mikhailova, de Novosibirsk, Sibéria, que, após efetuarem vários milhares de experiências, chegaram à conclusão de que as enfermidades são transmitidas por meio de uma radiação similar, apesar de não o serem aos raios ultravioleta. Verificaram que as células enfermas podem contagiar as sadias, embora se encontrem separadas por uma parede de quartzo. Como as células se transmitem informação continuamente, caso estejam enfermas, é muito importante evitar que essa informação seja recebida pelas células sadias. O mais curioso é comprovar que uma das substâncias químicas que os mencionados cientistas usaram com mais êxito na interferência dessa radiação nociva, foi o ácido acetilsalicílico, ou seja, a vulgar aspirina.

O segundo caminho empreendido pelos soviéticos foi o da análise da energia emitida no processo da mitose celular.

Mosolov e Kamenskaja comprovaram a existência de campos energéticos e oscilações ultra-sônicas, estas com frequências da ordem de 10^6 a 10^7 Hertz, formando parte da radiação nitogênica. Boris Tarusov, diretor de biofísica na Universidade de Moscou, afirma que a emissão de luz fria é comum a todos os seres vivos, não uma propriedade exclusiva de coleópteros, como o pirilampo. As observações evidenciam essa luminescência sob a forma da emissão de fótons, dentro de uma área de frequência que abrange desde a luz visível, até a ultravioleta.

Como se ainda fosse pouco, Tarusov descobriu a linguagem do mundo vegetal, afirmando que, por meio da modulação de sua luminescência, as plantas emitem sinais nos informando de suas necessidades e nos avisam sobre as enfermidades que as ameaçam em um futuro próximo.

Para alguns, nos Estados Unidos, a busca da bioenergia foi precedida pela criação de um modelo eletrônico, com o qual identificaram o organismo humano.

Assim, o Dr. George Crile considera que cada célula é como uma diminuta pilha elétrica, gerando a própria corrente por meios químicos e empregando o sistema nervoso como condutor.

Outros pesquisadores continuaram o trabalho de George Lakhovsky sobre a aplicação de correntes elétricas de baixa intensidade, na regeneração de tecidos humanos. Um deles, Robert D. Becker, comprovou que a aplicação dessas correntes contínuas de amperagem diminuta consegue acelerar a cura de fraturas, restaura os tecidos humanos e regenera as células. Becker acredita que a aplicação de um campo eletromagnético induz uma carga no núcleo que, ao elevar o nível energético da célula, intensifica sua vitalidade.

Finalmente, acreditamos que as conhecidas pesquisas de Cleve Backster com as plantas nos proporcionam a evidência de um nível de comunicação entre todos os seres vivos. Recordemos, principalmente, aquela experiência realizada sem a presença de seres humanos, em que as plantas reagiam violentamente, no momento da morte de camarões que se encontravam em um aposento distante.

Essa reação poderia justificar-se pela presença de uma rede de informação bioenergética que relacionasse toda a biosfera.

Após esta breve explanação sobre os estudos envolvendo a bioenergia, vemos como se chegou à descoberta dos biocampos.

O psiquiatra John Pierrakos talvez seja o cientista que soube dar a imagem gráfica do que é um biocampo; esta facilidade pode ser produto de sua capacidade de visão direta do fluxo bioenergético de seus pacientes, habilidade que lhe permitiu, após anos de observação, chegar às seguintes conclusões:

O latejar das energias internas do organismo se expressa fora do corpo como um biocampo que pode estender-se a uma distância de vários metros. Esse biocampo tem uma pulsação contínua, com uma frequência da ordem de 15 a 25 pulsações por minuto. As linhas de força formadas pelo biocampo adotam uma forma similar a um oito, com variações produzidas por seu estado de movimento contínuo. No biocampo, influem as condições atmosféricas e a polaridade das cargas existentes no ar que o rodeia.

Destas imagens, que nos permitem assimilar intuitivamente a idéia do biocampo, passaremos a uma investigação que já é famosa no campo científico. Referimo-nos à que foi iniciada há mais de quarenta anos por dois cientistas da Universidade do Yale, os Drs. Harold Saxton Burr e F.S.C. Northrop. Estes cientistas descobriram como todos os seres vivos conservam sua organização interna, apesar da renovação contínua das células.

A explicação reside em uma complexa organização de biocampos, dirigida por um campo mais amplo e global, a que deram o nome de "campo L". Este cobre o organismo como um envoltório, controlando-o por meio dos campos menores, emitidos pelos diferentes órgãos. O controle existe desde o nascimento (em realidade, desde a fecundação) até a morte, mantendo a forma característica de cada ser vivo, ao longo de toda a sua vida.

O campo L é algo mais que uma inteligente teoria; é passível de medição e com um aparelho muito pouco exótico: o milivoltímetro. Se quisermos medir o campo L em um ser humano, bastará aproximarmos um eletrodo do aparelho à testa do indivíduo e o outro à palma de sua mão. A medição obtida será a diferença de voltagem entre ambos os pontos do campo L. Observemos que não precisamos chegar ao contato dos

eletrodos com a pele, uma vez que estamos medindo um campo e não as correntes superficiais da epiderme.

Empregando tal sistema, o Dr. Ravitz obteve cinqüenta mil medições em quinhentos pacientes. O estudo desse material permitiu-lhe afirmar a existência de determinados ritmos, semelhantes aos conhecidos "biorritmos" e que, como estes, descreviam os altos e baixos físicos e mentais a que estão submetidos os seres humanos.

Tais experiências confirmaram a teoria já enunciada em 1948 por esse brilhante cientista, discípulo de Burr, pela qual ficava estabelecida que os estados mentais se refletem no campo L. Isto significa, simplesmente, que podemos ler os pensamentos com a ajuda de um voltímetro de alta precisão, podendo assim saber a relação existente entre nosso estado de ânimo e as energias que o biocampo possui.

Atualmente, os pesquisadores aceitam a influência dos fatores meteorológicos sobre os ritmos do campo L, com o que voltamos a enfrentar a realidade de nossa conexão com o cosmos. Por outro lado, os resultados obtidos por Burr na medição dos campos L de árvores conduzem forçosamente a esta conclusão. Durante anos, Burr manteve várias árvores ligadas a voltímetros, e o estudo estatístico do material resultante das medições demonstrou a influência do Sol, da Lua e da atividade geomagnética sobre o potencial das árvores. Tanto as manchas solares como a gravitação lunar influíram nos campos L, com o que se pôde afirmar, categoricamente, a sujeição do mundo vegetal às forças do Universo.

A imagem sugerida pelo conjunto destas investigações já pertence ao inconsciente coletivo, sendo a do homem taoísta, de pés firmemente plantados no chão e a cabeça voltada para o céu, atuando como ponte de união entre as energias celestes e as telúricas. Talvez, o cientista de hoje esteja funcionando apenas como tradutor de conhecimentos que sempre existiram, mas expressos de forma diferente.

Pensem, por exemplo, rio iogue captando a energia cósmica por meio do pranaiama e, em seguida, vejamos o que opina Viktor M. Inyushin, sobre a obtenção de bioplasma pelo ser humano: "As partículas do bioplasma são produzidas continuamente pela ação de processos químicos no interior das

células, *mas também existe um processo de absorção das cargas do meio ambiente, através dos pulmões.*"

Inyushin é diretor do laboratório de biofísica da Universidade de Kazakh, na URSS. Nessas instituições, ele colaborou durante vários anos com o famoso casal Kirlian. Talvez, sua contribuição mais interessante seja a do bioplasma, biocampo formado por partículas subatômicas.

Embora reconheça a existência de outros biocampos, ele considera que se encontram estruturados pelo bioplasma, por ser este o mais estável de todos eles. Também é sua crença que essa estabilidade seja proporcionada pelo número equivalente de cargas de origem contrária.

Para continuarmos com imagens familiares aos conhecedores do ioga, diremos que Inyushin afirma existir uma concentração da atividade bioplásmica na coluna vertebral e no cérebro, sendo neste último dez vezes mais intensa que na pele ou nos músculos. Da mesma forma, a atividade é mais intensa na área do plexo solar (recordemos os chakras!) e, para satisfazer também aos praticantes das ciências ocultas, existe uma emissão de cargas concentradas nas pontas dos dedos e nos olhos.

Neste resumo, não devemos esquecer o casal Kirlian, os criadores da câmara que leva seu nome, mediante a qual é possível fotografar-se a aura ou biocampo de todos os seres. Deixando de lado as atuais controvérsias quanto ao que é fotografado ser a aura ou apenas o chamado efeito corona (o que podemos aceitar no caso dos corpos inorgânicos, cuja radiação é estável na fotografia Kirlian), não acreditamos que reste a menor dúvida de que sejam devidas exclusivamente ao biocampo as variações contínuas no tamanho e cor que ditam fotografias, estejam elas mostrando realmente a aura ou apenas as modificações que o citado biocampo exerce no efeito corona.

Alexander P. Duvrov, biofísico da Academia de Ciências da URSS, acredita na existência de um campo que, por sua capacidade de manifestar-se sob a forma de qualquer tipo de campo energético, pode assimilar-se a um campo unificado. Recordemos que uma teoria do campo unificado que justifique a existência de uma transição entre os campos energéticos físicos conhecidos foi o pesadelo de todos os físicos atuais, e apenas no momento presente se julga tê-lo resolvido. Duvrov

afirma tão-somente a realidade deste campo unificado no nível dos seres vivos, mas a conformação a nível microcósmico seria o primeiro passo para a ratificação da existência de um super-campo que os englobasse a todos, físico e biológico, em um nível macrocósmico.

Este campo biológico unificado de Duvrov originar-se-ia no ser vivo, como consequência das modificações na estrutura das proteínas, as quais produziram alterações na natureza dos espaços submoleculares, originando-se assim um estado oscilatório de alta frequência.

Por suas características, afins à matéria viva em certas ocasiões e, em outras circunstâncias, ao campo gravitatório, este campo foi denominado "biogravitatório". Duvrov acredita que o organismo seja capaz de receber e transmitir as ondas biogravitatórias a distâncias consideráveis, assim produzindo todos os fenômenos estudados pela psicotrônica (Da mesma forma, existiria uma capacidade para dirigir e enfocar essa energia que, inclusive, poderia transformar em matéria a energia de outro campo. Isso explicaria as de Kevran sobre a transmutação de elementos químicos pelos seres vivos.

A esta qualidade, poderíamos acrescentar a possibilidade do campo biogravitatório de continuar existindo com independência do organismo que o gerou, o que também seria uma explicação do efeito Delpasse.

O efeito Delpasse é a demonstração experimental da existência de uma energia psíquica — ou biocampo - que, após um processo impossível de ser sintetizado nestas linhas, é capaz de atuar no campo físico, inclusive depois da morte clínica. No caso concreto de Delpasse, uma pessoa já morta por meia hora seria capaz de ligar um televisor (tenha-se em conta que o cérebro começa a decompor-se dez minutos após a morte clínica).

Voltando a Duvrov, diremos que a dupla polaridade de seu campo cria fenômenos de atração e repulsão, suscetíveis de provocar fenômenos de tipo antigravitatório, de maneira que sua existência poderia justificar todos aqueles fenômenos para-normais capazes de atuar sobre a matéria, como a telecinesia, até agora inexplicáveis.

Acreditamos que este breve resumo nos tenha fornecido dados suficientes para que possamos erigir uma espécie de retrato ou modelo da bioenergia, o qual poderia ser o seguinte:

No momento da divisão celular, são criados certos estados oscilatórios de alta frequência, que produzem a bioenergia. Esta pode manifestar-se sob a forma de fótons criadores de luminescência, por meio de radiações de frequência similar à dos raios ultravioleta — ou como ultra-sons ou correntes elétricas - mas todas estas manifestações são apenas apresentações diferentes de uma única energia.

Esta energia existe também distribuída universalmente e acompanha os fenômenos eletromagnéticos, de modo que pode muitas vezes ser confundida com os mesmos, porém é inteiramente diversa, sendo capaz de ser captada pelos seres vivos e por determinadas estruturas geométricas e certas combinações de materiais.

Tal força interior ao organismo exerce sua atividade em uma área a que se chama de biocampo, o qual é formado por vários campos menores, emitidos pelos distintos órgãos do ser vivo. Os campos menores são estruturados por outro campo mais estável, suscetível de ser medido e, inclusive, fotografado.

O biocampo pode estender-se sem limites, entrando em contato com outros biocampos, com os quais intercambia informações que, em alguns casos, podem representar um perigo e, em outros, uma ajuda para o receptor das mesmas.

Existe uma inter-relação entre o biocampo e outros campos energéticos, sendo de destacar a influência que os campos cósmicos e telúricos exercem sobre o mesmo, assim como a influência que este biocampo pode exercer sobre a matéria inerte. Uma consequência destas influências é a possibilidade de ser reforçado o biocampo, melhorando assim o estado físico do organismo, com o emprego de campos de alta frequência e baixa intensidade.

Tal capacidade do organismo em controlar e dirigir seu biocampo, exercendo desta forma uma influência, não apenas sobre os outros seres vivos, mas também sobre a matéria inanimada, merece um capítulo à parte.

13

A BIOENERGIA EM AÇÃO

Quando trabalhamos com a pirâmide, talvez o fenômeno mais irritante seja a irregularidade dos resultados obtidos. Estes nem sempre são os mesmos, embora a experiência seja repetida de forma idêntica ou realizada simultaneamente por duas pessoas. Por vezes, nem mesmo conseguimos resultados.

Certos investigadores justificaram tal comportamento caprichoso das formas geométricas, acrescentando a incidência de fatores meteorológicos e de variações de campos energéticos, cósmicos e telúricos. Não obstante, esta interpretação nos parece demasiado simplista e preferimos substituí-la por outra, na qual as forças cósmicas e telúricas sejam uma das variáveis a considerar na experiência, tendo o próprio pesquisador como variável principal. Essa hipótese nos permite compreender como duas investigações iguais e simultâneas podem fornecer resultados diferentes: a resposta a tal contradição aparente residiria no único fator distinto em ambas as provas, isto é, o homem.

Recordemos que as famosas experiências de Backster foram repetidas com sucesso por cientistas como o Dr. Marcel Vogel ou o Dr. V.M. Puskin e, no entanto, na convenção celebrada pela Associação Americana para o Progresso das Ciências, em

1974, foi apresentado um informe negativo, a respeito da pretensão de serem repetidas essas provas. Deveríamos supor que as plantas se negaram a colaborar? Preferimos acreditar que a resposta se encontre nos trabalhos realizados sobre a PES por Schmeidler e McConnell, em 1958, quando, ao separarem os pacientes em grupos de "crentes" e "incrédulos", verificaram que os primeiros obtinham mais e melhores resultados que os segundos. Explicando de outro modo, a atitude emocional do indivíduo, sua crença na existência da PES, era fundamental para o sucesso da prova; quase tanto como as faculdades inatas desse paciente.

Entretanto, antes de nos estendermos sobre o tema das emoções e a influência da bioenergia sobre a pirâmide, tentaremos diferenciar as diversas zonas abarcadas pelo campo da parapsicologia — ou psicotrônica, como os tchecos preferem chamá-la.

A investigação de todas as interações em que está a bioenergia é, sem dúvida, uma tentativa árdua e sobretudo polêmica, caso queiramos deslindar o conjunto de fenômenos em campos distintos. Em sua maioria, os investigadores acabaram coincidindo em separar os fatos paranormais em duas áreas, segundo sejam produzidos processos de informação ou ações energéticas. Os cientistas ocidentais passaram a chamar o conjunto dos primeiros de PES e o conjunto dos segundos de PK. Por seu turno, os russos preferiram um enfoque biofísico e nos falam de bioinformação e bioenergética.

Existe, ainda, um terceiro campo de estudo, não admitido por todos os ocidentais e, pelo menos oficialmente, proibido aos comunistas. Estamos falando da supervivência, com toda a sua gama de visões no momento da morte, experiências extracorpóreas, aparições, etc., o que justificaria uma continuação da existência consciente, após o fim do corpo material.

Destas três áreas, parece-nos difícil aceitar uma interação de tipo informativo com um objeto inanimado como a pirâmide (apesar do precedente contrário da psicomетria), de modo que prescindiremos da percepção extra-sensorial, como fator de influência sobre as formas geométricas. No tocante à intervenção de entes que existam além da morte, parece-nos fora de lugar, porque, mesmo considerando-se a possibilidade de super-

vivência - ou sobrevivência — tal fato seria exclusivamente um caso particular da bioenergética.

Assim sendo, resta-nos apenas a bioenergética ou um processo misto de informação e bioenergética, como responsável pela influência do homem sobre as forças geométricas.

Neste tipo de fenômenos, o sujeito (paciente) parece ter a capacidade de captar forças exteriores a si mesmo, modulando-as quando elas o atravessam, para em seguida dirigi-las e focalizá-las, aplicando-as no local desejado e no momento escolhido.

Toda esta hipótese tem uma lógica própria. A alusão a forças superiores (e, portanto, exteriores) não se baseia unicamente nas próprias palavras dos dotados: "sou apenas um canal, através do qual flui a energia", "não sou eu quem cura; não passo de um instrumento do poder divino". Recordemos o Congresso Mundial de Parapsicologia, celebrado em Barcelona, durante o mês de novembro de 1977. Uma das palestras, a do Professor J. B. Hasted, da Universidade de Edimburgo, citava pressões de até cinco toneladas, exercidas por um menino, para dobrar metais. Parece altamente improvável que o organismo consiga abrigar tais energias, de maneira que o fato de poder captá-las ou acumulá-las do exterior nos parece muito mais viável.

A idéia da modulação deve ser necessária, pois a força empregada para curar não pode ser, necessariamente, idêntica à que é aplicada no deslocamento de um objeto. E quanto à capacidade de enfoque no espaço e no tempo, as façanhas de Nina Kulagina ou Alla Vinogradova são sobejamente conhecidas por todos os interessados.

Este esquema da atuação do sujeito com capacidade bioenergética parece-nos surpreendentemente paralelo à atuação da pirâmide que, segundo vimos, também capta, modula e enfoca energias exteriores. O paralelismo continua quando estudamos os efeitos que, tanto os dotados, como a pirâmide, são capazes de conseguir.

Destes efeitos, conhecemos diversas classificações. Nós mesmos esboçamos uma, do ponto de vista do consumo de bioenergia necessário para a sua produção.

No quadro seguinte, incluímos os fenômenos de informação com os bioenergéticos, distribuindo-os segundo é intensificado o consumo de energia.

A. Fenômenos de informação

São aqueles em que se realiza um intercâmbio de informação com a biosfera, em diversos níveis.

Clarividência

Telepatia

Psicometria

Retrocognição

Precognição

Etc.

B. Fenômenos mistos de informação e *bioenergia*

São aqueles em que, além de informação, é ministrada a energia que atua sobre um organismo vivo, geralmente para curar ou destruir.

Influência sobre vegetais e microrganismos

Terapia psíquica

Cirurgia psíquica

Etc.

C. Fenômenos *bioenergéticos*

De movimento: fenômenos através dos quais são alteradas situações de repouso ou equilíbrio.

Telecinesia

Levitação

Etc.

De transformação: fenômenos através dos quais é modificada a essência ou forma da matéria.

Deformação ou ruptura de metais

Gravação de sinais ou imagens

Combustões espontâneas

Etc.

Poltergeist: fenômenos inconscientes de movimento e transformação, coexistentes em uma área determinada.

Desta ordenação bastante rudimentar, selecionamos diversos resultados conseguidos por dotados que, em geral, casos similares, conseguidos por meio da pirâmide. Cita remos, concretamente, efeitos de mumificação, ação sobre seres microscópicos e vegetais, terapia psíquica e, finalmente,

quase como uma demonstração da influência do ser humano sobre as formas geométricas, comentaremos os geradores de Pavlita.

Acreditamos que esta comparação entre bioenergética e ação da pirâmide pode servir-nos também de pauta para melhorar e ampliar nossos métodos de trabalho com as formas geométricas, permitindo-nos elaborar novas e mais interessantes **de trabalho**.

Mumificação. Recuaremos no tempo até 1913, para citar um caso, algo macabro, ocorrido na França. A instância de seu colega o Dr. Socquet, o Dr. Durville dedicou-se a magnetizar (então, era desta forma que se denominava a transferência de energia) uma mão de cadáver. Levou dois meses na a qual permaneceu sob o controle contínuo de uma comissão de médicos e metapsíquicos (parapsicólogos). O resultado foi um êxito, tanto que (e aqui aparece a nota macabra) o Dr. Durville usou, posteriormente, a mão mumificada como peso de papéis em sua mesa de trabalho.

Esta não foi a primeira experiência registrada no vizinho país gaulês, pois no ano anterior aparecera nos Anais da Ciência Física uma relação das experiências efetuadas pelo Dr. Gustavo Geley, com uma dama incógnita de Bordéus, a qual mumificava pequenos animais mortos por um sistema similar.

Microorganismos. Voltando à atualidade, citaremos de novo o Congresso Mundial de Parapsicologia de Barcelona, em que o Dr. Linares de Mula expôs o influxo exercido pelo ser humano sobre um determinado tipo de gérmen. O Professor Rovatti atuou mentalmente sobre os microorganismos e, em determinados casos, conseguiu aumentar o crescimento em 32 por cento, enquanto que em outros o diminuía de modo similar.

Segundo palavras do Dr. Linares de Mula, empregando-se técnicas bacteriológicas, poder-se-ia esperar uma dispersão de 8 por cento, mais ou menos. Em vista disto, acreditamos que se conseguiu demonstrar, na Espanha, a faculdade do ser humano para transmitir sua bioenergia a outros seres vivos. Da mesma forma, cremos que, com esta prova, ficou confirmada a existência do nível de comunicação entre os distintos elementos da biosfera, por nós comentado no capítulo anterior.

Vegetais. Em relação às plantas, e após a publicação do livro de Peter Tomkins e Christopher Bird, *A Vida Secreta das Plantas*, consideramos que o leitor já deve conhecer alheias suficientes, motivo pelo qual preferimos propor-lhe uma prova em que terá possibilidade de averiguar o estado de desenvolvimento de sua capacidade bioenergética.

Adquira dois vasos da mesma capacidade e modelo, bem como um saco de terra. Misture bem a terra e encha os dois vasos por igual, colocando-os de maneira a que recebam a mesma quantidade de luz, ar e calor, embora separados um do outro. Escolha um punhado de feijões, misture-os bem e em dois grupos iguais. Plante um deles. Antes de plantar o outro, mantenha-o em sua mão fechada e concentre-se, procurando pensar apenas em uma coisa: transmitir-lhe energia. Plante-o em seguida e marque o vaso, para diferenciá-lo do anterior.

Regue os dois vasos diariamente, à mesma hora, com igual quantidade de água, medida com exatidão e de uma só procedência. Após a rega, dedique um mínimo de dez minutos todos os dias, mas sem passar dos vinte, para pensar nas sementes de vaso marcado. Visualize-as como crescem e se desenvolvem, cheias de vitalidade; acaricie-as com amor. Não pense nas outras para nada, limitando-se a dar-lhes o cuidado habitual.

Quando as plantinhas brotarem, anote a data de cada uma e, no momento em que considerá-las de tamanho suficiente, dê a experiência por encerrada, medindo-as em milímetros. Se possível, faça uma série fotográfica de ambas.

Acreditamos que esta experiência simples, não levando mais que quinze dias ou três semanas, bastará para que possa comprovar a grande eficácia da ação bioenergética.

Caso nada disso aconteça, não desanime; revise todos os passos cuidadosamente, pois pode ter cometido erros. Se tudo estiver em ordem, é possível que, no momento, esteja atravessando uma fase de baixa capacidade de energia ou talvez ainda não tenha desenvolvido suas possibilidades bioenergéticas.

Terapia psíquica. Sob esta denominação, agrupam-se as atuações de tipo benéfico, exercidas por um organismo sobre outro. A representação mais conhecida do protagonista destas atuações é a figura do curandeiro, imagem popular do emissor

bioenergético, com sua terapêutica de passes magnéticos e imposição de mãos.

A ação curativa, indubitável em certas ocasiões, foi justificada de muitas formas. Entre outras, recordemos a exposta por Brian Josephson, na conferência sobre PK, celebrada no Canadá, no ano de 1974. Para ele, a explicação se centralizaria na ação exercida sobre as enzimas do paciente.

Atravemos-nos a opinar que esta explicação, como todas as que se situam a um nível biológico tradicional, se limita a definir parte das reações ulteriores do organismo, com o afluxo de informação e energia proporcionado pelo curador. Se este for um indivíduo realmente dotado, seus passes magnéticos cumprirão a função de restabelecer o equilíbrio bioenergético do doente, de forma similar à acupuntura, porém menos direta. Esses movimentos, que se iniciam na cabeça e continuam em direção à zona afetada, seguirão as rotas nervosas que unem ambas as partes. Os movimentos continuados em velocidade medida, proporcionariam um afluxo contínuo de energia ao paciente, administrando-lhe também a informação necessária para despertar os centros adequados do cérebro. Estes enviarão os sinais de aviso correspondentes à zona enferma, para que esta pudesse efetuar os reparos necessários.

Encontramos-nos, assim, ante um fenômeno de fornecimento de energia, mais o de informação em nível de biocampo. Com eles, uma pessoa possuindo as qualidades adequadas e a suficiente preparação poderia ajudar qualquer organismo vivo na recuperação da saúde.

Se considerarmos válida a hipótese anterior, temos que considerar a possibilidade de que a pirâmide possa captar algum tipo de informação que seja benéfico ao enfermo que a utilizar. A nós, parece mais prudente crer em uma função de simples fornecimento de energia, o que parece confirmado por nossas limitadas experiências nesse campo.

Graças a tal fornecimento, poderíamos empregar esta forma geométrica para a cura de doenças menores, de tensão ou enfermidade psicossomáticas. Temos notado que os melhores resultados são sempre obtidos quando a pessoa que a emprega é de tipo emocional (sempre as emoções!), o que nos leva a perguntar-nos até que ponto este instrumento seria eficaz, se manejado por um curandeiro entendido no assunto.

Geradores psicotrônicos. O funcionamento destes instrumentos é um fenômeno cuja interpretação suscitou inúmeras polêmicas. Estaremos ante uma simples ação bioenergética ou interferem outros fatores desconhecidos? Em se tratando de fenômeno bioenergético, seria fácil a classificação, e poderíamos colocá-lo sob a epígrafe "C" de nossa classificação. De fato, parece ocorrer uma sutil transformação, em que a matéria de que se constitui o gerador passa de um estado energético passivo a uma situação de acumulação ativa de energia. A pessoa sintonizada com o instrumento pode utilizar a carga quando, como e onde lhe interesse, inclusive a distância de centenas de quilômetros.

Entretanto, caso existam outros fatores, o assunto se torna mais complexo, principalmente por ser praticamente impossível a realização de experiências com os geradores.

A história de tais aparelhos encontra-se envolta em um mistério intensificado pela figura enigmática de seu criador, Robert Pavlita, mais semelhante à de um adepto alquimista, que à de um cientista atual. Desde afirmar que a idéia dos geradores surgiu de seus estudos de alquimia, até negar-se a comunicar o segredo de seu funcionamento, Pavlita fez todo o possível para irritar os cientistas.

Não obstante, parece existir uma razão para todo esse mistério: os geradores podem tornar-se instrumentos muito perigosos. Seu criador sabe disso pois, em 1974, contou ao conhecido cientista Stanley Krippner a angústia sofrida durante os três dias que empregou na invenção de um novo gerador, necessário para poder reviver o braço de sua filha, paralisado em decorrência de uma experiência anterior.

Tal relato nos traz à mente a ação mágica do *dorje* tibetano. Entretanto, as pessoas que se interessam pelo trabalho de Pavlita são cientistas e engenheiros em sua maior parte, geralmente pouco dados a especulações com o oculto. Portanto, podemos deduzir que tais geradores devem funcionar por meios relativamente ao alcance de todos.

Uma leitura atenta da escassa informação proporcionada por seu autor parece revelar-nos várias chaves desse funcionamento.

A forma geométrica tem uma importância primordial. São mencionados cones, cilindros, retângulos e outras figuras. O

material de construção também é importante, mas sempre em relação com a forma. O elemento formado por uma geometria adequada e de determinado material tem relação com uma área concreta do corpo humano e que, segundo o autor, emite uma energia específica. O instrumento assim carregado servirá apenas para alguns fins limitados.

Desta maneira, são obtidos até sessenta e oito aparelhos distintos, os quais correspondem a outros tantos centros emissores do organismo.

Quando se quer ativar um gerador, é bastante realizar-se uma operação simples, como colocá-la em contato, ritmicamente, com uma zona da cabeça.

Portanto, poderíamos dizer que existe uma capacidade bioenergética de acumulação em determinadas combinações de forma e matéria, além de um sistema de utilizar esta energia para fins diversos. Alguns de tais fins são altamente discutíveis, como a afirmativa de ser possível obrigar-se o ser humano a efetuar determinados movimentos. Outros, no entanto, foram amplamente comprovados e compreendem fenômenos diversos, entre eles a psicocinesia.

Não obstante, e mesmo aceitando-se a realidade desses fenômenos, achamos difícil classificá-los como processos unicamente bioenergéticos. Cremos que se impõe uma investigação mais ampla, que poderia ser realizada, apesar do segredo em que Pavlita se envolve.

A resposta está no passado: em 1910, o Sr. de Tromelin apresentou, no Congresso Experimental de Psicologia francês, um aparelho idêntico ao agora chamado Rotor Ripoff (ver apêndice 5), bem como toda uma série de aparelhos do mesmo tipo, que nos recordam extraordinariamente os geradores de Pavlita. É bem possível que, nesses investigadores de princípio de século, encontremos a resposta às incógnitas de tipo psicocinético, apresentadas pelos geradores psicotrônicos.

Por outro lado, é difícil saber se esses instrumentos estão carregados de bioenergia; nós avançaríamos a hipótese de que foram ligados, de alguma forma, à energia universal. Isto justificaria a capacidade atribuída por seu criador, qual seja a de manterem sua carga indefinidamente. A operação que efetuariam, em realidade, seria a de captar energia do meio ambiente, sempre que lhes fosse proporcionado um estímulo energético.

Assim, através da forma, a bioenergia atrairia energia do meio e a projetaria segundo a pauta imposta pelo operador.

Talvez seja também este o segredo do funcionamento da pirâmide. A maquete atua como uma antena que capta energia, quando o investigador lhe administra um estímulo inconsciente. Isto justificaria a irregularidade do funcionamento, que comentávamos no início do capítulo.

A primeira conclusão levantada por esta hipótese é muito interessante, a nosso ver: é preciso que se aprenda a manejar a pirâmide. Esse aprendizado, segundo nos parece, tem que ser muito similar a qualquer tipo de treinamento para desenvolvimento da capacidade bioenergética.

Aceitemos ou não tal hipótese, julgamos existirem elementos suficientes de julgamento para podermos afirmar a realidade da influência do investigador sobre as formas geométricas.

14

O MODELO CÓSMICO: PAI CÉU

Nos capítulos anteriores, esboçamos a hipótese de que algumas formas geométricas servem como antenas receptoras de energias específicas. Sabemos até que ponto a recepção correta em uma antena depende da correspondência adequada entre suas medidas e o tipo de energia que ela deverá captar; conhecemos também a existência de uma energia, da qual devemos selecionar apenas determinadas manifestações. No entanto, como ainda não dispomos de aparelhos capazes de medir essas manifestações, não podemos determinar as medidas necessárias para nossas maquetes; temos que nos limitar a copiar os modelos nos quais ficou comprovada a produção de efeitos paranormais.

Embora nossas imitações, construídas em escala, também consigam resultados, não nos parece uma atitude muito científica permanecermos conformados com essa atividade mecânica e consideramos que deveríamos escolher um campo de investigação que nos permitisse deduzir um conjunto de leis gerais. Assim, seria possível passarmos de uma mera reprodução mecânica à citação de novas formas geométricas que pudessem captar

as forças que desejamos ou, pelo menos, saber, com certeza, por que funcionam as já conhecidas.

Entretanto, é que, além disso, consideramos já existente esse campo de investigação, o qual seria precisamente o constituído pelo conjunto daquelas formas que nos servem de modelos. Indubitavelmente, são eles muito diversos, desde objetos de culto a construções sagradas, mas apenas estas últimas atraíram a atenção maciça dos pesquisadores, uma atenção que se refletiu em centenas de obras, muitas delas altamente discutíveis, outras conseqüentes o bastante para nos ajudarem a encontrar a solução de nosso problema.

Todos os estudos efetuados coincidem em assinalar a capacidade da construção sagrada para atuar como traço de união entre determinadas forças celestes e telúricas. Situados na zona de confluência dessas forças, o ser humano sofreria uma transformação que o tornaria um ser diferente.

Não obstante, os autores diferem em como se conseguiu alcançar os níveis de controle energético manifestado na Grande Pirâmide ou nas catedrais góticas. Por nosso turno, chegamos à conclusão de que se poderia elaborar um modelo teórico de tal processo, independentemente do fato de que o dito processo se tenha realizado dentro de nossa proto-história ou em civilização muito mais antiga. Tudo seria uma questão de tempo, não de processo.

Na confecção deste modelo, tentamos incluir todos aqueles elementos capazes de integrar-se em uma unidade lógica e obtivemos o seguinte resultado:

Hoje existem - e cremos que sempre existiram — seres humanos capazes de perceber as correntes telúricas, sem o auxílio de instrumentos. Alguns desses homens compreenderam que tal força é sempre mais intensa perto de enormes de fontes ou de correntes subterrâneas, na maioria das vezes, havendo uma conjunção de ambas as circunstâncias; em tais locais, a vegetação é mais exuberante e pode-se uma estranha sensação de força e bem-estar.

Compreendendo a influência dessas forças sobre os ritmos vitais, eles buscaram a maneira de dominá-las ou canalizá-las mas, durante a busca, perceberam grandes variações de fluxo energético, o que os fez compreender que as ditas variações

correspondem a ciclos dos astros de observação mais fácil, isto é, o Sol e a Lua.

Construíram, então, observatórios sobre esses centros telúricos e, mediante a observação do tempo transcorrido entre um máximo de fluxo energético e o seguinte, bem como de suas flutuações, aprenderam que eles se correspondem com os movimentos daqueles dois astros e também com os de outros, como Vênus e Júpiter.

A experiência lhes ensinou que determinadas rochas intensificavam essa relação entre os poderes do Céu e da Terra. Então, fizeram construções orientadas de acordo com a existência desses poderes.

Finalmente, e após aprenderem também a importância da forma, eles ergueram edificações segundo as proporções geométricas da arquitetura sagrada, desta forma conseguindo selecionar as energias necessárias à melhor modulação da força telúrica.

Embora não apoiando necessariamente tal processo, pensamos que possa ser útil, para fornecer-nos uma idéia da existência de energias benéficas ao ser humano, bem como para fazer-nos ver como tais energias podem ser convocadas, através de formas construídas de acordo com medidas determinadas.

Acreditamos que nesta polaridade, energia-forma, reside o segredo de todos os fenômenos produzidos por nossas maquetes. Não obstante, vimos também que esse segredo se encontra nas obras realizadas pelos arquitetos sagrados.

A forma de desvendá-lo seria, portanto, tentando colocá-los no lugar daqueles homens geniais, para assim descobrirmos as forças que nos influenciam e tentarmos compreender o sistema que eles empregaram para dominá-las.

Movidos por tal intenção, pensamos em partilhar com o leitor, ao longo do restante desta segunda parte, uma série de respostas às incógnitas que estivemos debatendo. Esperamos que tais respostas possam ser úteis a todos nós, valendo como ponto de partida para uma pesquisa, cujo final talvez seja o livre acesso às energias infinitas do Universo.

A INFLUÊNCIA DO SOL

Faz alguns anos, o Dr. Anatoli Podshibyakin, do Instituto de Fisiologia Clínica de Kiev, descobriu uma relação entre as manchas solares e os ritmos elétricos da pele.

Segundo parece, no momento em que ocorre uma erupção solar, modifica-se o potencial elétrico nos pontos de O mais interessante, contudo, não é apenas que se tenha estabelecido uma conexão entre os dois fenômenos, mas também que a modificação de potencial ocorra ao mesmo tempo que o torvelinho solar, embora as partículas carregadas ainda demorem horas para chegar à Terra.

Isto parece indicar-nos que o Sol atua sobre nós através de uma energia diferente da eletromagnética e, além disso, que essa energia se desloca a uma velocidade superior à da luz (à velocidade da luz, os efeitos levariam oito minutos para chegar até nós).

A investigação sobre as manchas solares alcançou uma importância singular, a partir dos trabalhos efetuados pelo Dr. John Eddy, do Observatório de Boulder, nos Estados Unidos. Esses trabalhos foram publicados em fins de 1977, nos famosos informes da Smithsonian Institution.

O Dr. Eddy utilizou para seu estudo da atividade solar uma ampliação do sistema da dendrocronologia, consistente na análise das quantidades de carbono 14 depositados nos anéis anuais das árvores.

Como pudemos ver no capítulo dedicado às energias, o incremento das manchas solares desvia os raios cósmicos, motivo pelo qual estes chegam à Terra em muito menor quantidade. Essa diminuição dos raios cósmicos é concomitante a uma diminuição na existência do carbono 14. Portanto, o anel formado na árvore este ano conterá uma quantia menor daquele elemento radiativo. Sabedor dessa inter-relação, o pesquisador se limitará a cortar árvores com idade suficiente para abarcar um período de tempo o mais dilatado possível.

Assim fez o Dr. Eddy, obtendo um mapa da atividade solar que cobria um lapso de 5.000 anos, graças ao sacrifício de vários pinheiros gigantes das Montanhas Rochosas (figura 9).

Desta forma, ela conseguiu identificar doze períodos de manchas solares, seis dos quais eram de atividade mínima e

que, curiosamente, coincidiam com fases de extremo resfriamento do clima. Assim, foi-lhe possível estabelecer uma relação entre a atividade solar e o clima.

Quanto às etapas de atividade máxima, as cinco mais intensas são dignas de nota. Elas concordam com os momentos de maior retrocesso dos glaciais, isto é, com épocas de elevação máxima das águas marinhas. Concordam, além disso, com cinco eras que foram decisivas para a civilização ocidental: Sumer, a Grande Pirâmide, Stonehenge, o Império Romano e as cruzadas, com as catedrais góticas.

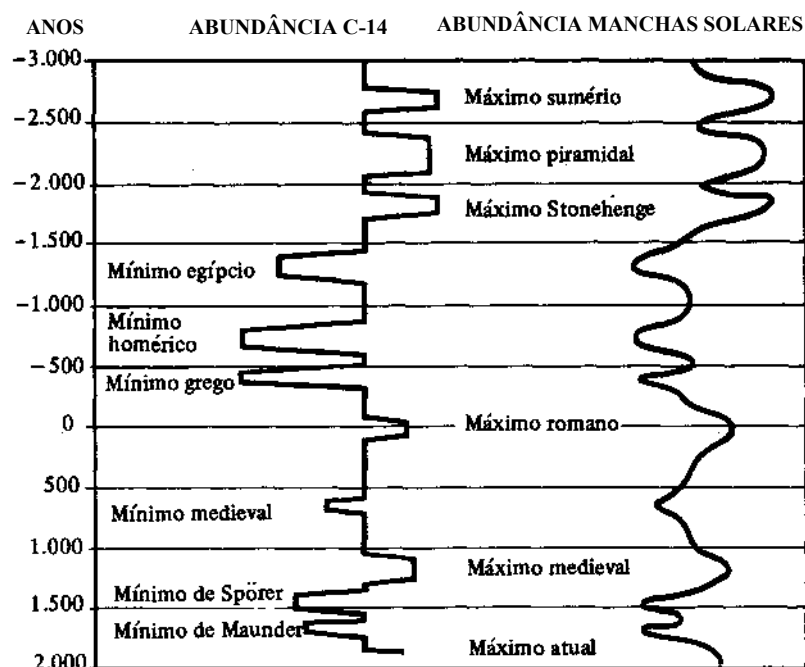


FIG. 9. Relação entre as manchas solares e o carbono 14, segundo o Dr. Eddy

Tais ciclos têm em comum a importância concedida aos mitos solares (Aton, Lugh, Mithra e Cristo) e aos telúricos (Lusina e Virgens Negras), em resultado produzindo o auge de uma determinada arquitetura sagrada.

Vimos que existe uma sincronicidade entre as forças solares e as terrestres, com o Sol desempenhando um papel vital na história da humanidade. Portanto, parece evidente a importância que tem o conhecimento da futura atividade solar. A predição das manchas solares permitiria que fossem tomadas as medidas necessárias para ser melhorado o amanhã da humanidade.

Seria a Astrologia capaz de realizar tal tipo de predições? Assim pareceu a John H. Nelson, um astrônomo amador, que a RCA empregou, precisamente com a finalidade de encontrar um sistema para predizer as manchas solares. Em 1946, Nelson não se interessava pela Astrologia, mas terminou empregando um método de trabalho que colocava a Terra no centro do sistema solar; utilizando tal processo, combinado com o heliocêntrico habitual, ele conseguiu predizer, com 93 por cento de acertos, a atividade solar a curto prazo.

Tão elevado número de acertos baseou-se nas posições relativas dos planetas e da Lua com referência ao Sol e à Terra. Dessas posições, as mais importantes parecem ser aquelas que formam ângulos múltiplos de 30 graus.

Temos a aplicação mais notável dessa teoria na relação existente entre os aspectos dos planetas Júpiter, Saturno, Urano e a atividade solar. Os ângulos mal aspectados (90°, 180°, 270° e 360°) estão diretamente relacionados às manchas solares e às alterações de tipo gravitatório e geomagnético.

A INFLUÊNCIA DA LUA

Autores como Gauquelin trataram in extenso da influência solar e lunar sobre a biosfera e o geomagnetismo. Portanto, trataremos aqui de apenas dois aspectos do ciclo lunar que se encontram estreitamente ligados às construções sagradas. O primeiro é o fenômeno da Lua cheia e o segundo o dos eclipses. Ambos influem na atividade telúrica, através das alterações que induzem no geomagnetismo. A Lua cheia intensifica a ação das

correntes telúricas, embora em menor grau que o Sol; os eclipses têm um efeito supostamente contrário, em especial os totais do Sol, que chegam a reduzir de maneira notável as manifestações do telurismo.

Esses dois fenômenos naturais tiveram uma grande influência nas construções megalíticas, como veremos no capítulo 16, influência com reflexo na capacidade de predizê-lo, possuída por muitas de tais construções.

Prognosticar o advento da Lua cheia é relativamente fácil pois, em relação à Terra, nosso satélite leva pouco mais de vinte e sete dias em voltar à mesma fase. Esse período sideral não coincide com o sinótico de vinte e nove dias e meio, correspondentes a uma órbita lunar completa, devido ao movimento de translação de nosso planeta. Entretanto, essa defasagem não afeta a precisão do vaticínio nem a atuação da Lua sobre os fenômenos terrestres.

Mais complexo é o prognóstico de um eclipse, pois este não torna a ocorrer senão passadas duzentas e vinte e três lunações, ou seja, depois de dezoito anos e onze dias. No entanto, os caldeus já conheciam este ciclo, sob o nome de *Šaros*, utilizando-o em suas predições. Eles também sabiam abarcava uma soma de quarenta e um eclipses solares, dos quais apenas uma parte eram eclipses totais.

Para que haja um eclipse total do Sol, não apenas nosso satélite deve situar-se exatamente em linha reta entre Sol e a Terra; é também necessário que os discos aparentes dos dois astros sejam idênticos. Isso acontece graças a uma circunstância que é única no sistema solar. Apesar de a Lua ser quatrocentas vezes menor que o Sol, em determinados momentos de sua órbita encontra-se quatrocentas vezes mais perto da Terra que o astro-rei.

Se observarmos o ciclo produzido pelos eclipses totais do Sol, verificaremos que a cada oitenta anos ocorrem uns cento e vinte. Em outras palavras, isto significa que, nesse período de tempo, cento e vinte vezes uma franja de sombra, com uns duzentos quilômetros de amplitude, percorre a Terra cortando em seco o fornecimento energético solar e reduzindo bruscamente o fluxo telúrico.

Ignoramos a transcendência que possa ter esta pulsação periódica, mas não duvidamos de que os arquitetos sagrados a conheciam.

A INFLUÊNCIA DO MEIO AMBIENTE

Ao nos encontrarmos em uma construção sagrada, por vezes percebemos uma atmosfera na qual se conjugam o sentimento de transcendência e uma tensão especial. Então, temos consciência de que deparamos com um lugar construído por iniciados, diferentes de outras edificações religiosas; um lugar onde existe um ensinamento perpétuo. Entre aquelas pedras, ocorre continuamente uma transformação do meio ambiente.

Desejamos encerrar este capítulo com uma breve referência às forças em que vivemos imersos e que constituem nosso meio habitual. Um meio que, sem a menor dúvida, é muito diferente daquele que cria a construção sagrada em seu seio.

Vivemos cercados de eletricidade, sem a qual a existência não seria possível. Essa eletricidade tem voltagem negativa na superfície da Terra e positiva na atmosfera, onde se vai intensificando progressivamente de carga, até o cinturão interior de Van Allen.

O campo eletrostático formado tem uma frequência de oito a quatorze ciclos por segundo, sendo ela que regula os ciclos diários do ser humano, segundo demonstraram as investigações de R. Wever, do Instituto Max Plank. Observemos também que o ritmo das ondas cerebrais alfa é de dez a quatorze ciclos por segundo.

Quando o cérebro se encontra em dito estado, a pessoa tem acesso a toda aquela informação subliminar de que não temos consciência, quando no estado normal de vigília. Isto parece indicar-nos que, se estivermos em um estado de recolhimento, oração ou meditação, o campo eletrostático (ou, melhor dizendo, o biocampo que o acompanha) nos fornece informação destinada a manter os ritmos biológicos neste estado.

Refletimos que tais atitudes de recolhimento acontecem habitualmente em um edifício sagrado, onde o biocampo se modula pelas proporções arquitetônicas. Que informação recebemos nesses momentos?

Cabe perguntar-nos, ainda, se essa informação periódica era a preparada pelo organismo e biocampo dos fiéis, para seu encontro anual com as forças telúricas, que surgiam poderosas do subsolo.

15

O MODELO CÓSMICO: MÃE TERRA

Nos livros sagrados da humanidade, a Terra sempre aparece sob o seu aspecto gerador. É a *Mater Suprema* e seu espírito, sua força manifesta-se abundantemente pela natureza. A expressão mais evidente dessa força, as correntes telúricas, foi incorporada ao conhecimento sagrado dos povos por nomes diversos, que tentam definir sua mobilidade e sua capacidade de conferir a sabedoria. Em certas culturas, é descrita pela figura da serpente, em outras pela do dragão; foi incorporada em 1849 à nossa civilização por W.H. Barlo sob seu aspecto mais prosaico de corrente elétrica.

Atualmente, sabemos que a influência do Sol, da Lua e das correntes elétricas da ionosfera produz variações no campo magnético terrestre. Essas variações, por sua vez, dão origem a correntes elétricas que, utilizando o solo terrestre como condutor, circulam pelo mesmo, através de linhas de menor resistência como folhas geológicas ou rios subterrâneos.

Podemos detectar a existência dessas correntes medindo, com um potenciômetro, a diferença de voltagem entre dois eletrodos enfiados no solo e separados entre si por algumas

centenas de metros. Tais medidas são efetuadas em milivolts por quilômetro.

Foram verificadas alterações de origem lunar e solar, sendo a influência de nosso satélite de quatro a cinco vezes menor, notando-se sua influência com uma defasagem de três horas, em relação à sua passagem pelo meridiano.

Nas medições efetuadas por Don Antonio Romañá, do Observatório do Ebro, observam-se variações diárias de intensidade, com um mínimo para as onze da manhã e um máximo em relação às seis da tarde (hora solar). Essas variações parecem corresponder-se com as do chamado componente vertical do campo magnético terrestre. Também ele conseguiu verificar que as fases lunares não modificam em absoluto as ditas variações (figura 10).

Este rápido resumo delata, apesar de sua brevidade, a pobreza de nossos conhecimentos, em relação aos de outras culturas que souberam como empregar as correntes telúricas em benefício próprio. Portanto, recorreremos a elas para compreender as funções e os sistemas de aproveitamento de tais forças, também conhecendo seus caminhos e emissores naturais.

AS FUNÇÕES

O poder da Terra adota uma multiplicidade de formas, quando tentamos compreender seus efeitos: os peregrinos aco- dem aos lugares sagrados na esperança de aliviar suas doenças; o desejo de fertilidade faz com que o sexo feminino se abraça a menires fálicos ou beba determinadas águas; os noviços de diversos cultos submetem-se ao fluxo telúrico, para alcançarem estados alterados de consciência que os situem na ante-sala de experiências místicas.

Todo este conjunto de resultados, aparentemente distintos, difere apenas na natureza das pessoas. O benefício conseguido é maior, quanto mais completo for o equilíbrio bioenergético de quem se aproximar da força telúrica. O poder da Terra transforma os ritmos vitais, fazendo com que recuperem sua harmonia e aproxima cada vez mais o indivíduo de uma fusão com a energia cósmica. Essa recuperação de harmonia vital é primeiro traduzida em uma melhoria de saúde e depois na aquisição de

conhecimento, no sentido oculto do termo. E então que a imagem da serpente depositária de sabedoria ganha significado, fato que proporciona o acesso a outros aspectos da realidade.

OS EMISSORES

A energia telúrica se desloca por terrenos impermeáveis, de base argilosa ou pétrea. Em seu fluir pela superfície da Terra, fertiliza riachos, fontes e poços. Concentra-se em cavernas e surge ao exterior por rochas, colinas e montes. De todos os

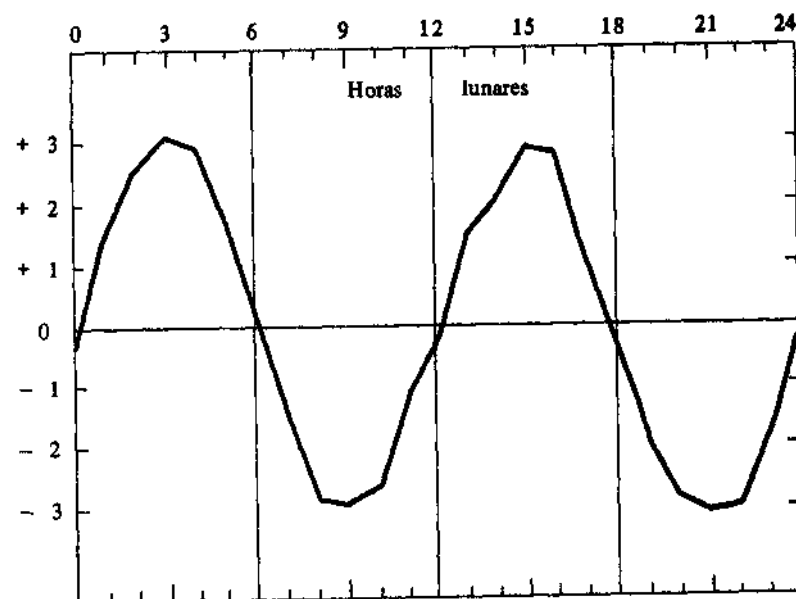


FIG. 10. Influência da Lua nas variações do campo magnético terrestre, segundo medições de D. Antônio Romañá

elementos citados, a água e as cavernas são os acumuladores da energia, enquanto que os restantes funcionam como emissores da mesma.

Tais propriedades foram recolhidas pelos construtores megalíticos e interpretadas através dos dólmen e menires. As funções diferenciadas dessas construções implicam a existência de dois tipos de energia: uma, a que é acumulada pelo dólmen; outra, de sinal diferente, é a que o menir enlaça com as forças celestes. Semelhante união seria necessária para acabar com a "malignidade" da força telúrica e foi representada simbolicamente pelo mito de São Jorge e o Dragão ou pelo de Apolo (o Sol), vencendo o Píton (força telúrica) em Delfos.

Desta forma, sempre veremos relacionados o dólmen com os cultos lunares, dos quais a fertilidade das sementeiras é um de seus aspectos. O culto ao menir, por sua parte, fálico e solar, guarda relação com a fecundidade feminina, porque a raça humana depende da união das energias solares e telúricas. Por tal motivo, em todos os processos em que o homem se vir implicado, existirá uma combinação de ambas as forças, com predominância das celestes, como no menir; das telúricas, como no dólmen; ou estarão harmonicamente equilibradas, como na catedral gótica.

OS CAMINHOS

Devemos a Alfred Watkins, da Sociedade de Antiquários de Hereford, a descoberta do traçado das rotas telúricas. Esses caminhos unem, em linha reta, megalitos, igrejas medievais, castelos normandos, abadias, poços sagrados, depósitos de magnetita e outros pontos significativos, como montículos de terra em forma de cone truncado.

Existem alinhamentos de doze e até de quarenta elementos, às vezes separados entre si apenas por um quilômetro; em outras ocasiões, formam-se verdadeiras redes, com pontos destacados nas encruzilhadas. Algumas dessas rotas foram cobertas de pedra, na época do domínio celta na Grã-Bretanha, e tinham o direito de asilo, juntamente com templos e cidades.

Watkins chegou à conclusão de que qualquer linha que fosse unida a mais de cinco pontos de reconhecida antiguidade

era significativa e justificava a existência de um caminho. A investigação atual (Watkins faleceu em 1935), graças ao computador, confirma que essas rotas não são fenômenos casuais.

Durante anos, o autor de *The Old Straight Track* julgou que os alinhamentos eram trilhas da idade da pedra. A similitude de nomes, ao longo de seu alinhamento, parecia corroborar tal idéia. Nomes de cores, como vermelho e branco, são comuns, bem como Leight ou Ley, que forneceram a ele o nome com que batizou esses caminhos.

Watkins considerava que os caminhos com nomes em que figurava a cor vermelha fossem empregados pelo grupo dos oleiros, enquanto que o branco assinalava as rotas do sal. Entretanto, uma série de fatos demonstrou-lhe que os Leys tinham, em geral, um significado mais profundo.

Em determinados casos, era evidente que não podiam ser caminhos antigos, pois terminavam abruptamente em uma colina ou passavam por áreas impraticáveis. Em outros, foi verificado que coincidiam com determinadas declinações astronômicas, fato que o levou a descobrir que os alinhamentos de megalitos tinham sido realizados segundo considerações astronômicas e, inclusive, que determinados locais pré-históricos eram ordenados como as constelações, cada localização representando um determinado corpo celeste.

A observação de migrações de pássaros e outros animais, ao longo de determinados Leys, fez com que compreendesse a existência de forças subterrâneas: em uma época do ano, os Leys se animavam com uma energia vital que fertilizava a terra e os camponeses dirigiam-se a lugares concretos de acumulação energética, onde celebravam as feiras anuais.

Hoje, chegou-se à conclusão de que a rede dos Leys é sobreposto o traçado menos sutil de rotas primitivas, em alguns casos formando uma conjunção prática do profano e do sacro.

ENTRE O TIGRE E O DRAGÃO

Até agora, vimos os elementos que compõem a força telúrica, elementos que o taoísmo foi capaz de estruturar em um sistema que permite a integração do ser humano com o cosmos.

O homem taoísta sabe que sua bioenergia depende de uma sintonização adequada com as forças telúricas do meio ambiente; forças que, por sua vez, acham-se subordinadas às vibrações celestes. Esta interação produz uma série de movimentos e mudanças contínuos, regidos pela lei de polaridade do Yin e do Yang.

Vimos essa polaridade refletida no céu e na terra, de cuja união emerge a potência cósmica, sob a forma de forças similares às correntes do vento e da água. O equivalente terrestre destas forças também é dual, pois as correntes telúricas possuem igualmente uma polaridade. O taoísmo as classifica em Kwei e Shin ou, de modo mais descritivo, em "tigre branco do oeste" (Yin) e "dragão azul do leste" (Yang).

Destes conceitos, emana a ciência "do vento e da água" ou Feng Shui, que é a arte de dispor as moradas de vivos e mortos de maneira a ficarem em harmonia com as correntes locais do alento cósmico. Essa integração energética do homem no meio é realizada como um primeiro passo para chegar-se à unidade com o cosmos, fim último da ciência taoísta, cujo propósito é o benefício da vida humana.

Para realizar seu trabalho, o artífice do Feng Shui conta com sua preparação em agrimensura, geometria, número e proporção, astronomia e astrologia. Conta ainda com dois instrumentos: a varinha radiestésica e a bússola geomântica.

Esta última é um complexo instrumento que sintetiza todos os conhecimentos do geomante. Formada por um disco de madeira ou argila cozida de 15 cm de diâmetro, possui no centro uma agulha imantada, em redor da qual são acumulados os dados, em círculos geométricos concêntricos: declinação, os oito trigramas, o Zodíaco, os vinte e quatro períodos do ciclo solar, as vinte e oito constelações, etc., podendo a informação cobrir até uma trintena de círculos (figura 11).

Quando se deseja realizar algum estabelecimento humano, o geomante começará por descobrir as principais correntes de energia da área. Para tanto, ele faz um estudo dos céus, identificando constelações e planetas com as cadeias de montes e colinas. Desta forma, saberá pelas posições dos corpos celestes quando e como as correntes locais serão modificadas. Seguindo essa pauta, indicará onde devem ser escavados alicerces

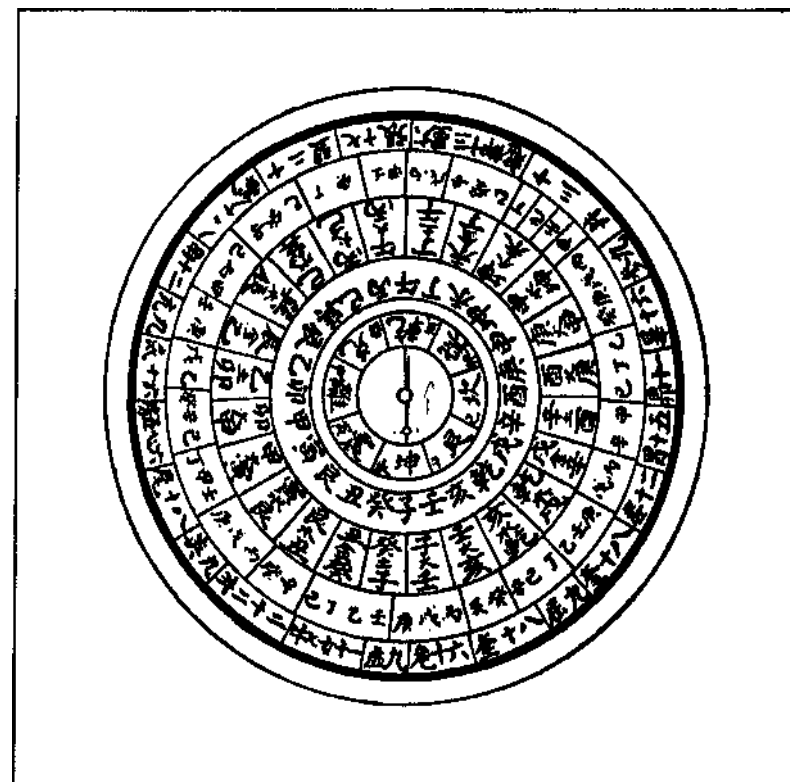


FIG. 11. Bússola geomântica

ou perfurados poços, evitando "despertar o dragão" e respeitando as árvores e rochas, depositárias da força vital.

O resultado de tais atos será uma paisagem habitada, em que moradias e tumbas terão suas zonas principais orientadas para o sul (Yang) com o "dragão azul" à esquerda e o "tigre branco" à direita. Os beirais das casas serão colocados a alturas diferentes, evitando-se linhas retas, que poderiam constituir perigosos condutores energéticos. Os templos orientarão seus altares para o sul e ficarão protegidos por colinas, especialmente do norte (Yin). Em seus arredores, existirá um curso d'água.

O adepto do Feng Shui, no entanto, pode fazer algo mais que adaptar-se às construções ao meio. Havendo necessidade, ele modificará a paisagem, a fim de que as alturas escarpadas

Yang e as elevações arredondadas Yin fiquem na proporção de três por dois, favorável por seu ligeiro predomínio Yang. Enfraquecerá os fluxos demasiado potentes, rompendo seus alinhamentos por meio de muros e pilares, os quais modificarão a violência da reta pela suavidade da curva. Reforçará, da mesma forma, as correntes fracas, tirando de seu caminho os obstáculos que lhe roubam a força.

Tudo isso foi aproveitado pelos imperadores e fez com que os praticantes do Feng Shui desviassem as correntes telúricas na direção do palácio imperial em Pequim, para aumentar a força do mesmo. Tal ato baseava-se na crença de que a atitude do imperador era decisiva para o bem-estar do país. Assim, aceitava-se que a conduta imprópria do homem é capaz de influir na natureza, atraindo toda espécie de calamidades. À influência do cosmos sobre o homem corresponderia a deste sobre o cosmos.

Os livros de Feng Shui nos descrevem como as energias fluem rápidas e violentas nos lugares abruptos; são nestas paragens que moram os míticos imortais. Não é por casualidade que o termo "imortal" seja representado, na China, pelos caracteres "homem" e "colina". O imortal é o homem modificado pelas energias que se acumulam nas zonas elevadas. Por tal motivo, determinados templos e pavilhões são situados no alto de colinas, onde se unem as forças de céus e terra.

OS CAMINHOS DO PODER

Uma vez tenha fixado a meta de sua integração com a energia cósmica, o homem compreende que existem vias de acesso à transcendência, suscetíveis de serem percorridas, se ele adotar o método adequado. Abandonando assim o seu papel de simples receptor de forças, elabora sistemas que lhe permitam construir seus próprios caminhos de poder; caminhos que participarão da dupla natureza cósmica, incluindo dentro de sua unidade um aspecto Yin e outro Yang. Assim, através da experiência, o homem consegue chegar a um método em que expressa tal dualidade através do movimento e do som, onde o movimento, que pode adotar uma forma estática, representaria a polaridade Yin, enquanto que o som cumpriria a função Yang.

Todo método que não inclua os dois aspectos, em uma ou outra proporção, será inadequado para o alcance da unidade cósmica. Assim, veremos inúmeras formas de aplicação, mas todas serão bipolares, se bem que, segundo as necessidades do atuante, um dos aspectos será mais acentuado para que se atinja o equilíbrio do método com aquele que o pratica. Outro ponto comum é o emprego de uma técnica que consiste em desligar a mente de seus laços habituais, com a finalidade de ser dada passagem aos ritmos cósmicos.

Se considerarmos os métodos, em função de sua polaridade, veremos como alguns se encontram em situação de equilíbrio, na qual o excesso ou deficiência do aspecto Yin é compensado com o aspecto Yang. Exemplos desse equilíbrio nos são proporcionados pela maior parte dos iogues, nos quais o mínimo de movimento dos âsanas (posturas) se corresponde com o som interior dos mantras. Os sufis voadores, por seu turno, representam o equilíbrio de sinal contrário, com um máximo de movimentos e sons, em forma de dança e música.

Outros métodos acusam um predomínio do aspecto Yang, como determinadas obediências do tantrismo búdico-tibetano ou o zen japonês, contrapondo a abundância do som à atitude estática dos praticantes. Finalmente, podemos destacar o aspecto Yin do Tai Chi Chuan, com suas séries de movimentos efetuadas em silêncio.

O som representa um papel fundamental em todos os métodos; até os movimentos circulares do Tai Chi são realizados em um silêncio específico, do qual não estão ausentes a vibração e o ritmo. Nos outros sistemas, o som conduz a estados alterados de consciência, através da repetição monótona, produzindo mudanças nos ritmos biológicos, graças à ação de determinadas vibrações.

Em si, o movimento pode constituir-se em autêntico ritual na sua elaboração, criando então a necessidade do templo, onde som e ritual se integram, através do grupo, com as forças vitais convocadas pela arquitetura sagrada.

A ARQUITETURA SAGRADA

Em sua ânsia de construir lugares para comunicar-se com seus deuses, a humanidade cobriu a face da Terra de templos.

Para distinguirmos os edifícios capazes de convocar a energia cósmica em seu interior, necessário se torna verificar a existência de quatro características básicas, que os diferencia dos simples locais de culto: uma orientação adequada, que permite sejam utilizados para prever os movimentos dos astros e para um melhor aproveitamento da bioenergia; a utilização de materiais concretos em sua construção; sua edificação segundo medidas e princípios geométricos específicos e, finalmente, a existência de intensas forças telúricas na localização.

Em seguida, detalharemos as três primeiras características, segundo se apresentam no templo solar de Stonehenge, encerrando com um comentário sobre a atividade telúrica em Carnac e nas catedrais góticas.

Graças às análises efetuadas pelo método do carbono 14, corrigidas com o novo sistema da dendrocronologia, foi possível distinguir-se três fases na construção de Stonehenge, fases a que os arqueólogos denominaram I, II e III.

Stonehenge I data de 2800 a.C., tendo sido formado por três elementos circulares concêntricos: uma vala, uma elevação de terra e cinquenta e seis buracos, chamados "de Aubrey" em homenagem a seu descobridor, um antiquário inglês do século XVII. Existem outros elementos adicionais, formados por quatro pedras, que foram denominadas "estações" e quatro postes de madeira, que se encontravam junto à famosa Heel Stone. Este menir, o elemento talvez mais antigo de Stonehenge que sobreviveu à passagem do tempo, situa-se a NE, à frente de uma abertura de doze metros, existente na elevação circular de terra.

Um observador que, atualmente, se situe no centro do recinto, verá aparecer o sol do solstício de verão sobre a Heel Stone; entretanto, tal informe não é válido para estabelecer-se o fator de orientação, pois que o primeiro raio luminoso aparece à esquerda do menir e, ainda pior, há 4.800 anos, esse primeiro raio aparecia até cinco diâmetros solares mais à esquerda do mesmo. Segundo parece, o fator orientação é, em realidade, definido pelos quatro alinhamentos, representados na figura 12.

De qualquer modo, a Heel Stone indicaria o solstício de verão à contemporânea Ordem dos Druidas da Grã-Bretanha mas, em realidade, nunca o fez a seus antepassados.

Este menir parece ter mais uma função lunar e assim afirmam investigadores como Newham, Atkinson e Hawkins. Estes dois últimos concordam quanto ao papel desempenhado por tal monólito na predição de eclipses: o aparecimento da Lua cheia sobre o mesmo, no solstício de inverno, anunciaria um iminente eclipse solar ou lunar.

Segundo o mesmo Hawkins, os buracos de Aubrey também funcionariam na predição de eclipses. Esta afirmativa chegou a despertar as iras do mundo arqueológico do momento, mas as comprovações posteriores do famoso astrônomo Fredy Hoyle confirmaram tal fato, embora para tanto empregasse um sistema diferente do de Hawkins.

A investigação de Hoyle demonstrou a existência de um calendário solar nos buracos de Aubrey. Esse calendário resultaria do deslocamento de uma bola de gesso esculpida (como a encontrada no buraco 21), de dois em dois buracos, a cada treze dias. Tal bola, representando o Sol, completaria a volta de todos os buracos em 365 dias, caso fosse introduzido uma correção no

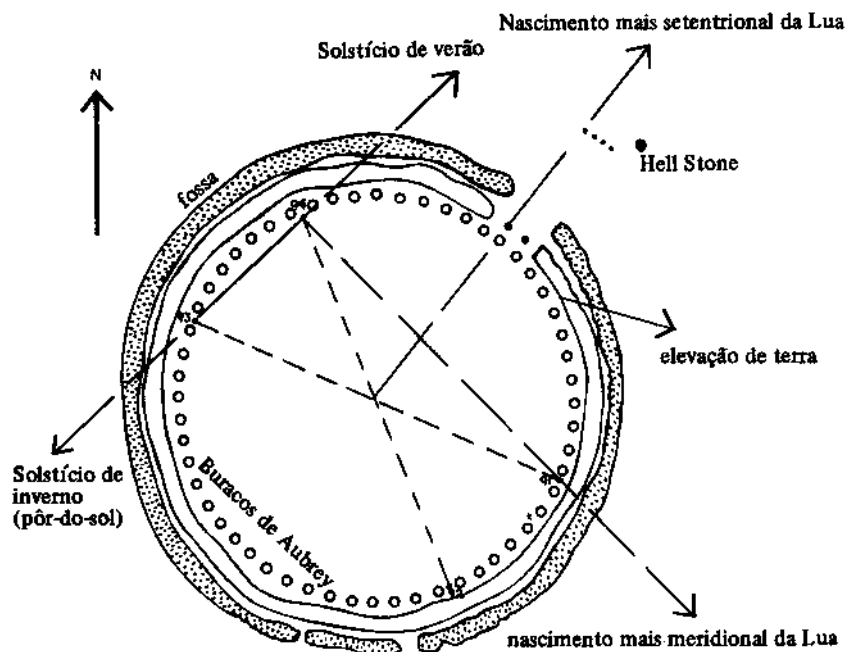


FIG. 12. Stonehenge I. Esquema dos principais alinhamentos de orientação

momento dos solstícios. Acrescentando mais três bolas a esse calendário, representando a Lua e os nodos ascendente e descendente, Hoyle conseguiu vaticinar todos os eclipses com êxito, fossem solares ou lunares.

Desta forma, os construtores de Stonehenge I já cumpriram a primeira necessidade de um centro energético: a predição dos movimentos estelares. Vaticinando os eclipses, sabiam de antemão quando diminuiria a atividade telúrica e, conhecendo a data do equinócio da primavera, podiam convocar os fiéis no momento preciso em que essa força aparecia, com todo o seu poder gerador.

A colocação das pedras azuis de Stonehenge II parece confirmar que os novos construtores participavam dos conhecimentos

astronômicos de seus predecessores. Cravadas no solo em torno do ano 2130 a.C., as pedras formavam um semicírculo aberto a NO, com uma aparente intenção de observatório lunar. Infelizmente, pouco mais se sabe em relação a essa fase, apagada cento e cinquenta anos mais tarde, quando outros construtores arrancaram as pedras azuis, para ordená-la de maneira diferente. Esta fase termina com a criação de um Stonehenge muito similar ao que hoje conhecemos: um "cromlech" formado por trinta menires, que se diferencia dos demais, ao serem encimados por outras trinta pedras gigantescas. No interior desse círculo pétreo, elevam-se cinco trilitos, ordenados em forma de ferradura, aberta para NE (figura 13).

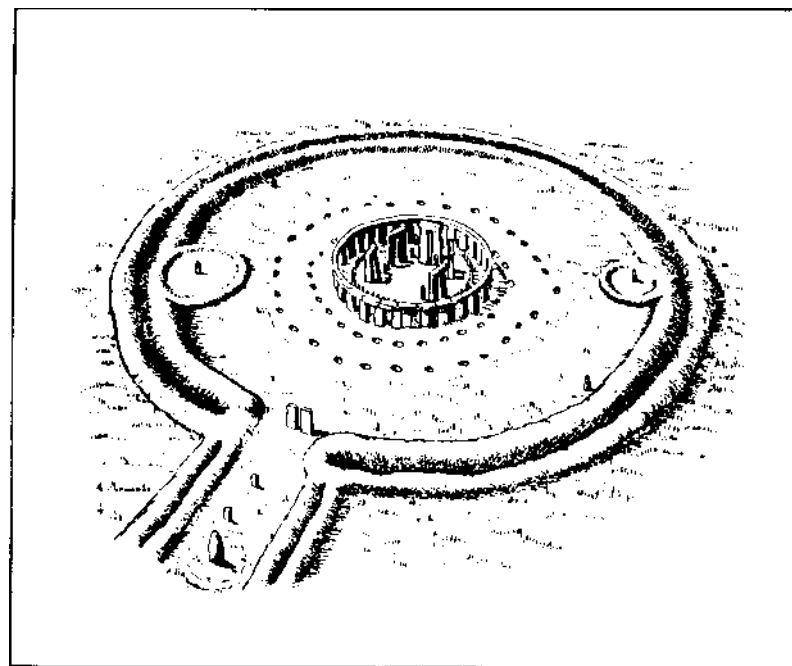


FIG. 13. Stonehenge III

Este último Stonehenge, não apenas repete os alinhamentos astronômicos dos anteriores, como introduz o segundo fator básico em todos os centros energéticos: a pedra com minério de quartzo. Neste centro, utilizou-se a pedra arenícola, como em

outros o granito, mas o quartzo deverá estar sempre presente em todos porque, sem ele, podemos afirmar que inexistirá uma capacidade energética autêntica. Assim nos provaram os arquitetos sagrados, que já o empregavam muitos séculos antes de Stonehenge e continuariam a empregá-lo, sem interrupção, nos 3.500 anos seguintes.

Ignoramos até que ponto as pressões ou vibrações a que podem ser submetidas essas pedras sejam capazes de produzir correntes elétricas, de capacidade bastante para ocorrerem efeitos dignos de menção. Parece mais que tal onipresença do quartzo implique a existência de outras propriedades deste mineral, além da piezeletricidade. Como em tantos outros fenômenos, talvez a presença de mínimas correntes elétricas acompanhe ou provoque a atividade das outras forças que influem no biocampo.

Por outro lado, a atuação dessas ínfimas correntes elétricas pode limitar-se a ativar a qualidade de antena cósmica, possuída por essas construções. Assim, as pressões ou vibrações exercidas sobre as pedras, iniciariam o processo de atração das forças celestes.

Mais complexa que a incógnita introduzida pela presença do quartzo, é a existente nas propriedades geométricas dessas construções. A principal dificuldade com que nos defrontamos é a diversidade aparente de unidades e princípios básicos, utilizados em cada uma delas. E dizemos aparente, porque há indícios da existência de certas normas universais de proporcionalidade, que dirigiriam a ereção de todos os edifícios sagrados. Pode-se citar, como exemplo, o fato de que centros tão afastados como Chartres e Machu Pichu pareçam ter sido edificadas seguindo uma pauta musical.

A realidade é que ainda nos encontramos sem uma base para poder efetuar um centro energético por nossa conta. A menos que recorramos à cópia de um modelo existente — que é o que estamos fazendo — ou aos textos de magia.

De qualquer modo, alguns investigadores atuais estão realizando uma série de descobertas que, sem dúvida, constituirá o que será a arquitetura energética do futuro. Entre eles, podemos citar o britânico Benson Herbert, que estuda a possibilidade de construir uma casa "produtora de poltergeist", assim relacionando os fenômenos bioenergéticos com as formas geométricas.

Outros cientistas conseguiram obter dados básicos, sem distanciar-se tanto da área tradicional de investigação. Por exemplo, o engenheiro Alexandre Thom, da Universidade de Oxford, cujos trabalhos de medição em centenas de centros megalíticos o levaram à descoberta de unidades e princípios geométricos comuns a todos eles.

A contribuição do Professor Thom é suficientemente importante, para que a citeamos com mais amplitude.

Segundo Thom, a unidade básica de longitude é a "jarda megalítica" de 2,72 pés (82,91 cm), nome que nos atreveremos a traduzir livremente por "Vara megalítica", embora seja apenas por sua similitude com a vara espanhola de 83,59 cm. A esta unidade, acrescenta-se outra, múltipla da primeira, duas vezes e meia maior, que equivale a 207,26 cm. Thom a denominou "bastão megalítico" e se encontra presente em todos os centros megalíticos, com tanta abundância como a anterior.

As principais figuras descobertas foram a circunferência, o triângulo retângulo de lados 3-4-5 e 12-35-37, bem como diversas classes de elipses. Característica específica das circunferências, é que sempre se tentou traçá-las de maneira a que um número inteiro de unidades constasse em sua longitude; por vezes, inclusive, chegou-se a deformar ligeiramente essas figuras, para que sua longitude terminasse expressa em unidades inteiras.

Para alcançar seus fins com aproximação suficiente, os construtores sagrados empregaram, por vezes, um sistema duplo em primeiro lugar, usaram apenas os diâmetros mais convenientes; em segundo, aplicaram unidades distintas para medição do perímetro da circunferência e de seu diâmetro. Desta forma, expressando o primeiro em bastões e o segundo em varas, conseguiram alcançar notável precisão, segundo podemos comprovar no quadro abaixo.

<i>Diâmetro em varas</i>	<i>Perímetro em bastões</i>
4	5,02
8	10,05
12	15,08
16	20,10
---	---
32	40,21
36	45,238

Se calcularmos o maior desvio produzido, veremos que é de 0,53 por cento, aproximadamente, o que podemos considerar como insignificante.

No caso de Stonehenge, utilizou-se outro sistema, a vara, tanto ao diâmetro como à circunferência; no caso da circunferência delimitada pelo interior do "cromlech", o desvio decimal é apenas de 0,086 por cento. Existem ainda outras construções megalíticas, como o Anel de Brogar, em Orkney, em que o diâmetro de 125 varas oferece um desvio ainda menor.

Evidentemente, não acreditamos que os construtores desses centros energéticos tivessem qualquer obsessão em conseguir uma exatidão matemática absoluta; achamos que tais relações são a expressão anedótica da seleção de certas medidas e proporções concretas, com finalidades muitíssimo mais transcendentais que o puro jogo matemático.

Se detalhamos as descobertas do Professor Thom, embora as mesmas se limitem a demonstrar a capacidade matemática do construtor megalítico, foi porque consideramos que, nessa capacidade, está encerrado o segredo das formas geométricas. A nosso ver, temos que seguir as pegadas do Professor Thom, se quisermos desentranhar tal segredo.

Seu sistema nada tem de esotérico, consistindo tão-somente em uma medição extremamente precisa dos centros megalíticos, *in situ*. Esse sistema pode ser eficaz porque, com toda a sua complexidade, os centros megalíticos são os mais simples, dentro do campo das formas geométricas. Basicamente, são formados por linhas traçadas em um plano, sendo as pedras meras projeções dessas linhas no espaço.

Queremos dizer que o centro megalítico é realizado em um só plano, enquanto que os demais centros energéticos são compostos por uma multiplicidade de níveis. Portanto, o domínio desse plano deve ser nosso primeiro passo, se quisermos conquistar o mundo das formas geométricas.

A SERPENTE NA CATEDRAL

Os diversos investigadores das catedrais francesas dedicadas à Virgem (Notre-Dame, Chartres, Reims, etc.) coincidem na

afirmativa da existência de dois focos de emissão telúrica, no subsolo dessas edificações. Esses focos estariam marcados no pavimento da nave catedralícia pelo labirinto e por uma zona, chamada o centro sagrado, acima da qual se situa o altar.

Essa dupla emissão faz com que nos perguntemos sobre a forma assumida pela corrente elétrica, no interior de tais construções. É bem possível que a resposta do enigma se encontre no outro lado do oceano, no Novo Mundo.

Nos Estados Unidos existe uma série de figuras, cujo tamanho gigantesco impede que sejam vistas por inteiro, exceto do ar; referimo-nos às famosas serpentes sobre montículos, das quais talvez a mais conhecida seja a de Brush Creek, no Estado do Ohio. Segundo parece, tais serpentes são a representação do "espírito da Terra" e suas características comuns consistem na cauda em forma de espiral e no fato de terem sido construídas junto a cursos de água, este último detalhe confirmando sua função de centro telúrico.

Sobrepondo-se um modelo reduzido dessa serpente ao pavimento da catedral, obteremos uma imagem da energia que circula pelo subsolo. A cauda espiralada coincidiria com o labirinto, uma forma gerada precisamente sobre a espiral. A cabeça marcaria o centro sagrado, em torno do qual foi erigida a catedral.

Se recordarmos que a mesma foi dedicada à Virgem — *cujo pé pisa a cabeça da serpente* - deveríamos comprovar se tal simbolismo é cumprido, a fim de confirmarmos nossa hipótese.

"Pisar a cabeça da serpente" é uma forma esotérica de expressar-se que a energia telúrica foi detida em um lugar, com o fito de ser aproveitado o seu fluxo periódico. Trata-se de um simbolismo afim ao de São Jorge ou São Miguel, cravando a lança no dragão. O homem megalítico já efetuava essa operação mediante o menir, enquanto que na catedral é precisamente a pedra do altar que cumpre semelhante função.

Vemos, pois, que a hipótese tem sentido, dentro da lógica do edifício sagrado. Com a energia retida pelo altar, o principal foco de emissão telúrica se vê submetido à ação das forças celestes moduladas pelo edifício, enquanto o foco secundário, encaminhado pelo labirinto, cumpre a missão de iniciar os fiéis em um processo de transformação, o qual culminará junto do altar.

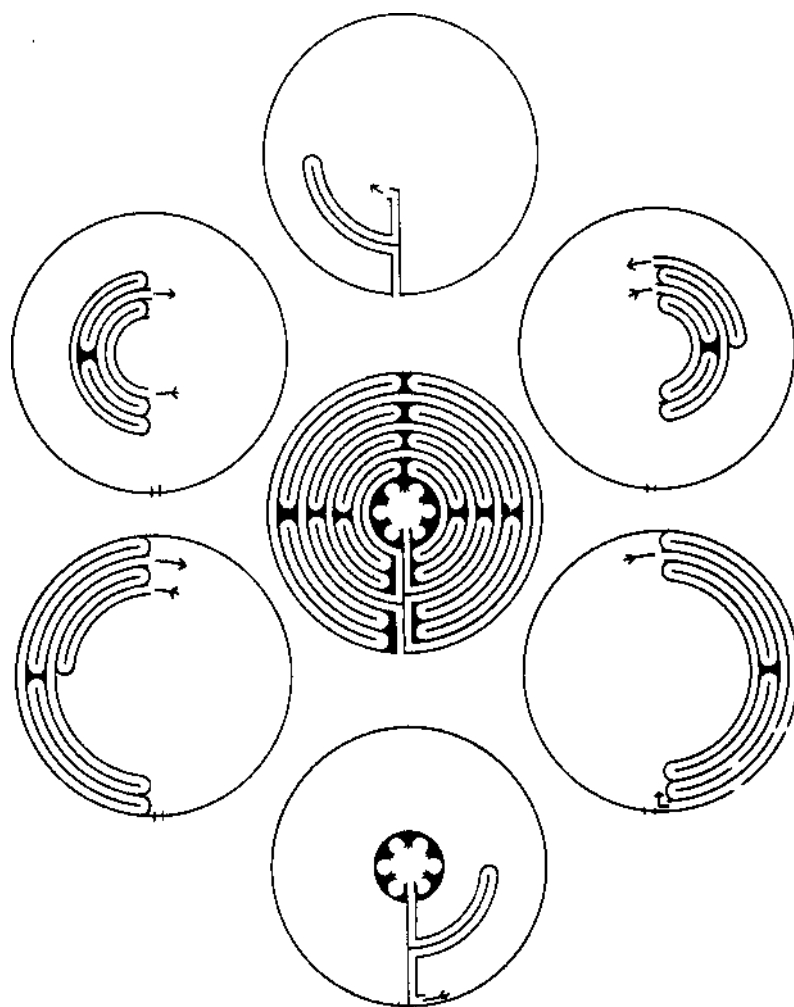


FIG. 14. O labirinto da catedral

Esta iniciação no labirinto era efetuada através das "rondas pascoais", celebradas precisamente no momento em que a energia telúrica surgia com novo ímpeto. Marcando o ritmo do avanço pelo interior do labirinto, o bispo mantinha os fiéis submetidos ao fluxo energético, pelo tempo necessário para que seus organismos recebessem a energia adequada.

Se seguirmos o percurso do labirinto em partes, veremos como as espirais da trajetória aproximavam e afastavam os fiéis da rosa central, o emissor energético máximo. Consequia-se, dessa forma, dosificar a intensidade da energia recebida, aclimatando o organismo para o encontro final (figura 14).

Por conseguinte, o labirinto é uma forma de submersão no campo das forças telúricas, do recebimento de um batismo de energia da Terra.

Como o labirinto era construído sobre as linhas de força do campo telúrico, podemos fazer uma idéia da forma de tal campo; uma forma que, por outro lado, não é nenhum segredo, já que se encontra presente em muitos centros energéticos, há mais de seis mil anos.

São comuns a toda a cultura megalítica reproduções desses campos de força, bem como de espirais, labirintos e serpentes telúricos, sendo interessante saber-se que essas reproduções foram feitas segundo uma unidade, a polegada megalítica que é, precisamente, $1/40$ da vara megalítica.

Exemplos dessas. representações existem na Espanha. Podemos citar os megalitos gravados das ilhas da Palma, Lanzarote e del Hierro, nas Canárias e os de Mogor, na Galícia. Mais conhecidas, são as representações do sepultamento, situadas na ilha francesa de Gavrinis, a uns quinze quilômetros do centro telúrico de Carnac (figura 15).

O investigador francês Méreaux-Tanguy alude à semelhança dessas gravações com o espectro do campo magnético por um ímã; entretanto, achamos que aqui encontramos a representação de um campo bastante mais complexo que o magnético, como se pode deduzir, pela observação da figura. Isto não exclui o magnetismo como uma das manifestações que sempre acompanham a energia telúrica, segundo o mesmo Méreaux-Tanguy parece demonstrar, com suas medições no centro telúrico de Carnac.

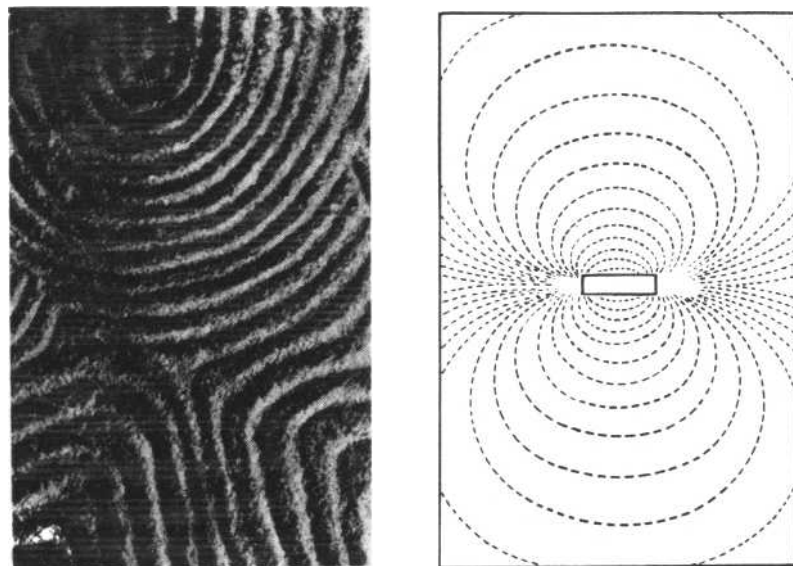


FIG. 15. À esquerda, gravação megalítica; à direita, espectro do campo magnético de um ímã

Tais medições forneceram resultados muito significativos nesse sentido. A área que limita os alinhamentos megalíticos é magneticamente estável, com ligeiras variações. Entretanto, no exterior da zona demarcada pelas cadeias de menires, as oscilações vão de - 400 a + 1.100 gamas.

O investigador francês afirma que Carnac é uma central de energia, que não mais sabemos como utilizar. É difícil não partilharmos desta opinião, tendo em vista os resultados de sua investigação.

17

A GRANDE PIRÂMIDE: TEMPLO SAGRADO

Embora sumariamente, já vimos que um templo sagrado é muito mais que apenas um lugar de culto e que são necessárias condições muito específicas, para que possamos outorgar-lhe semelhante categoria.

Estabelecidas estas condições, acreditamos que já podemos enfrentar o grande problema que divide todos aqueles (sejam ou não arqueólogos) que, sugestionados pelo mistério e grandiosidade das pirâmides desde tempos imemoriais, não cessam de perguntar-se: O que é a Grande Pirâmide? Será a tumba de Quéops? Será o testamento cultural do Antigo Egito? Será um templo sagrado, dedicado ao deus solar Jnum?

Analisaremos estas perguntas e tentaremos dar-lhes uma resposta.

Em primeiro lugar, cremos que, para a Grande Pirâmide ser a tumba de Quéops, seria preciso provar que sua construção foi iniciada e terminada durante o reinado desse faraó.

Não esqueçamos que, de acordo com os mesmos arqueólogos que afirmavam categoricamente ser a Grande Pirâmide uma tumba, nenhum faraó ocuparia alguma que ele próprio não tivesse feito construir; se morresse antes de concluí-la, seu

sucessor a terminaria de qualquer maneira. Após a morte de Miquerinos, seu sucessor terminou a pirâmide, substituindo o revestimento de granito por rocha calcárea.

Muito diverso é o caso da Grande Pirâmide. Sabemos que foi cuidadosamente acabada e que suas faces eram enfeitadas com milhares de hieróglifos, lamentavelmente desaparecidos, quando a espoliaram de seu revestimento.

Esta observação sobre a total paternidade de Quéops adquire toda a sua importância quando, segundo veremos, parece inteiramente inadmissível que a Grande Pirâmide fosse construída no tempo afirmado pelo arqueólogo.

Com efeito, todas embaralham cifras de vinte anos e cem mil operários. Entretanto, nenhum deles explica como cem mil operários poderiam movimentar-se na meseta de Giseh, sem estarem encostados uns aos outros, estorvando-se mutuamente. Ninguém fala de como puderam ser resolvidos os problemas logísticos, quanto a acomodar e alimentar tanta gente.

Tampouco, ninguém nos esclarece como uma nação de uns cinco milhões de habitantes, como então era o Egito, podia encaminhar tamanha massa humana para uma única tarefa e, ao mesmo tempo, cuidar das demais necessidades da nação, como são as do exército, agricultura, comércio, etc.

Foi calculado que hoje em dia, com os elementos técnicos de que dispomos, nenhuma nação com menos de cem milhões de habitantes - além de uma ingente riqueza — seria capaz de construir algo semelhante, muito menos em tão pouco espaço de tempo. Tudo isso, dando-se por resolvidas as dificuldades de transporte e construção, coisa que, como se viu, ao tentarem salvar os monumentos que deviam ficar sepultados pelas águas da represa de Assuã, dista muito de ser verdadeira.

Por outro lado, a cifra de vinte anos foi facilitada por Heródoto, mas este autor também acrescenta que, antes de ser iniciada a construção da pirâmide, levaram dez anos preparando o calçamento prévio para o transporte das pedras, com o que, já temos a cifra de trinta anos. Além disso, resta todo o complexo "funerário", de cujo tempo de construção ninguém diz nada.

Da mesma forma, ninguém entra em acordo sobre quanto tempo durou o reinado de Quéops. As cifras fornecidas pelos arqueólogos falam de vinte e três anos, citados no papiro de Turim e os sessenta e três de Maneton. Se levarmos em conta

que Maneton estabeleceu a lista dos antepassados de seu faraó por incumbência do mesmo, interessado em estender ao máximo a antiguidade da própria estirpe - e que quase unanimemente se considera válido o papiro de Turim — a Grande Pirâmide não poderia ter sido começada e terminada por Quéops.

O curioso quanto a tal desconhecimento real do Antigo Império é que, devendo basear-nos em papiros semidestruídos, faltam-nos dados de importância capital, pois só conhecemos detalhes insignificantes. De qualquer modo, mesmo esses detalhes têm sua importância e citaremos um deles, em apoio de nossa tese.

Na época de Snofru, pai de Quéops, existiu uma dama chamada Merit-Ateles que pertencia ao harém do faraó; pois bem, a mesma dama ainda é citada nos tempos de Quéfren, sucessor de Quéops. Se aceitarmos como válidas as cifras de Maneton e aceitarmos que Snofru reinou por vinte e dois anos e Quéops por sessenta e três, logo nos dirão que idade teria a dita dama, na época de Quéfren! Em troca, se aceitarmos o papiro de Turim, a sequência cronológica se torna mais verossímil.

De qualquer modo, podemos chegar a admitir que a Grande Pirâmide foi terminada por Quéops, se aceitarmos como garantia o selo do mesmo, presente nas câmaras de descarga da Grande Pirâmide — embora tal garantia seja bastante precária, depois das espoliações de que nos falam os arqueólogos.

Entretanto, o que não podemos aceitar, pelos motivos já citados, e que poderiam ampliar-se ao infinito, é que a Grande Pirâmide fosse iniciada pelo próprio Quéops e que, por conseguinte, fosse destinada a ser sua tumba. Em verdade, talvez ela a utilizasse para ocultar a verdadeira localização da mesma.

A esta altura, acreditamos que já mais ninguém duvida de que a Grande Pirâmide seja o testamento cultural dos antigos egípcios, o que não impede que também seja um templo solar. O que não podemos levar em conta, são os exageros nesse sentido, cometidos desde Piazzi Smith, que chegou a eliminar algumas pedras para seus números ficarem de acordo, a Barbarin, para quem cada milímetro tem um lugar no tempo: na estrutura da Grande Pirâmide estavam previstos até fatos insignificantes, mas no entanto falta a descoberta da bomba atômica e a Segunda Guerra Mundial. De qualquer modo, consideremos que os trabalhos de Barbarin datam de 1938.

Neste problema do testamento cultural e de sua qualidade como templo sagrado, existe ainda um ponto que é o centro de acirradas discussões entre arqueólogos e místicos: a Grande Pirâmide foi construída tendo-se como base o número pi ou foi baseada no número phi (o número de ouro)? Tentaremos levar um pouco de luz ao problema.

Segundo os arqueólogos que só admitem a presença do número pi na edificação da Grande Pirâmide, a fórmula base para sua construção é seguinte:

$$\text{Base} = \frac{\text{altura} \times 2}{\text{tangente do ângulo de inclinação}}$$

na qual, a tangente do ângulo da inclinação é igual $\frac{4}{\pi}$.

O melhor estudo já realizado sobre o número de ouro (phi) aplicado à Grande Pirâmide é o de Theo Koellier que, após uma série de cálculos e demonstrações que não podemos resumir aqui, chegou à conclusão de que Grande Pirâmide foi construída tendo como base o número phi. Entre todas as combinações possíveis, ele chegou às seguintes proporções:

$$\text{Base} = 2 \quad \text{Altura} = \text{raiz quadrada de phi}$$

Com o que chegou à fórmula de construção:

$$\text{Base} = \frac{\text{altura} \times 2}{\text{raiz quadrada de phi}}$$

Como podemos ver, chegamos duas fórmulas muito concretas e cuja única diferença consiste no denominador. Será possível achar-se quem está com razão? Ou, pelo contrário, os dois critérios podem unificar-se?

Em nosso entender, a extrema facilidade da resposta constitui o motivo de ninguém ter atinado em sua descoberta.

Para solucionar-se um problema, precisamos colocar-nos na mente de quem o expôs e prescindir de nossos próprios conhecimentos. Coloquemo-nos, pois, na ótica dos construtores das pirâmides.

Naquela época não existiam os decimais e tudo era solucionado com frações. Vejamos como faziam:

Em 1885, foi descoberto em Luxor um papiro que é conservado em Londres sob o nome de papiro Rhind, no qual é resolvida uma série de problemas matemáticos, entre os quais existem seis que se referem à solução de inclinações de pirâmides, fornecidas base e altura.

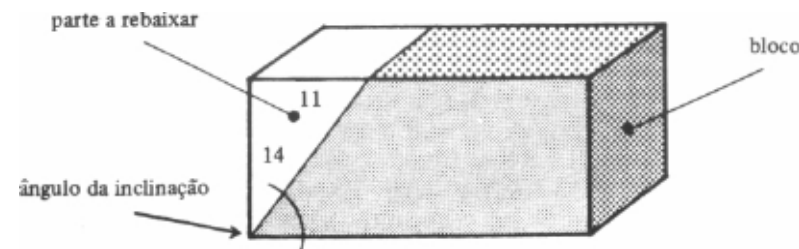
Nesses exercícios, o ângulo da inclinação está expresso em palmos, que correspondem ao numerador da fração, posto que o denominador (o qual é subentendido) será sempre um côvado de sete palmos. Para obter o valor da cotangente, basta, portanto, dividir por sete as inclinações relacionadas.

Embora nenhuma das inclinações do dito papiro corresponda à da Grande Pirâmide, reproduziremos alguns desses problemas resolvidos, acrescentando por nossa conta o que corresponderia à mesma:

Problema n°	Altura em côvados	Base em côvados	Inclinação	Cotangente	Ângulo
56	220	360	5 1/25	0,720	54°14'45"
59	8	12	51/4	0,750	53° 7'48"
60	30	15	4	0,250	75°57'42"
Grande Pirâmide	280	440	51/2	0,786	51°50'34"

Este valor da inclinação era muito importante pois, para talhar as pedras de revestimento, tinham que se valer de medidas fáceis e um simples esquadro de madeira. Vejamos:

A inclinação de 5 1/2 é igual 5 1/2 : 7 (já dissemos que o denominador é sempre 7 palmos), que pode ser reduzida a números fáceis, multiplicando por dois, o que nos dará 11/14. Agora, vejamos como faziam:



Estas medidas são exatamente as encontradas na medição das pedras de revestimento da Grande Pirâmide, pois Pochan nos fornece um ângulo de 51°51' (com um possível erro de um minuto a mais ou a menos).

Muito bem, se quisermos determinar qual o ângulo que corresponde a pi e a phi, comprovaremos que ambos se ajustam bastante, mas nenhum é o que encontramos para a Grande Pirâmide, em nosso cálculo segundo o papiro de Rhind:

Inclinação de pi = 51°51'14"

Inclinação de phi = 51°49'38"

Entretanto, como dissemos antes, os construtores de pirâmides não usavam decimais e sim frações, de maneira que, antes de mais nada, saibamos quais eram as correspondentes aos dois números:

$$\text{Pi} = 22/7$$

$$\text{Phi} = 196/121$$

E aqui está todo o miolo do assunto.

Se pi é igual a 22/7, quatro dividido por pi será igual a 4 x 7/22, o que é o mesmo 28/22 que, simplificado, dará 14/11.

Por outro lado, se phi é igual a 196/121, sua raiz quadrada será 14/11.

Assim sendo, para os antigos egípcios, quatro dividido por pi e a raiz quadrada de phi eram o mesmo número!

Em resumo, não existia tal problema, fomos nós que o criamos. Para eles, pi devia ser tão sagrado quanto phi, e a prova a temos quando os próprios arqueólogos que só admitem o número pi na construção da estrutura da Grande Pirâmide admitem, em troca, que a Câmara do Rei foi construída tendo como base o número phi.

E se das elucubrações matemático-sagradas passamos para o terreno prático, veremos que, usando pi como princípio

construtor, a altura da pirâmide seria de 146,584 metros, enquanto que, se usarmos phi, seria de 146,443 metros (calculando em nosso sistema moderno, não no deles), o que nos fornece uma diferença de 0,141 metro, correspondente a um desvio decimal de 0,096 por cento. Acreditamos que comentários são desnecessários.

Entretanto, retornemos ao nosso tema. Hoje, todos admitem que a Grande Pirâmide seja um templo solar. Não obstante queremos saber se é um templo sagrado, algo já bem diferente.

Se a Grande Pirâmide for um templo sagrado energético, deverão ser satisfeitas as seguintes premissas, por nós enunciadas no capítulo anterior: 1) uma orientação adequada que, pelo menos, permita prever solstícios e equinócios; 2) a presença de quartzo ou rochas quartzíferas; 3) sua construção segundo medidas e princípios geométricos específicos; e 4) a existência de intensas forças telúricas.

A primeira premissa está perfeitamente satisfeita, como foi provado sobejamente por Pochan, quanto a ainda hoje ser possível medir-se os solstícios e equinócios, com um erro inferior a doze horas, graças à concavidade das faces e ao efeito relâmpago que produzem. Nos equinócios, a precisão chega a ser de uns vinte segundos, sendo possível que fosse ainda maior quando existia o revestimento das faces, hoje desaparecido.

A segunda premissa é satisfeita com o granito empregado para as partes mais essenciais da pirâmide. Isto explicaria a verdadeira função das câmaras de descarga, situadas acima da Câmara do Rei, função muito mais importante que a de consolidar o monumento, que até hoje lhes era atribuída.

Quanto à terceira premissa, voltamos ao exposto sobre o número sagrado phi e às abundantíssimas informações dos arqueólogos.

Com referência à quarta, não apenas é satisfeita, mas todas as nossas experiências demonstraram que inclusive as pequenas maquetes, feitas por escala, são capazes de gerar energia. Portanto, talvez a Grande Pirâmide e, sem dúvida, a maioria das pirâmides espalhadas por todo o mundo, sejam os únicos lugares sagrados que não apenas estão localizados sobre zonas energéticas, mas que também as criam, por sua única presença.

Essa geração de energia pela pirâmide refletiu-se em relatos inúmeros de viajantes que viram luzes desprendendo-se do alto

da mesma, fenômeno que deu margem a muitas lendas e tradições.

Maqrizi, cronista árabe do século XIV, nos conta:

"Após construídas, a cada pirâmide foi designado um guardião e foram elas cercadas de espíritos imateriais. Segundo os coptas, o espírito correspondente à pirâmide do norte é um diabo amarelado e desnudo, de dentes compridos. O da do sul é uma mulher que deixa ver suas partes naturais; é bela, mas também possui dentes compridos; encanta os homens que a fitam, sorri para eles e, após atraí-los, faz com que percam a razão. O espírito da pirâmide pintada é um velho que sustenta um incensório, no qual são queimados perfumes."

O relato mais interessante nesse sentido é o de William Groff, em um comunicado ao Instituto Egípcio, em 1897:

"Há duas semanas, aproximadamente, tive ocasião de ^{passar} a noite no deserto, com nosso vice-presidente, o Doutor Abade paxá. Estávamos perto das pirâmides de Giseh. Por volta de oito da noite, notei uma luz que parecia girar lentamente em torno da terceira pirâmide, mais ou menos na metade de sua altura; era como uma pequena chama ou melhor ainda, como disse um beduíno, uma estrela fugaz; tive a impressão de que ela deu três vezes a volta à pirâmide, antes de desaparecer.

"Vigiei atentamente essa pirâmide, durante boa parte da noite. Por volta das onze horas, tornei a ver outra luz; agora era de cor azulada pálida. Ela subiu lentamente, quase em linha reta e, chegando a certa altura, por cima da cúspide, desapareceu, extinguindo-se.

"Fiquei muitas noites no deserto, perto das pirâmides de Giseh, e vi luzes em torno delas sem, a princípio, inquirir sobre sua origem. Depois fui prestando mais atenção no caso e fiz algumas investigações que, segundo parece, deram como resultado que tais luzes não são vistas com muita frequência, mas apenas algumas vezes, umas cinco horas após o pôr-do-sol.

"Vi a luz — ou luzes — nos lados norte e leste da pirâmide, às oito da noite e, no lado norte, às onze da noite, uma outra, que subia."

O importante, no relato de Groff, é que se trata de um homem de ciência, de cuja veracidade não podemos duvidar. Além do mais, ele não se limitou a fazer uma observação, em vez disso, dedicando-se a estudar o fenômeno. Sua declaração

posterior, de que talvez fossem correntes de ar, desprendidas do interior da pirâmide, não justifica em absoluto a luminescência posterior, nem que sejam vistas apenas em determinadas horas e determinadas ocasiões.

O mais lógico é que constituem emanções energéticas, produzidas apenas em momentos de fluxo telúrico máximo. Isso vem corroborar o fato de que, em determinadas circunstâncias, alguns pesquisadores tenham conseguido ver uma emanção energética, no vértice de maquetes piramidais.

Neste último caso e, posto que sempre se tratou de pessoas paranormalmente dotadas, é bem possível que tais pessoas, com seu próprio potencial, tenham provocado, inconscientemente, uma sobrecarga energética na pirâmide.

Acreditamos que, com o que foi dito, demonstramos suficientemente tudo a que nos propúnhamos, isto é, que a Grande Pirâmide provavelmente seja o máximo templo energético sagrado do mundo e que sua verdadeira finalidade não era a de servir de tumba a um faraó, mas a de funcionar como um centro iniciático, capaz de permitir a quem estivesse preparado por um treinamento e desenvolvimento prévio, entrar em contato com níveis superiores de consciência.

estados alterados de consciência, nos quais se torna possível o recebimento de informação do biocampo global (ou superior), com o que é possível a produção de fenômenos paranormais.

CONCLUSÕES

Faremos agora um breve resumo de tudo quanto aprendemos em nosso trabalho:

Sempre acompanhando os campos eletromagnéticos, existe um outro campo, a que chamamos de bioenergético, por ser a base da vida. Ao contrário das energias da física, a bioenergia não é limitada pelas constantes da velocidade da luz nem da unicidade direcional do tempo.

Esta energia pode ser detectada e medida indiretamente, por intermédio dos aparelhos de alta precisão da física, e existem substâncias, como a água e o alumínio, que podem carregar-se da dita energia, em seguida desprendendo-se lentamente da mesma, o que facilita sua utilização.

O campo bioenergético possui uma entropia negativa ou neguentropia — que faz com que a bioenergia se transfira do campo menor para o maior (como acontece na pirâmide), exceto quando é dirigida expressamente (como acontece com os curadores).

A bioenergia é favorável, em primeiro lugar, à saúde e ao equilíbrio bioenergético do organismo (bem como para toda espécie de seres vivos), mas, em segundo lugar, favorece os

APÊNDICES

1

CONSTRUÇÃO DE PIRÂMIDES

Para construir pirâmides experimentais, devemos resolver dois problemas: 1) encontrar as dimensões de todos os seus elementos, e 2) decidir sobre o material e meios mecânicos para a sua construção.

As fórmulas para cálculo das distintas medidas de uma pirâmide são as seguintes:

$$B = \frac{2H}{\tan \alpha}$$

$$A = \sqrt{\frac{B^2}{2} + H^2}$$

$$C = \sqrt{\left(\frac{B}{2}\right)^2 + H^2}$$

sendo (ver figura 16) H = altura; B = base; A = aresta; C = apótema;
 α = ângulo da inclinação (neste caso, $\alpha = 51^\circ 51' 14''$ e, portanto, $\tan \alpha = 1,27324$).

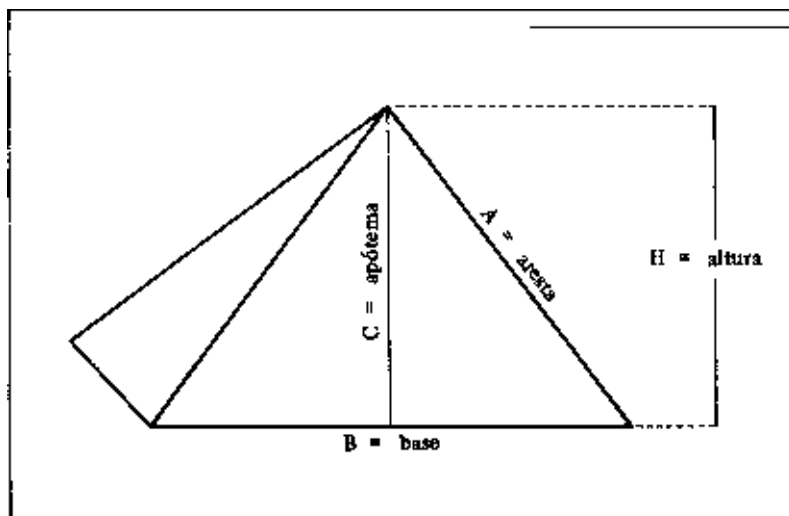
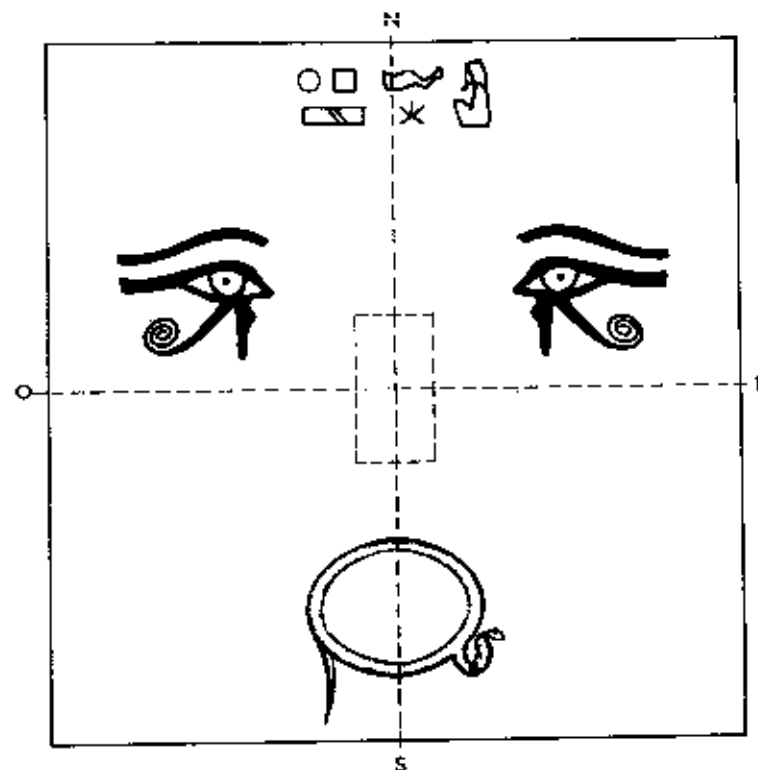


FIG. 16.

Para facilitar os cálculos, acrescentamos o seguinte quadro:

Altura	Base	Aresta	Apótema
100	157,0	149,4	127,1
150	235,6	224,2	190,7
200	314,1	298,9	254,3
250	392,7	373,8	317,9
300	471,2	448,3	381,5
350	549,7	523,1	445,0
400	628,3	597,8	508,6
450	706,8	672,5	572,2
500	785,4	747,3	635,8
550	863,9	822,0	699,3
600	942,4	896,7	762,9
650	1021,0	971,4	826,5
700	1099,5	1046,2	890,1
750	1178,1	1120,9	953,7
800	1256,6	1195,6	1017,2
850	1335,1	1270,4	1080,8
900	1413,7	1345,1	1144,4
950	1492,21	1419,8	1208,0
1000	1570,8	1494,6	1271,6



OBSERVAÇÕES:

Damos as medidas com o maior rigor, para que possam ser construídas pirâmides maiores e do mesmo modo exatas, convertendo os milímetros em centímetros, com o que se pode chegar até aos 10 metros de altura.

É recomendável colocar as pirâmides longe de fios elétricos e de metais magnéticos, como, por exemplo, mesas ou estantes metálicas.

EXPLICAÇÃO DOS HIERÓGLIFOS:

Os hieróglifos que se encontram na base desta pirâmide justificam os quatro pontos cardeais, sendo o que está situado no Norte o que corresponde à estrela polar. Cada um dos olhos corresponde ao sol

As medidas são expressas em milímetros e décimos de milímetro. Desejando-se construir pirâmides acima de 1 metro, as cifras que fornecemos deverão ser multiplicadas por 10.

Se desejarmos, por exemplo, construir uma pirâmide de 4 m - que é o mesmo que 4.000 mm — procuraremos a altura de 400 e multiplicaremos por 10 todas as dimensões, feito o que, teremos:

Altura = $400 \times 10 = 4000 \text{ mm} = 4\text{m}$
 Base = $628,3 \times 10 = 6283 \text{ mm} = 6,283\text{m}$
 Aresta = $597,8 \times 10 = 5978 \text{ mm} = 5,978\text{m}$
 Apótema = $508,6 \times 10 = 5086 \text{ mm} = 5,086\text{m}$

Se a altura desejada não constar do quadro, procura-se duas alturas que, somadas, dêem a que necessitamos e faz-se o mesmo com os dados restantes. Se queremos, por exemplo, construir uma pirâmide de 1,80m, somaremos $1.000 + 800 = 1.800 \text{ mm} = 1,80\text{m}$. Vejamos:

Altura = $1.000 + 800 = 1.800 \text{ mm} = 1,80\text{m}$
 Base = $1.570,8 + 1.256,6 = 2.827,4 \text{ mm} = 2,8274\text{m}$
 Aresta = $1.494,6 + 1.195,6 = 2.690,2 \text{ mm} = 2,6902\text{m}$
 Apótema = $1.271,6 + 1.017,2 = 2.288,8 \text{ mm} = 2,2888\text{m}$

Com este quadro e bem poucas operações matemáticas, podem ser construídas pirâmides de qualquer altura compreendida entre 10 cm e 10m.

Passemos agora aos processos de construção:

O mais fácil, mas que serve apenas para pirâmides pequenas de cartolina, consiste em traçar-se uma circunferência, cujo raio seja igual à aresta da pirâmide a construir. Em seguida, a partir de qualquer ponto da circunferência e ajustando o compasso ao comprimento da base, marcam-se os pontos correspondentes aos extremos das arestas da base. Unem-se os pontos assim obtidos, tal como está indicado no desenho (figura 17) e recorta-se a pirâmide, seguindo o traçado que indicamos em linha mais forte, tomando-se a precaução de deixar em um dos lados uma aba para a colagem posterior. Em seguida, basta dobrar pelas linhas que assinalamos com traço interrompido e colá-la pela aba que recortamos anteriormente. Se, com as

costas de uma faca ou tesoura, riscarmos as linhas a serem dobradas, a operação será mais fácil e dará melhores resultados.

A base será construída com a mesma cartolina, desenhando-se nela um quadrado cujo lado seja o da base da pirâmide. Assinalaremos a metade de cada lado com um ponto e, unindo os quatro obtidos com um traço forte, teremos uma cruz, que nos será de grande valia na orientação da pirâmide e centralização do lugar em que colocaremos os objetos de experiência (figura 17 B).

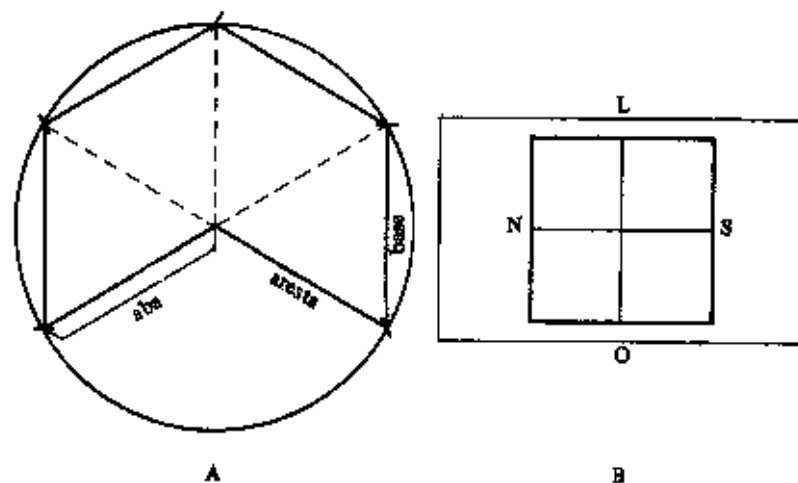


FIG. 17

Situaremos a base no lugar escolhido para serem realizadas as experiências e, colocando uma bússola em seu centro, de maneira a que os eixos norte—sul e leste—oeste de bússola e base coincidam, iremos girando o conjunto, até que a bússola fique perfeitamente orientada para o norte.

Em seguida, colaremos com fita adesiva a base ao lugar de trabalho ou marcaremos os ângulos da mesma com lápis grosso

ou rotulador, para que assim possamos tirar e colocar a pirâmide, sempre que seja necessário, sem o trabalho de tornar a orientá-la.

Situada a base, colocaremos a pirâmide sobre o quadrado nela desenhado, de modo a coincidirem, e continuaremos colando também com fita adesiva, uma face da pirâmide com a linha norte (N) da base, a fim de usá-la como dobradiça, para abrir e fechar a pirâmide.

A última precaução será fazer com que o lugar onde colocarmos a pirâmide esteja bem nivelado na horizontal. Em caso de dúvida, pode-se nivelar a pirâmide com a ajuda de um nível de bolha de ar, antes de iniciar as operações.

Se o tamanho da pirâmide a construir não nos permite usar o método anterior, deveremos construir cada uma de suas faces em separado.

Supondo-se que queiramos construir uma pirâmide de 50 cm de altura, para tanto podemos usar cartão cinza, plástico rígido ou compensado de madeira, com três ou quatro milímetros de grossura. As folhas de cartão costumam ter 1 m de comprimento por 75 cm de largura, tendo as de plástico dimensões parecidas.

Tomaremos uma folha de cartão, por exemplo, dividindo sua longitude maior em duas partes iguais e traçando uma linha por sua parte média. Com um esquadro, verificaremos se a linha está perfeitamente perpendicular à borda da folha, para termos certeza de que a face da pirâmide sairá na proporção exata. Feito isto, tomaremos sobre esta linha o comprimento correspondente ao apótema da pirâmide: 636 mm, no caso presente. Então, sobre o lado que formará a base, mediremos a cada lado da linha de divisão a metade do comprimento da base: 392,5 mm ($392,5 + 392,5 = 785$ mm, comprimento da base) e uniremos os três pontos assinalados com linhas retas.

Teremos assim um triângulo, cuja base será de altura (apótema da pirâmide) de 636 mm e, se verificarmos com uma régua graduada o comprimento dos outros dois lados, veremos que é de 747 mm, correspondendo à aresta da pirâmide. Agora, falta apenas recortar este triângulo, para termos uma face construída. Para as outras três faces, procederemos da mesma forma (figura 18).

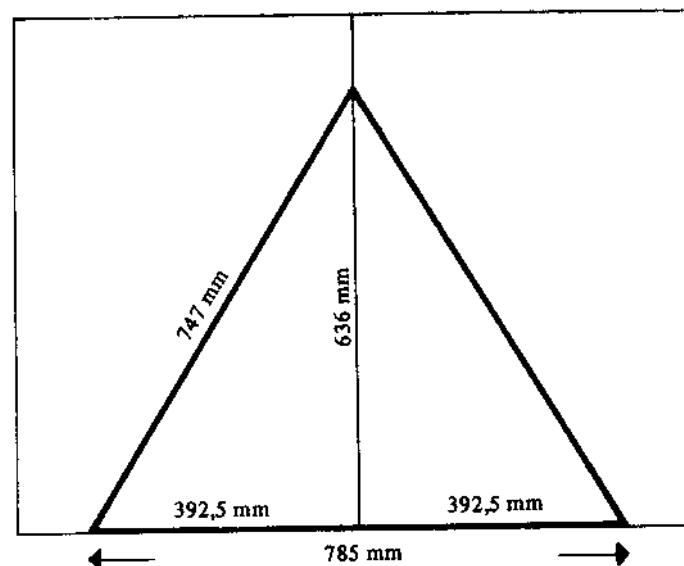


FIG. 18

Podemos construir a base como fizemos no método anterior e tomando idênticas precauções quanto ao nivelamento.

Para montar a pirâmide, colamos as faces com fita adesiva, umas às outras se usarmos cartão ou plástico. Empregando-se madeira, as faces serão unidas com cola. Para o plástico, podemos também usar colas especiais, que se encontram no mercado, ou fazendo-as nós próprios, aproveitando pequenas lascas que sobraram e dissolvendo-as em acetona, até que formem uma pasta espessa. Neste caso, deve-se tomar a precaução de preparar apenas a quantidade necessária de cada vez, pois a acetona evapora-se rapidamente, sendo difícil conservar a cola já preparada.

Se soubermos que iremos precisar de várias pirâmides com as mesmas dimensões, é conveniente construir primeiro uma face em plástico rígido, tal como indicamos, guardando-a para ser usada como molde, o que nos poupará muito trabalho.

As pirâmides de certo tamanho apresentam o problema de serem abertas e fechadas, sem que se descolem ou deformem. Para evitá-lo, costumamos pregar também as faces à base, exceto uma, colada lateralmente com fita adesiva, a qual será usada como porta. Assim, a solidez da pirâmide é bem maior e seu manejo muito mais cômodo.

Em pirâmide de altura superior a 50 cm, torna-se a construção de uma armação de madeira para sua estabilidade, mas isso requer certa habilidade manual. Caso contrário, será mais prático procurar um carpinteiro, sendo supérfluo entrarmos em mais detalhes.

O único que interessa, é deixar bem claro que deve ser evitado ao máximo o uso de pregos e jamais usarmos esquadrias metálicas na construção da pirâmide. Da mesma forma, desaconselhamos o emprego de armações de alumínio, que algumas casas possuem em oferta, exceto no caso que indicaremos mais adiante.

Devemos ainda assinalar que, quando dispomos de uma armação de madeira, não há necessidade de construir-se uma base. No entanto, continua sendo essencial nivelarmos horizontalmente o local onde ela ficará assentada. Neste caso, a orientação da pirâmide deverá ser feita com a ajuda da bússola sobre um lado da base. Caso a pirâmide a construir seja muito grande, deve-se complementar a armação, a fim de que seja adaptada uma porta em uma das faces, assim permitindo o acesso a seu interior.

As pirâmides podem ser feitas de qualquer material, pois sua eficiência depende da forma, não do material empregado. Não obstante, repetimos mais uma vez que os metais devem ser evitados, pois sua presença parece bloquear a produção de alguns dos fenômenos. O alumínio é um caso à parte, mas deve ser usado apenas na construção da armação interior, e isto somente quando a pirâmide permanece situada sempre no mesmo lugar, tendo-se ainda a precaução de não usá-la até passarem pelo menos quinze dias desde a sua instalação definitiva. Assim, o alumínio terá tempo de carregar-se, desta forma desaparecendo sua ação bloqueadora.

Há autores que desaconselham o uso de cartão corrugado ou ondulado, compensado de madeira e estireno expandido. De nossa parte, empregamos todos esses materiais, sem problemas

de qualquer espécie. Apenas desaconselhamos o cartão corrugado, mas por sua fragilidade. Em algumas ocasiões, também usamos a lona, com bons resultados.

2

MEDIÇÃO DA BIOENERGIA PELA TENSÃO SUPERFICIAL

No capítulo 6, quando falamos da água e de suas propriedades, dissemos que talvez, medindo-se sua tensão superficial, seria possível saber quando ela estava suficientemente carregada. A redação deste livro já ia adiantada, quando tomamos conhecimento de que esse processo havia sido experimentado nos Estados Unidos, para medir-se a energia das mãos de curadores psíquicos.

Na obra *Future Science*, de John White e Stanley Krippner, o Professor Robert N. Miller informa que, utilizando um medidor de tensão, modelo 20 Fisher, do tipo Du Nouy, foram feitas medições em água tratada pelas Sras. Worral e Kathryn Hill, conhecidas curadoras, podendo observar-se uma diminuição na tensão superficial de 7,2 e 7,6 dinas/cm, respectivamente, em relação à água sem tratar, da mesma procedência.

Segundo Miller, a transferência máxima de energia acontece quando a água é colocada em tubos de ensaio, que o curador segura entre as mãos, durante vinte minutos. Comprovaram, ainda, que a tensão superficial da água recupera lentamente seus valores normais em vinte e quatro horas, sinal de que, neste período, perde suas propriedades curativas. Outra observação

é que, se a água tratada for vertida em um recipiente de aço inoxidável e agitada, recupera sua tensão superficial em poucos minutos.

Eis aqui, pois, um método que, aplicado à água da pirâmide, permitir-nos-ia saber a potência e variações sofridas pela energia piramidal. Cotejando tais medidas com os fatores que sabemos tomarem parte no processo, conheceremos objetivamente como cada um de tais fatores intervém, de modo quantitativo.

3

COMO CONFECCIONAR UMA MANTA ORGÔNICA

No capítulo 11, mencionamos os trabalhos do Dr. Wilhelm Reich a respeito do orgone e de sua aplicação, mediante o que ele chama de "manta de energia".

Como já dissemos, orgone, od, prana, bioenergia, etc., não são mais que nomes diferentes para uma mesma energia. Da mesma forma como usamos a pirâmide para acumulá-la, Reich utilizava a manta de energia, a caixa orgônica e outros acumuladores similares, todos eles baseados na manta.

Segundo Reich, a energia condensada por sua manta depende, até certo ponto, dos fatores meteorológicos. Os dias ensolarados são os melhores; em dias de mau tempo mal se consegue captar energia, sendo igualmente prejudiciais para o funcionamento da manta, a chuva, a névoa e a poluição. As tempestades elétricas podem causar a acumulação de um excesso de carga, capaz de tornar-se perigoso.

Colocando-se a manta diz-nos ele — a tensão e o esgotamento desaparecem em uma hora e consegue-se um estado de relaxação e bem-estar; duas ou três aplicações da manta acabam com um resfriado em dois dias...

Como se pode ver, manta orgânica e pirâmide atuam de forma muito similar. É por isso, e para que possam fazer comparações entre uma e outra, que indicaremos como se constrói a manta de Reich.

Se lhes for possível conseguir uma velha manta de lã, cortem três pedaços de 50 cm de comprimento por outros de 50 cm de largura. Consigam também lã fina de aço em quantidade suficiente para serem feitas duas camadas de tamanho igual ou um pouco maior que o da manta.

Coloquem um pedaço de manta sobre uma mesa, o qual será coberto em seguida por uma camada da lã de aço; sobre a camada da lã de aço será colocada o segundo pedaço de manta, que também ficará coberto por uma segunda camada de lã do aço; por fim, superponham ao conjunto o terceiro pedaço da manta. Basta que costurem o "sanduíche" pelas bordas e terão pronta a sua manta energética.

As medidas que fornecemos são as mais práticas, mas cada um pode escolher o tamanho que melhor lhe convenha, desde o de um lenço, ao de uma coberta de cama. Da mesma forma, pode-se usar tantas camadas quantas se queira, desde que a primeira e última cobertura sejam de lã.

O material também pode ser substituído, a gosto de cada um. Indicamos os mais eficientes, mas há quem substitua a lã por seda, linho ou algodão. Da mesma forma, ao invés de lã de aço, pode-se empregar qualquer outro material inorgânico. Segundo Reich, o importante é que sejam alternadas as camadas de material orgânico e inorgânico.

A caixa orgânica não passa de uma caixa, cujas paredes são formadas por mantas orgônicas. Nelas, Reich substitui a lã por madeira, com o fito de proporcionar-lhes maior solidez. Outros investigadores também costumam substituir a lã de aço por placas

Uma experiência a realizar, seria a construção de uma pirâmide com mantas orgônicas.

4

O ROTOR RIPOFF

Enrietta Birdbrain, especialista americana em fotografia Kirlian, visitou Praga em princípio de 1973, onde o Dr. Ripoff lhe apresentou o gerador psicotrônico que leva seu nome e explicou a maneira de construí-lo. O informe apareceu na publicação mensal de Boston *East West Journal*, de maio de 1974. Vejamos, agora, como é construído o rotor.

Pegue uma folha de papel forte e corte uma tira de comprimento por 75mm de largura. Faça três incisões de 11 mm, a uma distância de 5 mm da borda, tal como é indicado no desenho (figura 19). A seguir, cole os extremos do papel em uns 8mm para formar em tubo, no qual ficarão superpostas as duas incisões dos extremos, formando uma única, oposta à central.

Corte uma tira do mesmo papel, com 75mm de comprimento por 10 mm de largura, e marque o centro da mesma, a fim de poder atravessá-lo por uma agulha muito fina de aço, que deve sobressair apenas de 5 a 8mm.

Introduza essa tira nas incisões do tubo, de modo a que a agulha fique centralizada sobre o eixo do cilindro, e assim estará construído o rotor Ripoff.

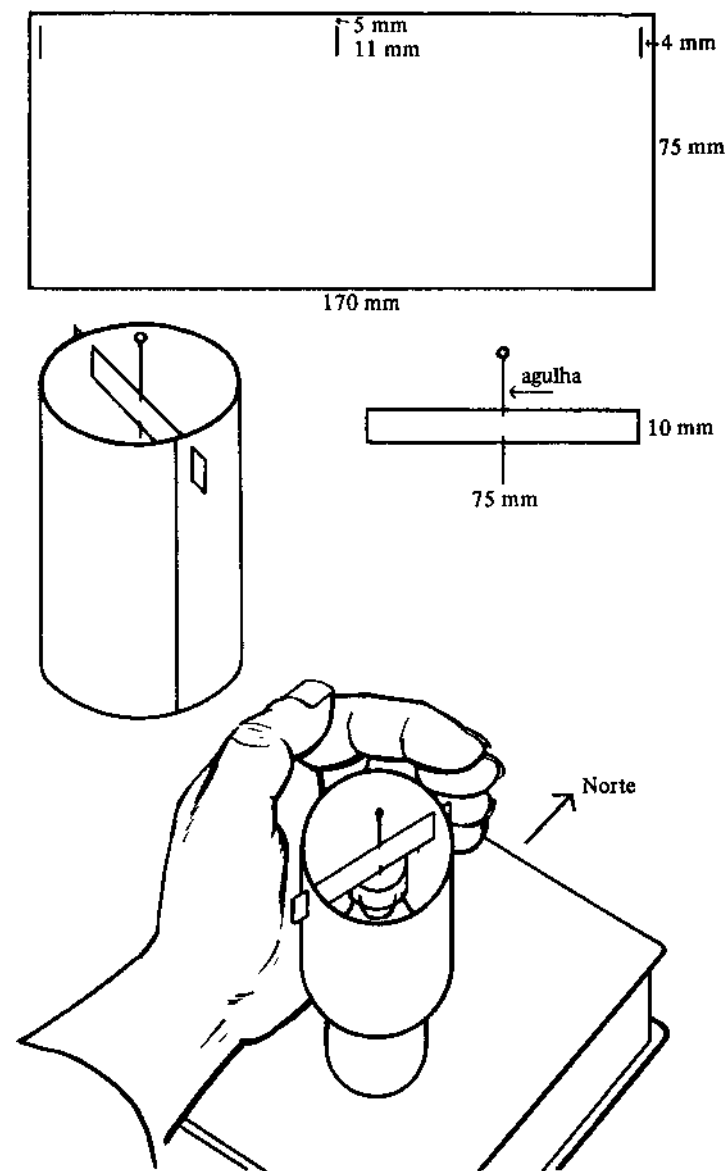


FIG. 19.

Procure um frasco ou objeto cilíndrico de vidro, sobre o qual possa apoiar o rotor, de tal modo que ele se mantenha sobre a ponta da agulha, bem equilibrado, mas sem tocar o frasco ou o solo.

Coloque sua mente em branco e concentre sua energia psi no rotor, desejando intensamente que ele gire. Seja paciente. O normal é que transcorra tudo num minuto, antes que sua energia mental produza algum efeito. Quando isso acontecer, o rotor começará a girar lentamente.

Algumas pessoas conseguem fazê-lo girar na primeira tentativa, enquanto que outras requerem uma longa prática, antes de consegui-lo; isto é pessoal e depende da energia psi da pessoa. Não desanime e continue praticando.

Como já dissemos antes, para nós o rotor Ripoff nada mais é senão uma atualização do pequeno moinho do Sr. de Tromeilin, que foi apresentado em 1910 ao Congresso Experimental de Psicologia de Paris. Em seguida, transcrevemos o dito informe, de maneira bastante abreviada:

"Em uma folha de papel forte, corte-se uma faixa de 4 a 6 centímetros de largura por 15 a 20 de comprimento. Colem-se as bordas, para que seja formado um cilindro.

"Com duas palhas, situadas diametralmente e em cruz, construa-se uma pequena armação em um dos extremos do cilindro. As palhas serão cortadas exatamente na medida do cilindro e coladas ao papel por seus extremos ou, preferindo-se, que sejam cortadas um pouco mais compridas e fixadas simplesmente por fendas, de tal maneira que se cruzem sem romper-se. No cruzamento das palhas — no eixo do cilindro — atravessa-se uma agulha de aço.

"Esta espécie de abajur, cujo centro de gravidade será mais baixo que a ponta da agulha (que não deve sobressair das palhas mais que um centímetro), poderá girar em equilíbrio sobre essa ponta; um tubo de aspirina ou um pequeno frasco de vidro servirão como suporte do moinhozinho.

"Quando se aproxima a mão do cilindro, a uma distância que será proporcional à força fluídica do experimentador, o aparelho entrará em movimento, girando em um sentido ao

aproximar-se uma das mãos e em sentido inverso ao aproximar-se a outra. Em geral, apesar de variável segundo a pessoa, a distância entre as mãos e o pequeno moinho é de 1 a

"O sentido do giro depende da polarização do experimentador."

5

ENDEREÇOS

Por motivo da publicação do livro *El Poder Mágico de las Pirâmides*¹, de Toth e Nielsen, pelas Ediciones Martínez Roca, foram recebidas inúmeras cartas, solicitando endereços para aquisição de material e dados sobre pirâmides. Uma vez que, atualmente, existem apenas firmas americanas dedicando-se isso, incluímos os endereços que julgamos mais interessantes:

Fornecedores de pirâmides

Toth Pyramid Company, Inc.
Post Office Box 100
Floral Park, New York 11001

Pyramid System International
8222 Nestle Avenue
Reseda, Califórnia 91335

Plantas para construção de edifícios

Great Pyramid Cheops
Research and Development Company
8143 Big Bend Blvd.
Webster Groves, Missouri 63119

Pyramid Power Plus
440 East 75 Street
New York City, New York 10021

Pesquisadores

Mr. Robert Bruce Cousing
6 Balding Avenue
Poughkeepsie, New York 12601

Mr. Al Manning
E.S.P. Laboratory
7559 Santa Monica Blvd.
Los Angeles, Califórnia 90046

Revista de Pyramidologia

The Pyramid Guide
741 Rosarita Lane
Santa Barbara, Califórnia 93105

¹ Publicado no Brasil pela Record, com o título *A Força das Pirâmides*.

BIBLIOGRAFIA

- ATKINSON, R.J.C., Stonehenge and Avebury, Her Majesty's Stationery Office, Londres, 1959.
- BEDFORD-KENSINGTON, El Experimento Delpasse, Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1977.
- BUDGE, Sir E.A., Egyptian Language, Routledge and Kegan Paul, Londres.
- BURR, Harold Saxton, Blueprint for Immortality, Neville Spearman, Londres, 1972.
- BOVIS, A., De la Radiation de teus les Corps Décelées par le Pendule Paramagnétique, Edição do autor, Nice.
- BUTLER, W.E., The Magician, Wilshire, Califórnia, 1976.
- COXHEAD, Nona, Los Poderes de la Mente,, Heineman, Londres, 1976. (De breve publicação pela Ediciones Martínez Roca, Barcelona).
- CHARON, Jeane, L'esprit cet Inconnu, Albin Michel, paris, 1977.
- CHARPENTIER, Louis, El Enigma de la Catedral de Chartres, Plaza-Janés, Barcelona, 1969.
- CHAUMERY e BELIZAL, Traité Experimental de Physique Radiesthésique, Dangles, Paris, 1939.
- Essai de Radiesthésie Vibratoire, Dangles, Paris, 1956.
- DUVAL, Clément, L'Eau, Presses Universitaires de France, Paris, 1962.
- EBON, Martin, Misterious Pyramid Power, Signet, Nova York, 1976.
- ELIADE, Mircea, Herreros y Alquimistas, Alianza Editorial, Madri, 1974.
- Shamanism, Princeton, Nova Jérsei, 1972.
- Yoga, Inmortalidad y Libertad, la Pléyade, Buenos Aires, 1971.
- ENEL, Premiers Pas en Radiesthésie Thérapeutique, Omnium Littéraire, Paris, 1958.

— Radiations des Formes et Cancer, Omnium Littéraire, Paris, 1958.

FENG, Cia Fu e WILKERSON, Hug, Tai Chi and 1 Ching, Collier, Nova York, 1974.

FLANAGAN, Patrick, Pyramid Power, De Vorss, 1973.

— Beyond the Pyramid Power, De Vorss, 1975.

GARCIA ATIENZA, Juan, Los Supervivientes de la Atiántida, Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1978.

GAUQUELIN, Michel, Los Relojes Cósmicos, Plaza-Janés, Barcelona, 1970.

— La Santé et les Conditions Atmosphériques, Hachette, 1967.

HAWKES, Jaquetta, A Guide to the Prehistoric and Roman Monuments in England and Wales, Sphere, Londres, 1973.

HAWKINS, Gerald, Stonehenge Decoded, Souvenir, Londres, 1976.

— Beyond Stonehenge, Hutchinson, Londres, 1973.

HEISENBERG, Werner, La Imagen de la Naturaleza en la Física Actual, Ariel, 1976.

HERBERT, Jean, Spiritualité Hindoue, Albin Michel, Paris, 1972.

HITCHING, Francis, Earth Magic, Casell, Londres, 1976.

HOYLE, Fred, De Stonehenge la Cosmología Contemporánea, Alianza Editorial, 1976.

JOHNSON, Ken, The Ancient Magic of the Pyramids, Pocket, Nova York, 1977.

KARLGREN, Bernhard, Analytic Dictionary of Chinese, Dover, Nova York, 1974.

KERREL, Bill e COGIN, Kathy, The Guide to Pyramid Energy, Santa Mônica, Califórnia, 1975.

KING, Serge, Pyramid Energy Handbook, Warner Books, Nova York, 1977.

KOELLIKER, Théo, Symbolisme et Nombre D'Or, Omnium Littéraire, Paris, 1957.

KRIPPNER, Stanley e RUBIN, Daniel. The Energies of Consciousness, Interface. Nova York, 1975.

LAFFOREST, Roger de, Casas que Matan, Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1976.

LAU, D.C., Lao Tzu: Tao Te Ching, Penguin, Londres, 1976.

LAVIER, Jacques André, Medicina China, Medicina Total, Acervo, Barcelona, 1973.

MICHELL, John, The Earth Spirit, Thames and Hudson, Londres, 1975.

— The View Over Atlantis, Ballantine, Nova York, 1969.

MOFFETT, Robert K., Secrets of the Pyramids Revealed, Tempo Books, Nova York, 1976.

MOINE, Michel, La Radiestesia, Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1974.

NEWHAM, C.A., The Astronomical Significance of Stonehenge, Blackburn, Inglaterra, 1972.

ODIER, Daniel e SMEDT, Marc de, Las Místicas Orientales, Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1975.

OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn, Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain, Prentice-Hall, 1970.

— Handbook of Psychic Discoveries, Berkley, Nova York, 1974. (De breve publicação pela Ediciones Martínez Roca, Barcelona).

OUSELEY, S.G.J., The Power of the Rays, Fowler, Londres, 1975.

PICCARDI, G., The Chemical Basis of Medical Climatology, Charles C. Thomas, Springfield, 1962.

POCHAN, André, El Enigma de la Gran Pirámide, Plaza-Janés, Barcelona, 1973.

PURCE, Jill, The Mystic Spiral, Thames and Hudson, Londres, 1974.

RAWSON, Philip e LEGEZA, Laszlo, Tao, Thames and Hudson, Londres, 1973.

RIEKER, Hans-Ulrich, The Yoga of Light, Allen and Unwin, Londres, 1972.

RUSSELL, Edward W., Report on Radionics, Spearman, Londres, 1973.

— Design for Destiny, Spearman, Londres, 1973.

SCHUL, Bill e PETTIT, Ed, The Secret Power of Pyramids, Fawcett, Nova York, 1975.

— The Psychic Power of Pyramids, Fawcett, Nova York, 1975.

STARK, Norman, The First Practical Pyramid Book, Scheed Andrews and McMeel, Inc., Kansas City, 1977.

THOM, A., Megalithic Sites in Britain, Oxford U.P., Londres, 1967.

— Megalithic Lunar Observatories, Oxford U.P., Londres, 1971.

TOMPKINS, Peter, Secrets of the Great Pyramid, Harper and Row, Nova York, 1971.

TOMPKINS, Peter e BIRD, C., La Vida Secreta de las Plantas, Diana, México.

TOTH, Max e NIELSEN, Greg, El Poder Mágico de las Pirámides, Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1977.

TURENNE, L., De la Baquette de Coudrier aux Détecteurs du Prospecteur, Edição do autor, Paris, 1931-1945.

VALENTINE, Tom, The Great Pyramid: Man's Monument to Man, Pinacle Books, Nova York, 1975.

VIVEKANANDA, Swami, Les Yogas Pratiques, Albin Michel, Paris, 1970.

WHITE, John e KRIPPNER, Stanley, Future Science, Anchor, Nova York, 1977.

WATKINS, Alfred, The Old Straight Track, Garnstone, Londres, 1970.

YOGANANDA, Paramahansa, Autobiografía de um Yogui Contemporáneo, Siglo Veinte, Buenos Aires, 1956.

YÜ, Lu K'uan, Taoist Yoga, Rider, Londres, 1972.

Revistas consultadas :

L'autre Monde, Paris.

Historia 16, Madri.

Investigación y Ciencia, Barcelona.

Science et Vie, Paris.

Science et Avenir, Paris.

Pyramid Guide, Califórnia.

Finalmente desvendado o segredo das misteriosas energias que atuam nas pirâmides. O tema que provocou os maiores comentários e controvérsias, em nível mundial, nos últimos anos.

Novas e sensacionais experiências, fruto das mais recentes investigações.

Dos tempos antigos até nossos dias, as pirâmides têm sido motivo de uma controvérsia centralizada na possibilidade de que tais estruturas geométricas possuem os segredos do universo em seu interior. O PODER DAS PIRÂMIDES é um complemento prático da obra de iniciação ao tema sobre a força das pirâmides. Em realidade, as múltiplas experiências efetuadas deram lugar a um livro basicamente prático, que deixará satisfeitos os milhares de leitores que apreciam a piramidologia e ansiavam poder dedicar-se a novas experiências.

A útil disposição desta obra permite a realização de inúmeras experiências, ao mesmo tempo que oferece idéias suficientes, a fim de que o leitor possa criar suas próprias linhas de investigação.

Os autores, veteranos estudiosos desta ciência, resumiram cinco anos de investigações sobre as formas geométricas, com uma dedicação especial à forma piramidal. Empregando maquetes de diversos materiais, tamanhos e cores, muitas delas de criação própria, comprovaram e analisaram a realidade das experiências levadas a cabo pelos principais investigadores mundiais e, a essa investigação crítica, uniram numerosos experimentos inéditos, descobertos durante suas investigações pessoais.

Um de seus maiores resultados foi a criação de um novo tipo de pirâmide, a multicolorida, que acompanha a presente obra.

Eis algumas das sensacionais experiências que podem ser efetuadas: Fins terapêuticos (luxações, ferimentos, dores reumáticas). Meditação. Mumificação orgânica. Experiências psíquicas. Crescimento das plantas.

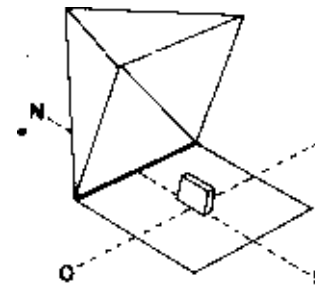
PIRÂMIDE EXPERIMENTAL MULTICOR

Após diversas experiências, comprovou-se a vantagem da pirâmide multicolor sobre de cor única. Na realidade, além de os seus efeitos serem mais lentos, permite um melhor controle das experiências. As pirâmides de uma só cor podem produzir maiores diferenças, o que não acontece nas multicores.

Este tipo de pirâmide utiliza-se em:

- a) Fins terapêuticos: luxações, feridas, dores reumáticas, re-
vitalização, recuperação das faculdades sexuais.**
- b) Meditação. Auxílio à concentração.**
- c) Mumificação orgânica. Controle do processo.**
- d) Desenvolvimento das faculdades PSI. Experiências psi-
quicas.**
- e) Aceleração do processo orgânico. Crescimento equilibrado
das plantas.**
- f) Regeneração das plantas de adorno.**

Também se poderão realizar todas as experiências contidas no livro, ainda que, devido ao seu pequeno tamanho, só se obtenham fracos resultados. Para aumentar o índice de efetividade, junta-se uma tabela de medidas com qual se conseguem construir pirâmides de até 10 metros de altura.



INSTRUÇÕES PARA A MONTAGEM:

- 1) Situe a base da pirâmide no local escolhido. Coloque no centro uma bússola de forma que os seus eixos NS e EO coincidam com os da pirâmide.
- 2) Sobre o local escolhido, marque os ângulos da base e o Norte, fim de poder retirar e recolocar sem ter de orientar de novo.
- 3) Arme o pedestal e cole-o no lugar assinalado na base. Desdobre pirâmide e junte a face de cor negra à linha limite de Norte da base, unido-as com fita adesiva de forma a poder baixar e levantar pirâmide com facilidade.
- 4) Montado o conjunto, coloque-o sobre as marcas do local escolhido e pirâmide está pronta ser utilizada.

Finalmente desvendado o segredo das misteriosas energias da pirâmide!

O PODER DAS PIRÂMIDES

Comprove pessoalmente estas sensacionais experiências:

Aplicações com finalidades terapêuticas

**(luxações, ferimentos, dores reumáticas,
recuperação das faculdades sexuais).**

Meditação. Desenvolvimento das faculdades psíquicas.

Mumificação. Aceleração do crescimento das plantas.